AUSTRÁLIA
E
HOLANDA
1955

KRISHNAMURTI

Austrália e Holanda 1955

Krishnamurti

1951

Austrália e Holanda

- 1955 -

Palestras realizadas em 1955 em Sídnei (Austrália) e em Amesterdão (Holanda).

J. KRISHNAMURTI

Austrália e Holanda

- 1955 -

TRADUÇÃO DE
HUGO VELOSO

Editado pela
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Avenida Presidente Vargas, 418, sala 809
RIO DE JANEIRO — BRASIL

AUSTRALIA — 1955

1.ª CONFERÊNCIA DE SÍDNEI

COMO há muitas concepções errôneas, idéias fantásticas, e tantas esperanças sem base nem fundamento algum, acho de importância compreendamos uns aos outros e que se estabeleça a relação correta entre o orador e cada indivíduo aqui presente.

Em primeiro lugar, o que vou dizer, nesta série de conferências, não está baseado em nenhuma religião indiana, e tampouco estou representando qualquer filosofia particular. O pensamento não tem nacionalidade nem fronteiras e o que vamos tentar nesta tarde é descobrir, por nós mesmos, o que é que quase todos andamos a buscar. Podeis ter vindo aqui com várias idéias, certas esperanças, a buscar alguma revelação por parte do orador, e acho que devemos, desde já, afastar tôda e qualquer idéia errônea. Assim sendo, permíto-me sugerir-vos escuteis com a intenção de descobrir o que vou tentar transmitir-vos, e isso não consiste apenas em ouvir, mas em compreender realmente o que se diz. É dificílimo ouvir corretamente, porque a maioria de nós tem suas opiniões, juízos, conclusões, concepções, de modo que nunca escutamos verdadeiramente, ficando apenas a comparar, a avaliar, a opor a uma idéia outra idéia. Mas se souberdes escutar, não de "espírito aberto" — na vossa maneira de entender — mas com a intenção de compreender, então é bem possível que vós e eu descubramos, juntos, a maneira de considerarmos os nossos numerosos problemas.

Só podemos compreender os nossos problemas quando temos a capacidade de escutar, de prestar plena atenção,

e esta atenção plena não é possível se estamos a buscar um fim, uma resposta. Só existe atenção se a mente se acha verdadeiramente quieta, porque então ela é capaz de receber, de compreender; mas, a mente que está ocupada com suas próprias respostas, que está tôda entregue à busca de algum resultado, essa mente nunca está quieta, sendo portanto incapaz de atenção plena. É pois muito importante escutar com tôda a atenção, não apenas o que se ouve dizer, mas a tôdas as coisas da vida, porque só assim a mente é livre e poderá descobrir o que é Verdadeiro e se alguma coisa existe além de suas próprias fantasias.

É sôbre isto que quero falar nesta tarde e em tôda a duração destas conferências. É possível libertar a mente, não para aceitar, mas, sim, para investigar profundamente, descobrir se há ou não há a Realidade, Deus? Por certo, a mente é incapaz de tal investigação, se está interessada apenas em encontrar soluções para os seus insignificantes problemas, isto é, se só está interessada na fuga. Não poderá a mente ser livre, enquanto não houver compreendido o problema que a atormenta, e essa compreensão implica autoconhecimento, uma percepção plena de suas próprias atividades.

Todos os nossos problemas são, com efeito, problemas individuais, porquanto o indivíduo é a sociedade. Não há sociedade sem o indivíduo, e enquanto o indivíduo não compreender completamente a si mesmo, tanto o seu "eu" consciente como o inconsciente, tôdas as reformas que conceber, os deuses que inventar, as verdades que buscar, serão muito pouco significativos. Assim, o problema individual é o problema mundial — o que é bastante óbvio. E o problema mundial só poderá ter fim quando o indivíduo compreender a si mesmo, as atividades de sua mente, as operações de sua consciência. Haverá então a possibilidade de se criar um mundo diferente, um mundo sem nacionalidades, sem fronteiras de crença, sem dogmas políticos ou religiosos.

Assim, pois, parece-me importantíssimo se descubra o que é que estamos buscando. Esta não é uma pergunta para efeito retórico, porém, sim, uma pergunta que cada um deve, inevitàvelmente, fazer a si mesmo; e quanto mais amadurecidos, quanto mais inteligentes e vigilantes formos, tanto mais forte e mais urgente deve ser o nosso empenho em descobrir o que é que estamos buscando. Infelizmente, a maioria das pessoas faz esta pergunta de maneira superficial, e portanto se satisfaz com qualquer resposta superficial. Mas, se vos interessa investigar esta questão, descobrireis que a mente está apenas procurando alguma espécie de satisfação, alguma fantasia que lhe dê agrado e confôrto. E depois de encontrar ou criar para si o abrigo de uma opinião ou conclusão, aí ela se deixa ficar e a busca, aparentemente, chega ao seu fim. Ou, se nos sentimos insatisfeitos, começamos a andar de uma filosofia para outra, de um dogma para outro, de uma igreja, uma seita, um livro, para outro, sempre em busca da segurança permanente, interior e exterior, a felicidade permanente, a paz permanente. Iniciamos nossa busca com uma mente já tornada inferior e superficial pela chamada educação, e essa mente, por conseguinte, só pode achar respostas inferiores e superficiais.

Portanto, antes de iniciarmos a busca, não achais muito importante compreender-se o processo da própria mente? Porque o que estamos buscando agora é bastante óbvio: estamos insatisfeitos com tantas coisas, e queremos satisfação. Vivendo infelizes, em conflito uns com os outros e com a sociedade, desejamos ser conduzidos a um pôrto de salvação, e em geral encontramos um guia ou dogma que nos satisfaz. Mas não há dúvida de que todo esfôrço dessa ordem é muito superficial, razão por que me parece mais importante se compreendam as operações da mente, do que tentar achar alguma coisa. O compreender a nós mesmos requer ilimitada paciência, uma vez que o "eu" é um processo muito complexo; e se não compreendermos a nós mesmos, o que quer que busquemos

será de muito pouca significação. Quando não compreendemos as nossas próprias ânsias e compulsões, tanto conscientes como inconscientes, elas produzem certas atividades que nos criam conflito íntimo. E o que estamos procurando é o meio de evitar ou fugir a êsse conflito, não é exato? Assim, enquanto não compreendermos o processo de nós mesmos, do nosso pensar, nossa busca será sumamente superficial, estreita e pouco significativa. Perguntar se há Deus, se há a Verdade, o que existe além da morte, ou se há reincarnação — isso é infantil demais — se assim me posso expressar, porque quem faz tais perguntas não compreendeu a si mesmo, não compreendeu o processo total do seu pensar. E, na falta de autoconhecimento, qualquer investigação só conduzirá a asserções sem base alguma.

Assim, pois, se desejamos deveras criar um mundo diferente, relações diferentes entre os seres humanos, uma atitude diferente perante a vida, é essencial, em primeiro lugar, que compreendamos a nós mesmos, não achais? Isto não supõe concentração egocêntrica, que só pode trazer desditas. Estou apenas alvitrando que, sem autoconhecimento, sem um profundo conhecimento de nós mesmos, tôda investigação, todo pensamento, tôdas as conclusões, opiniões e apreciações, são muito pouco significativos. Na maioria, estamos condicionados, como cristãos, socialistas, comunistas, budistas, maometanos, etc., e nossa existência transcorre tôda dentro dêstes estreitos limites. Nossa mente está condicionada pela sociedade, pela educação, pelo meio cultural, e se não compreendemos o processo total dêsse condicionamento, a nossa busca, o nosso saber, a nossa investigação só pode conduzir a novos malefícios e piores aflições, como realmente está acontecendo.

O autoconhecimento não obedece à fórmula nenhuma. Podeis recorrer a um psicólogo ou psicanalista, para descobrirdes algo a respeito de vós mesmo, mas tal coisa não é autoconhecimento. O autoconhecimento se torna

existente quando estamos cônscios de nós mesmos nas relações, as quais nos mostram, momento por momento, o que somos. As relações são um espelho onde nos podemos ver tais como somos. Mas em geral somos incapazes de observar a nós mesmos, nas relações, porque começamos logo a condenar ou a justificar o que vemos. Nós julgamos, avaliamos, comparamos, rejeitamos ou aceitamos, mas nunca observamos o que há realmente — o que é realmente — pois à maioria de nós isso se afigura a coisa mais difícil que há. No entanto, só aí se encontra o começo do autoconhecimento. Se uma pessoa é capaz de ver a si mesma, tal como é, nesse espelho maravilhoso das relações, que reflete sem desfigurar; se é capaz de olhar-se nesse espelho com tôda a atenção, para ver o que é, tomar conhecimento dêle, sem condenação, sem julgamento, sem avaliação — e isso se pode fazer quando há um empenho muito sério — haverá de descobrir que a mente é capaz de se libertar de todo e qualquer condicionamento; e só então é que a mente ficará livre para descobrir o que há além da esfera do pensamento. Afinal, por mais inferior ou por mais ilustrada que seja, a mente está, consciente ou inconscientemente, limitada, condicionada, e por mais dilatada que seja a esfera dêsse condicionamento, êle nunca sai da esfera do pensamento. Assim, a liberdade é uma coisa completamente diferente.

A coisa importante, por conseguinte, é o autoconhecimento, a percepção de nós mesmos, como somos, no espelho das relações. É muito difícil observarmos a nós mesmos sem desfiguração, porque fomos educados para desfigurar, para condenar, comparar, julgar; mas se a mente é capaz de observar a si mesma sem desfiguração, — e ela o é — descobrireis, pelo experimentar, que a mente **pode** descondicionar-se.

A maioria de nós interessa, não o descondicionamento da mente, mas o meio de condicioná-la melhor, torná-la mais nobre, menos **isto** e mais **aquilo**. Nunca investigamos a possibilidade de a mente descondicionar-se de todo. E só

a mente que está tôda descondicionada, é capaz de descobrir a realidade, e não aquela que busca e encontra uma resposta de seu agrado, não a que é cristã, hinduista, comunista, socialista ou capitalista; essa mente cria apenas mais aflições, mais conflitos e problemas. Pelo autoconhecimento pode a mente libertar-se de todo o seu condicionamento, e isso não é uma questão de tempo. A libertação mental do condicionamento só se torna possível quando percebemos a necessidade de uma mente não condicionada. Mas nunca pensamos nisso, nunca o investigamos, e só nos temos limitado a aceitar a autoridade. E há certos grupos de pessoas que dizem que a mente não pode ser descondicionada e que, portanto, devemos condicioná-la de uma maneira melhor.

Ora, eu estou sugerindo que a mente pode ser descondicionada. Não pretendo fazer-vos aceitar o que digo, o que seria estupidez; mas, quando uma pessoa está realmente interessada, poderá descobrir por si mesma se é possível a mente ser descondicionada. Certo, essa possibilidade só existe quando percebemos que estamos condicionados e não aceitamos êsse condicionamento como coisa nobre, coisa digna de aprêço, como parte da cultura social. A mente descondicionada é a única mente verdadeiramente religiosa; e só a mente religiosa pode realizar a revolução fundamental, que se mostra tão necessária, e não é a revolução econômica, a revolução dos comunistas ou dos socialistas. Para descobrir o que é verdadeiro, a mente precisa conhecer a si mesma, ter autoconhecimento, que significa estar atenta para todos os seus impulsos e exigências, conscientes e inconscientes; mas a mente que é só um resíduo de tradições, de valores, da chamada cultura e educação, essa mente é incapaz de descobrir o que é verdadeiro. Ela poderá dizer que crê em Deus, mas o seu Deus não tem realidade, já que é, tão só, uma projeção de seu próprio condicionamento.

Como vemos, a nossa busca dentro do campo do condicionamento, não é busca nenhuma, e acho importante

compreender isso. Uma mente inferior nunca descobrirá o que existe além da esfera mental, e mente condicionada é mente inferior, quer creia em Deus, quer não. É por esta razão que tôdas as crenças e dogmas que defendemos, tôdas as autoridades, principalmente as autoridades espirituais, têm de ser rejeitadas, porque só então se tornará possível o descobrimento do que é eterno, atemporal.

Tenho aqui algumas perguntas, mas antes de considerá-las, devo dizer que acho importante compreender que para as perguntas sérias não há respostas categóricas, positivas ou negativas. Para as perguntas concernentes à vida, não há resposta "sim" ou "não". O mais importante é a compreensão da pergunta, porquanto a resposta está contida na pergunta, e não fora dela. Mas isso se afigura, à maioria de nós, uma impossibilidade, tal a nossa sofreguidão de uma resposta imediata, de um paliativo ao nosso sofrer e à nossa confusão; e quando buscamos respostas imediatas, caímos fatalmente em ilusões e aflições maiores. É muito difícil compreendermos o problema, porque a nossa mente já está a buscar a sua solução, e portanto não está aplicando tôda a atenção ao problema. Pensamos no problema como um empecilho que precisamos remover, afastar para longe, evitar. Mas se a mente fôr capaz de considerar o problema, sem buscar-lhe a solução, sem traduzir o problema em têrmos de seu próprio confôrto, nesse caso o problema sofrerá uma transformação fundamental.

PERGUNTA: *Dissestes que só podemos descobrir a nós mesmos nas relações. O "eu" é uma entidade isolada, ou não pode haver "eu" sem relações?*

KRISHNAMURTI: Aí está, com efeito, uma questão interessantíssima, e vejamos se vós e eu podemos deslindá-la, juntos. Estamos agora pensando juntos; não estais a esperar uma resposta de mim. O problema vos concer-

ne, e se, com a ajuda da minha palavra, pudermos penetrá-lo fundo, acho que, direta ou indiretamente, descobriremos uma multidão de coisas, sem precisarmos que ninguém nos revele nada.

Eu disse que só podemos descobrir a nós mesmos nas relações. Isto é exato, não? Ninguém pode reconhecer a si mesmo, o que realmente é, a não ser nas relações. A cólera, o ciúme, a inveja, a sensualidade, tôdas estas reações só existem nas nossas relações com pessoas, coisas e idéias. Se não há relação nenhuma, se é completo o isolamento, ninguém pode conhecer a si mesmo. A mente poderá isolar-se, imaginar-se alguém, mas isso é um estado de desequilíbrio, de loucura, e em tal estado não pode a mente conhecer a si própria. A mente só pode ter idéias a respeito de si mesma, como é o caso do idealista que se isola do fato daquilo que êle próprio é, tentando alcançar o que "deveria ser". É o que quase todos nós estamos fazendo. Porque as relações são dolorosas, queremos isolar-nos dessa dor, e no processo de isolamento criamos a idéia do que "deveria ser", uma coisa imaginária, invenção da mente. Assim, é bem óbvio que só nas relações podemos conhecer a nós mesmos, tais como somos realmente.

Espero que estejais interessados, já que tudo isso faz parte da nossa atividade diária, é a nossa própria vida, e se não o compreendermos, muito pouca significação terá o assistirmos a uma série de reuniões ou adquirirmos conhecimentos dos livros.

A segunda parte da pergunta reza: "O "eu" é uma realidade isolada, ou não pode haver "eu" sem relações?" Por outras palavras: "Eu" só existo em relação, ou tenho existência como uma realidade separada, que não necessita de relações? Acho que esta última alternativa é a que quase todos preferimos, uma vez que as relações são dolorosas. Mesmo no preenchimento que se encontra nas relações, há mêdo, ansiedade. e sabendo disso, a mente procura isolar-se com os seus deuses, seu "eu superior",

etc. A natureza mesma do "eu", do "ego", é processo de isolamento, não achais? O "eu", e tudo o que interessa ao "eu" — **minha** família, **minha** propriedade, **meu** amor, **meu** desejo — é processo de isolamento, sendo que, num certo sentido, êsse processo é uma realidade, já que realmente se verifica. E pode a mente que está fechada no "eu" descobrir alguma coisa além de si própria? Claro que não. Poderá alargar a sua clausura, as suas fronteiras, dilatar a sua área, mas continua sendo consciência do "eu".

Ora, quando sabeis que estais em relação? Tendes consciência de estar em relação quando há perfeita unanimidade, quando há amor? Ou a consciência de se estar em relação só aparece quando há atrito, conflito, quando estamos exigindo alguma coisa, quando há frustração, mêdo, competição entre o "eu" e "outro" que está em relação com o "eu". Existe o sentimento de "minha pessoa em relação" quando não sofro? Consideremos isso de maneira muito mais simples.

Se não sofreis, sabeis que existis? Digamos, por exemplo, que sejais feliz por um momento. Nesse momento preciso do experimentar da felicidade, tendes consciência de que sois feliz? Ora, é só um segundo após que vos tornais cônscio de ser feliz. E não há possibilidade de a mente libertar-se de tôdas as suas exigências e pretensões, para que o "eu" deixe de existir? Então, é bem possível que as relações tenham um significado completamente diferente. As relações são atualmente utilizadas como meio de segurança, meio de autoperpetuação, auto-expansão, auto-engrandecimento. Tôdas estas qualidades constituem o "eu", e se elas desaparecerem, poderá surgir um outro estado em que as relações terão uma significação tôda diferente. As relações, em geral, estão atualmente baseadas na inveja, visto que a inveja é a base da atual civilização e, por conseguinte, nas nossas relações mútuas, que constituem a sociedade, há competição, violência, um batalhar sem fim. Mas se não há inveja, sob

forma alguma, nem consciente nem inconsciente, nem superficial nem de raízes profundas, se a inveja desapareceu de todo, não são então as nossas relações completamente diferentes?

Assim, existe um estado mental não confinado na idéia do "eu". Notai, por favor, que isto não é uma teoria, uma filosofia para se pôr em prática, mas, se estais realmente escutando o que estou dizendo, não deixareis de experimentar a verdade aí contida. Serão completamente inúteis estas reuniões, nenhuma significação terão, se as estais tratando como meras conferências, que vindes ouvir, para as comentardes em conversas e depois as esquecerdes. Só terão um significado se estais escutando e ao mesmo tempo experimentando, diretamente, as coisas que estamos dizendo.

PERGUNTA: *Que entendeis por vigilância? É só "estar cônscio", ou algo mais do que isso?*

KRISHNAMURTI: Mais uma vez, deixai-me sugerir-vos que **escuteis** não apenas as minhas palavras mas também o significado das palavras, o que em verdade significa seguir "experimentalmente", através de minha descrição, o real funcionamento de vossa própria mente, enquanto aqui estais sentados.

Acho importante descobrir o que é a vigilância, porque ela é um processo extraordinàriamente real. Não se requer que nos exercitemos e meditemos todos os dias, para nos tornarmos "vigilantes". Isso não tem significação nenhuma.

Que entendemos por vigilância? Estar vigilante é saber que eu estou de pé aqui, e vós sentados aí. Temos consciência das árvores, de pessoas, de ruídos, do vôo rápido de um pássaro, e os mais de nós ficamos satisfeitos com esta experiência superficial. Mas se penetramos um pouco mais fundo, tornamo-nos cônscios de que a

mente está reconhecendo, registrando, associando, verbalizando, dando nomes; está constantemente a julgar, condenar, aceitar, rejeitar, e o perceber êsse processo em funcionamento faz também parte do estado de vigilância. Se profundamos mais ainda, começamos a perceber os motivos ocultos, o condicionamento cultural, os impulsos, as compulsões, as crenças, a inveja, o mêdo, os preconceitos raciais, que se acham sepultados no inconsciente e dos quais em geral não estamos cônscios. Tudo isso constitui o processo da consciência, não é verdade? A vigilância, pois, é a percepção dêsse processo em operação, tanto na consciência exterior como na consciência que está oculta; e podemos estar cônscios dêle nas relações, quando sentados à mesa, quando comemos, quando viajamos num ônibus.

Ora, existe alguma coisa além disso? A vigilância é algo mais do que o mero percebimento do processo da consciência? Êsse "algo mais" não poderá ser descoberto se não tiverdes compreendido todo o conteúdo de vossa consciência, porque todo desejo de achar "algo mais" será sempre mera projeção dessa consciência. Assim sendo, deveis em primeiro lugar compreender a vossa própria consciência, compreender o que sois, e só podeis compreender o que sois quando estais vigilante, o que significa: verdes a vós mesmo no espelho das relações. Mas não vos podeis ver exatamente como sois, se condenais o que vêdes. Isto é bastante simples. Se condenais uma criança, é claro que não a compreendeis. E nós condenamos, porque esta é a maneira mais fácil de nos livrarmos de um problema.

Assim, pois, estar vigilante, é compreender o processo total da mente, não só da mente consciente mas também da mente oculta, que se nos revela em sonhos; mas não entraremos agora nesta questão.

Se a mente puder estar vigilante, para perceber tôdas as suas atividades, tanto conscientes como inconscientes, terá então a possibilidade de ir mais longe. Para ir mais

longe, a mente precisa estar de todo quieta, mas uma mente quieta não é uma mente que foi disciplinada. A mente mantida sob contrôle não é mente calma, mas, sim, mente estagnada. A mente só fica imóvel, serena, ao compreender todo o processo do seu próprio pensar, e, então, tem ela a possibilidade de ir mais longe.

9 de novembro de 1955.

2.ª CONFERÊNCIA DE SÍDNEI

UM dos nossos grandes problemas, segundo me parece, é o de libertar-se a mente de sua superficialidade, pois a vida da grande maioria de nós é muito superficial, limitada, insignificante. Nosso pensar é também muito superficial, e acho que, se pudermos libertar a mente de sua mediocridade, sua atividade egocêntrica, haverá talvez a possibilidade de experiências mais amplas e profundas, de felicidade.

Quando nos tornamos cônscios de que somos medíocres e de que todo o nosso pensar é superficial, procuramos libertar a mente da sua superficialidade por meio de esforços vários. Mergulhamos fundo em nós mesmos, analisando, imitando, forçando, disciplinando, e esperamos dêsse modo engrandecer a mente e ter experiências mais amplas. Mas é possível, com a ajuda do pensamento, derribarmos as muralhas egocêntricas da experiência? O pensamento é o instrumento que libertará a mente?

Antes de ir mais longe, peço-vos que não aceiteis nem rejeiteis o que estou dizendo. Investiguemos juntos o problema, de modo que não vos limiteis a repetir o que ouvis mas, sim, experimenteis diretamente, por vós mesmos, a sua verdade ou falsidade. Para êsse efeito, acho muito importante saber **escutar**, prestar atenção. A mente que está ocupada é incapaz de atenção, e a mente da maioria das pessoas está sempre ocupada com alguma idéia, opinião, juízo. Quando se apresenta algo novo a uma mente em tais condições, dá-se uma reação imediata, de aceitação ou rejeição, a qual, com efeito, impede a compreensão, não é verdade? E o que estamos tentando, nesta tarde, é perceber se a mente que, na maioria dos

casos, é muito superficial e medíocre, pode ser libertada por qualquer forma de pensar, o que, em verdade, significa cultivo da memória. Temos à nossa frente problemas enormes, e a mente inferior — que pode ser muito astuciosa, muito sutil, muito ilustrada — não será capaz de resolver êstes problemas completa e definitivamente; o que faz é só multiplicar as nossas aflições. Assim sendo, é possível libertar-se a mente por meio do processo do pensar?

Estamos cônscios de que o nosso pensar é de ordem inferior, superficial, limitado, em todos os sentidos; e tem a nossa mente, em tais condições, alguma possibilidade de demolir as muralhas de sua própria limitação pelo processo do pensar? É isto o que estamos procurando fazer, não é verdade?

Mas o pensar liberta a mente? Que é pensar? A mente — tanto consciente como inconsciente — é resultado do tempo, da memória, resíduo de séculos de acumulação de conhecimentos, e a totalidade dessa consciência é o processo do pensar. Todo pensar, sem dúvida nenhuma, procede dêsse fundo constituído de muitas culturas, inumeráveis experiências individuais e coletivas, e êsse fundo, como é bem óbvio, é condicionado.

Qualquer de nós que observar a si mesmo e prestar atenção à sua própria consciência, poderá ver que ela é produto de muitas influências: clima, alimentação, autoridade sob várias formas, o meio social, com seus tabus, seus preceitos e proibições, a religião em que se foi educado, os livros que se leram, as reações e experiências que se tiveram, etc. Tôdas estas influências condicionam e moldam a mente, e é dêsse fundo que provém o nosso pensar. Isto é um fato óbvio e acho que não precisamos estender-nos mais a seu respeito.

Por conseguinte, o pensar, evidentemente, é o resultado da memória, e êsse resultado tem produzido o caos, a aflição, a luta que se trava interior e exteriormente. A mente é resultado do tempo, de muitas influências, da assim cha-

mada cultura e educação, e de que maneira poderá ela libertar-se de suas próprias atividades destrutivas? Espero que me esteja exprimindo com clareza.

Vemos que há no mundo caos e sofrimentos, e uma felicidade passageira. Aprendemos técnicas variadas, com o fim de ganhar a vida, de modo que temos cultivado a memória numa larga escala. Tôda a educação que recebemos nos leva a cultivar a memória, que é processo do tempo, e quando a mente está funcionando exclusivamente nessa esfera, ela é muito superficial, estreita, limitada. Nessas condições, há possibilidade, por meio do pensar, que é processo do tempo, de se alcançar ou descobrir algo que se acha além do tempo, lá onde reside a verdadeira criação?

Quase todos consumimos a nossa energia no mais estéril pensar, nossas vidas são guiadas pelos padrões de respeitabilidade, pelos decretos da sociedade, por várias formas de disciplina, repressão, resistência, e por isso há sempre ajustamento e temor. São muito poucos os que conhecem êsse extraordinário sentimento de criação, o qual evidentemente se encontra fora do tempo. Essa criação não é a que consiste em escrever um poema ou pintar um quadro, e, sim, o sentimento de se ser criador, sem necessàriamente se expressar êsse sentimento de alguma maneira. Essa ação criadora pode ser a Realidade, o Altíssimo, o Sublime, e enquanto a mente não tiver conhecimento dêsse estado criador, todo o seu pensar só haverá de produzir novos sofrimentos.

Em vista disso, há possibilidade de a mente se tornar cônscia do processo da influência — influência da sociedade, da civilização, das relações, da alimentação, da educação, dos livros, das religiões e dogmas? Pode tomar conhecimento de tudo isso, sem criar pensamentos com êsse conhecimento, deixando o pensamento cessar? Isto, com efeito, significa a cessação completa de todos os movimentos da mente, que é resultado do tempo, do passado.

Tôda verbalização do pensamento é produto do tempo,

da memória, e através dêsse processo a mente não pode, em tempo algum, descobrir nada novo. Não padece dúvida que o que chamais Deus, a Verdade, ou seja qual fôr o nome que lhe derdes, deve ser algo totalmente novo, nunca dantes experimentado. Essa realidade tem de ser descoberta momento por momento, o que só pode acontecer quando a mente está morta para o passado, para tôdas as influências acumuladas. Quando a mente, que é produto do tempo, da memória, é capaz de morrer, dia por dia, para tôdas as coisas que acumulou, só então terá a possibilidade de experimentar uma coisa totalmente nova, e essa coisa nova é a Realidade.

Vemos, pois, que a mente que conhece a continuidade, a mente produto do tempo, da memória, não pode jamais descobrir o novo. Quando a mente está tranqüila de todo, sem ter sido posta tranqüila pelo desejo nem por nenhuma espécie de compulsão, repressão ou imitação, quando há aquela tranqüilidade que vem juntamente com a compreensão profunda do processo do pensar — só então podemos experimentar o novo. Enquanto isso não acontecer, é claro que todo o nosso pensar terá de ser insignificante. Podemos ser muito talentosos, muito eruditos, capazes de penetrante análise e descobrimento, mas tal análise e descobrimento só podem conduzir a novas desgraças, como o provam os acontecimentos mundiais. Eis porque me parece importante, para aquêles que pensam diferentemente, que estão realmente interessados em ultrapassar as limitações da mente, que compreendam a si mesmos, todo o conteúdo de sua consciência, porque só assim poderão ter a mente perfeitamente tranqüila; e nessa tranqüilidade será possível manifestar-se a Realidade.

Temos aqui várias perguntas ou problemas. E que é um problema? Não há dúvida que a mente cria um problema quando está ocupada a analisar, a examinar alguma coisa, atormentando-se por causa dela. A vida é uma série de desafios; e é possível enfrentarmos êsses desafios sem criarmos problemas, isto é, sem darmos, na

nossa mente, solo propício aos problemas, permitindo-lhes enraizarem-se e se tornarem corrosivos, destrutivos? Por outras palavras, pode a mente ficar desocupada, de modo que possa enfrentar cada desafio de maneira nova? Afinal de contas, é a mente ocupada que cria problemas, e não aquela que está desocupada. Acho que teremos oportunidade de considerar de diferentes maneiras esta questão, nas palestras vindouras.

PERGUNTA: *Dizem certas pessoas que existem dois caminhos para a Suprema Realização, o oculto e o místico. Isto é fato, ou uma invenção arbitrária?*

KRISHNAMURTI: Parece que a maioria das pessoas tem a idéia de que a Realidade, Deus, ou o nome que lhe quiserdes dar, é algo fixo, permanente, e que há vários caminhos que levam a essa Realidade. Ora, existe alguma coisa permanente? Ou o fato é que a mente deseja algo permanente, algo duradouro, como o faz em tôdas as relações; por certo, a mente está buscando uma permanência — tranqüilidade permanente, felicidade permanente, uma realidade firme, imutável; e quando a mente está a buscar um estado permanente tem de criar caminhos para alcançar êsse estado.

Mas existe permanência, uma certa coisa eterna, perdurável? Ou não existe nenhuma permanência e, sim, um movimento constante — não o movimento que conhecemos, no tempo, mas um movimento fora do tempo? Se se crê que há algo permanente, fixo, imutável, no sentido em que empregamos estas palavras, isto é, dentro dos limites do tempo, então é lícito pensar que há vários caminhos para lá; então o oculto e o místico se tornam uma invenção arbitrária dos respectivos interessados. Assim, pois, o que importa é o descobrirmos diretamente, por nós mesmos, se há alguma coisa permanente.

Embora a mente deseje uma tranqüilidade permanente, uma paz permanente, um estado de felicidade suprema, etc., existe um tal estado de permanência? Se existe, então deve haver um caminho para lá, e o exercício, a disciplina, um sistema de meditação, são os meios necessários para alcançar êsse estado. Mas, se consideramos a questão um pouco mais atenta e profundamente, vemos que não existe coisa alguma permanente. A mente, entretanto, rejeita êste fato, porque quer achar alguma forma de segurança, e em virtude dêsse próprio desejo, "projeta" a idéia da Verdade como coisa permanente, absoluta, e começa, a inventar caminhos para lá. Esta invenção arbitrária tem muito pouca significação para o homem que deseja realmente descobrir o Verdadeiro.

Assim, não há caminho para a Verdade; a Verdade tem de ser descoberta momento por momento. Não é coisa resultante de experiência acumulada. Cada um precisa morrer para tôda experiência, porque quem está juntando, acumulando, é o "eu", a entidade que busca incessantemente a sua própria segurança, a sua própria permanência, continuidade. Tôda mente cujo pensar nasce dêsse desejo de autoperpetuação, o desejo de alcançar, o desejo de felicidade, neste mundo ou no outro, cairá fatalmente na ilusão e portanto no sofrimento. Mas, se, ao contrário, a mente começa a compreender a si mesma, pela percepção de suas próprias atividades, pela observação de seus próprios movimentos, suas próprias reações; se ela é capaz de morrer, psicològicamente, para o desejo de segurança, de modo que se torne livre do passado — que é o acúmulo de seus próprios desejos e experiências, que é perpetuação do "eu", do "ego" — ver-se-á então que não há caminho para a Verdade, mas, sim, um descobrimento constante, de momento a momento.

Afinal, a entidade que acumula, que entesoura, que tem continuidade, é o "eu", o "ego", que conhece o sofrimento e é produto do tempo. É a lembrança egocêntrica do "eu" e do "meu" — minhas posses, minhas virtudes,

minhas qualidades, **minhas** crenças — é essa lembrança que busca a segurança e deseja perdurar. Uma mente em tais condições, inventa todos êsses caminhos, que nenhuma realidade têm. Infelizmente, certas pessoas poderosas, de posição, exploram outras, dizendo-lhes que há diferentes caminhos, o oculto, o místico, etc. Mas, no instante em que compreendemos tudo isso, descobrimos que não há caminho para a Verdade. Quando a mente é capaz de morrer psicològicamente para tôdas as coisas que acumulou, para sua própria segurança, é só então que desponta a Realidade.

PERGUNTA: *Que é, segundo vós, a Liberdade?*

KRISHNAMURTI: Esta é realmente uma questão muito complexa e, se tendes paciência, vamos examiná-la.

A liberdade é uma coisa que se deve alcançar, ou ela deve existir desde o comêço? Deve a liberdade ser alcançada pela disciplina da mente, pelo contrôle, pela repressão, pelo ajustamento, ou deve existir simultâneamente com o pensar e o sentir? — o que não significa que devemos ceder aos nossos desejos.

Pode-se achar a liberdade, mediante ajustamento ao padrão de determinada sociedade, ou devemos ensejar a liberdade justamente no comêço? A sociedade, como a conhecemos atualmente, está baseada na inveja, na avidez, na ambição, na vingança, na competição econômica, visando ao sucesso, no desejo de ser alguma coisa; e há liberdade quando nos ajustamos a um tal padrão? Ou a liberdade existe fora dessa sociedade? Por certo, só há liberdade quando a mente já não está adquirindo, possuindo, quando cessou de ser ávida, invejosa. Só há liberdade quando a mente não está ocupada consigo mesma, com seu próprio sucesso, suas próprias ansiedades e problemas. E esta liberdade existe no fim ou no comêço? Todos dizem: "Disciplinai-vos, ajustai-vos, imitai, a fim de serdes livres". Todos falamos de liberdade, ao mesmo tempo que

estamos exercendo autoridade e, assim, acho importante examinarmos a fundo esta questão.

Existe liberdade dentro da esfera do tempo, da esfera da consciência, sendo a consciência as reações de uma dada cultura ou sociedade, os impulsos e compulsões, coletivos e pessoais. Tudo isso constitui a vossa consciência, não? O "vós" é constituído dessa consciência. Vós sois coletividade e não indivíduo. Podeis ter um nome, uma conta bancária, uma casa particular, certas capacidades, mas essencialmente vós sois coletividade, o que é um fato bem óbvio. Como cristão, australiano, hindu, budista, ou o que mais seja, tendes certas superstições, preconceitos, crenças, e, portanto, sois o resultado do coletivo. O homem não é realmente um indivíduo, a não ser que compreenda a influência coletiva, porque é só então que há liberdade e a possibilidade de surgir o indivíduo.

Pode-se ver que, enquanto nos estamos ajustando ao padrão da sociedade e somos apenas produtos do coletivo, não pode haver liberdade, mas só avidez e conflito, conflito entre diferentes grupos e entre os chamados "indivíduos", dentro de cada grupo. O conflito, a disciplina, o desejo de expansão, etc, estão dentro do padrão da sociedade, e, por certo, só pode haver liberdade quando não há espírito de aquisição, exigência de segurança psicológica, quando não há inveja. Quando compreendemos êsse padrão e ficamos, assim, livres de tôdas as crenças impostas pela sociedade, seja ela comunista ou capitalista, seja cristã ou hinduísta, talvez então possa surgir o indivíduo genuíno, aquêle que está completamente só, porém não isolado. O homem isolado está todo entregue à sua atividade egocêntrica, completamente fechado no seu egoísmo, nos seus interêsses egocêntricos. Mas eu me refiro a coisa muito diferente, à solidão que é incorruptível. Nesse estado há liberdade.

PERGUNTA: *Dizeis que é possível não estar condicionado. Vivendo neste mundo, como podemos chegar a êsse estado não condicionado e de que maneira êle transformará as nossas vidas?*

KRISHNAMURTI: Pergunto-me a mim mesmo se estamos cônscios de estar condicionados. Esta é a questão principal, não achais? Sabemos, vós e eu, que estamos condicionados, como cristãos ou hinduístas, condicionados de acôrdo com uma certa norma de pensamento, um certo padrão de ação, condicionados pela rotina de nossas ocupações diárias e todos os temores e tédios a ela inerentes? Sabemos que somos o produto das inumeráveis influências da sociedade? As igrejas, as cerimônias, as crenças e dogmas, as próprias palavras que usamos, exercem uma extraordinária influência sôbre nós, neurológica e bem assim psicològicamente.

Estamos cônscios de tudo isso? Se estamos, não desejamos também aperfeiçoar-nos, tornar-nos melhores? Não há condicionamento nobre e honroso, há só **condicionamento**. No entanto, quase todos estamos buscando uma maneira melhor de sermos condicionados. E é possível a mente descondicionar-se? Sei que certas pessoas dirão que não é possível, e aduzirão vários argumentos para provarem que não é. Mas o que **nós** vamos tentar, em primeiro lugar, é "experimentar", não teòricamente ou em algum sentido ilusório, mas experimentar pràticamente o fato de que estamos condicionados, e ver em seguida de que maneira a mente busca uma forma melhor de condicionamento. E, a seguir, o que devemos investigar por nós mesmos, sem dependermos de nenhuma autoridade, é se há possibilidade de a mente se tornar descondicionada. É claro que, se aceitamos qualquer espécie de crença, com relação ao condicionamento, estamos no mesmo caso do homem que crê e do que não crê em Deus. Nem o crente nem o descrente descobrirão jamais o que é verdadeiro. É

só quando nos libertamos tanto da crença como da não-crença, que estamos aptos a investigar, descobrir.

Assim, é óbvio, devemos, antes de tudo, perceber claramente que estamos condicionados. E se a mente não fôr capaz de descondicionar a si mesma, então, qualquer forma de pensar, qualquer reforma, qualquer atividade, há de produzir, forçosamente, conflitos e sofrimentos maiores ainda. Agora, ao perceber que está condicionada, que deve a mente fazer? Enquanto existir uma entidade separada, que observa que seu pensamento está condicionado, nunca haverá possibilidade de libertação do condicionamento, porque tanto o observador como a coisa observada, tanto o pensador como o pensamento estão condicionados. Não há um pensador separado, não-condicionado, porque o pensador é resultado do pensamento, e o pensamento resultado de condicionamento; por conseguinte, o pensador não pode descondicionar a mente por nenhum meio. Quando o pensador percebe que êle próprio é pensamento, que o observador é a coisa observada — o que é dificílimo, pois requer muita penetração, compreensão — só então é possível ser descondicionada a mente.

O interrogante deseja saber de que maneira a mente descondicionada transformará a vida, as atividades diárias do indivíduo. A mente descondicionada será utilitária? Se a mente fôr descondicionada, de que maneira beneficiará o nosso viver neste mundo? Essa mente concorrerá para transformar ou reformar o mundo? Qual a relação que ela terá com a sociedade em que tem de viver? Ela poderá não ter relação alguma com a sociedade, a sociedade que é atividade de ganância, de inveja, mêdo, aquisição e todos os valores morais nela baseados. O homem não-condicionado poderá influir na sociedade, mas tal não será sua preocupação principal.

Nosso problema, por conseguinte, é de saber se a mente pode ser descondicionada. Se fizerdes com tôda a sinceridade esta pergunta a vós mesmo, não temporàriamente, não apenas enquanto estais aqui sentado, mas se

deixardes a semente desta pergunta atuar, em vez de vós atuardes sôbre a pergunta, descobrireis então, diretamente, por vós mesmo, se a mente pode ser libertada de tôdas as influências da sociedade, das inumeráveis lembranças e valores tradicionais que jazem no inconsciente, e se, depois de descondicionar-se, terá esta transformação alguma significação para a sociedade.

Os mais de nós, infelizmente, não fazemos a nós mesmos perguntas sérias. Temos mêdo de fazer tais perguntas, porque delas pode resultar ação séria, uma revolução em nossa vida — e de fato é isso o que acontece. Quando fazeis realmente uma pergunta séria a vós mesmo, esta pergunta provoca uma reação extraordinária, que podeis não achar desejável e ter pouca vontade de conhecer. Mas estais em presença de uma questão muito séria, quer vos agrade quer não, porque o mundo, da maneira como está sendo governado, está dividido pelas nacionalidades, atormentado pelas guerras, aflições e miséria, e há necessidade de uma ação totalmente diferente para se encontrar a solução correta. As velhas soluções, os vèlhos argumentos, crenças, tradições e dogmas são de todo em todo inúteis. Não importa se sois cristão ou hinduísta, comunista ou capitalista; é a crença que está dividindo o mundo, a crença no nacionalismo, no patriotismo, na chamada superioridade desta ou daquela raça. A crença é que divide os homens em protestantes e católicos, místicos e ocultistas, e essa é a coisa mais estúpida que há. Requer-se, pois, uma mente diferente, uma mente verdadeiramente religiosa. Só a mente que ama é verdadeiramente religiosa, e a mente religiosa é que é revolucionária, e não a que está sob o domínio das crenças e dos dogmas. Quando a mente está cônscia, imparcialmente, (de uma maneira sem escocha) de que se acha condicionada, nessa percepção apresenta-se um estado que não é condicionado.

12 de novembro de 1955.

3.ª CONFERÊNCIA DE SÍDNEI

QUASE todos nós necessitamos de uma certa autoridade para moldar a nossa vida, o nosso próprio ser. Porque interiormente estamos muito incertos e confusos, sentimos necessidade de ser guiados por outros e, assim, fazemos o possível para encontrar a pessoa ou o guia mais qualificado para orientar-nos a conduta de vida. Pensamos que outros sabem mais do que nós e, dêsse modo, no desejo de descobrir se há uma Realidade, uma felicidade permanente, um estado de bem-aventurança, criamos gradualmente a autoridade.

Ora, êsse processo me parece completamente falso. Porque, se pudéssemos encontrar a luz dentro em nós mesmos, não teríamos necessidade de autoridade alguma, de nenhum Salvador ou instrutor. É a êste respeito que pretendo falar-vos hoje.

Esta é uma das questões mais importantes da nossa vida, não achais? Invariàvelmente, desejamos achar um instrutor, um guia, para moldar a conduta de nossa vida; e, no momento em que vamos pedir a outro uma norma de conduta, uma maneira de viver, criamos uma autoridade e a ela ficamos escravizados. Atribuímos à tal pessoa uma alta sabedoria, extraordinária ciência. E com essa atitude de "Eu sou ignorante, mas vós sabeis, sois mais experiente — dizei-me o que devo fazer" — com essa atitude gera-se, invariàvelmente, o mêdo, não é verdade? E ela não determina também o disciplinamento de nós mesmos, de acôrdo com a autoridade de uma idéia ou pessoa?

Assim, quando existe a autoridade criada por nós mesmos, tem de haver também o desejo de conseguir

aquilo que essa autoridade oferece ou desejamos que nos dê. Conseqüentemente, começamos a disciplinar-nos, a fim de, mediante uma gradual evolução da mente, alcançarmos aquilo que pensamos verdadeiro. Êsse processo, para mim, é inteiramente falso. Porque o Verdadeiro não pode manifestar-se mediante contrôle da mente, qualquer forma de disciplina, ou pelo seguirmos uma autoridade. O que buscamos, em tal processo, é essencialmente nossa própria perpetuação, e isso, em absoluto, não é busca da Verdade, e, sim, apenas uma busca da continuidade de nosso bem estar, sob forma mais requintada.

Por certo, enquanto tivermos uma autoridade para seguir e imitar, nossa mente nunca poderá ser livre. Porque a liberdade está no comêço, e não no fim. Aquela coisa extraordinária, que podemos chamar Verdade, Amor, ou como quiserdes, nunca poderá manifestar-se pela obediência, por qualquer maneira, a uma autoridade. E há vários tipos de autoridade. Há a autoridade daquele que é tido por sabedor, autoridade que o chamado "indivíduo" poderá rejeitar; mas existe também a autoridade, muito mais sutil, da experiência, da memória.

Quando estou confuso, socorro-me de outro — um instrutor, um livro, uma organização — para que me traga a Paz ou me ajude a descobrir o Verdadeiro. Mas, se estou confuso, minha busca será igualmente confusa, e minha ação o resultado dessa confusão. Não há dúvida, pois, que é muito importante libertar a mente de tôda idéia de autoridade, fazê-la deixar de atribuir algum valor à experiência de outro, e deixar, portanto, de imitar, seguir.

Ora, é possível acharmos esta luz dentro de nós mesmos, para que nunca precisemos recorrer a outros? Penso que é possível, e que êste é o **único** caminho. Não há outro caminho, e êste requer considerável penetração, intensa investigação de nós mesmos. O disciplinar da mente, o seguir vários instrutores, o praticar a ioga — tudo isso são coisas vãs, inteiramente inúteis para o homem que

é sério, porque o autoconhecimento, o que é real, só pode ser achado por nós mesmos e não por meio de outro.

Mas, em geral, não temos vontade de empreender a difícil tarefa de examinar profundamente a nós mesmos, razão por que recorremos a outra pessoa, para nos ajudar a sair de nossa confusão e de nossa angústia. Aquêle amor, aquela verdade — ou o nome que preferirdes — não pode evidentemente ser descoberto por meio de outrem. Assim sendo, podemos nós, como indivíduos humanos, descobrir diretamente, por nós mesmos, o que é verdadeiro e o que é falso? Acho muito importante fazer cada um a si próprio esta pergunta.

Para acharmos por nós mesmos o que é verdadeiro, não devemos rejeitar tôda e qualquer autoridade? Não devemos repudiar a autoridade do livro, a autoridade do sacerdote, a autoridade dos Mestres, dos Salvadores, dos vários instrutores religiosos, daqueles que praticam a ioga, etc.? Isso, em verdade, significa que devemos ser capazes de **estar sós**, desamparados, sem dependermos de ninguém para qualquer espécie de estímulo. Isso é como fazer uma viagem desacompanhado de um guia. Quando não tem guia, a mente precisar estar atenta, no mais alto grau, para tôda forma de ilusão, e é só quando nos emancipamos completamente da idéia da autoridade, do desejo de guia, que estamos aptos a examinar-nos sem mêdo. É o mêdo que nos faz recorrer a outros, para sermos por êles guiados.

Há em nós um profundo desejo de segurança, não é verdade? Queremos ter a certeza de atingir o nosso alvo, de alcançar o estado de imortalidade, de Verdade, de Amor, de Paz. Porque desconfiamos de nós mesmos e de nossa capacidade para achar o que desejamos, recorremos a outro, para nos servir de guia; e, no próprio processo de recorrermos a outro, criamos a autoridade, o que engendra a prática de disciplinas e tudo o mais.

Ora, podemos empreender sòzinhos a viagem de descobrimento? O fazer esta pergunta já é o começo da liber-

tação. E só a mente livre pode descobrir, e não a mente que está acorrentada pela tradição, pela autoridade, pela disciplina e contrôle. A mente livre é capaz de enfrentar a si mesma, exatamente como é, e só ela pode descobrir o que é verdadeiro, e não a mente que sente mêdo e, por conseguinte, segue e imita. Nesta tarde, em vez de responder a perguntas, seria desejável — se posso sugeri-lo — promovermos uma discussão sôbre o que acabo de dizer. Nesta discussão devemos restringir-nos ao nosso assunto, não nos desviando dêle nem nos estendendo demais na argumentação. Nela, tentaremos descobrir, não se vós tendes razão ou se eu tenho razão, mas a verdade contida neste problema do **seguir**; e para a descobrirmos não podemos ficar no terreno das simples asserções. Temos de investigar juntos o problema, que é muito complexo, visto que tôda a nossa vida — da infância à morte — é um processo de imitação. A sociedade, a tradição, os valores estabelecidos, tudo nos obriga a ajustar-nos e a copiar. Para podermos funcionar na sociedade, é claro que temos de aceitar o padrão da sociedade, ajustar-nos aos seus valores. Mas o homem verdadeiramente religioso é livre da sociedade, sendo a sociedade os valores criados pela avidez, a inveja, a ambição, o desejo de sucesso, o mêdo.

Ora, podemos, nesta tarde, argumentar, permutando verbalmente, entre nós, o que cada um pensa a respeito desta questão de seguir, de disciplinar, de imitar? Seria desejável discutirmos, se possível, com naturalidade, espontânea e livremente, de modo que cada um possa "experimentar" a veracidade da asserção de que a mente inventa níveis de progresso individual — o homem que sabe e o que não sabe, o mestre e o discípulo, o guia e o seguidor. Enquanto pensarmos em têrmos de graus de progresso, de tempo, de realização, haverá essa idéia ilusória de **seguir** a alguém. Onde está presente o amor, a realidade, não existe instrutor nem seguidor; e, se conversarmos a êste respeito, poderemos "experimentar" diretamente tal estado? Não se me afigura difícil. Só é

difícil, se asseveramos dogmática ou obstinadamente que é necessário seguirmos, que há necessidade de uma compulsão para nos manter em determinado padrão de conduta, porque do contrário nos veríamos perdidos. Quem fizer tal asserção não está, evidentemente, investigando mas, tão só, aceitando uma certa tradição e com mêdo de enfrentar a si mesmo tal como é.

Tentemos, pois, discutir esta questão; e, se me dais licença, interromperei aquêles que não se cingirem estrictamente ao assunto. Vamos ver se descobrimos se é possível a mente libertar-se agora, no decurso desta discussão, do mêdo de não alcançar a Verdade ou a felicidade, mêdo que a está impelindo a seguir alguém, a glorificar um outro como o Salvador, a quem cumpre obedecer. Eis o ponto que vamos discutir.

INTERPELANTE: *Isso é possível, sim, senhor, com a ajuda da autoridade competente; assim como precisamos da autoridade do médico para sabermos o que devemos e o que não devemos fazer, quando estamos doentes.*

KRISHNAMURTI: Um minuto! Precisais da autoridade do médico, mas não colocais o médico num pedestal, não o endeusais, e não moldais a vossa mente de acôrdo com os seus ditames. Êste é um problema difícil. Estamos tentando descobrir como a nossa mente funciona e se ela pode ficar livre do mêdo de não realizar os seus fins.

PERGUNTA: *Devemos levar vida de solitário?*

KRISHNAMURTI: Não estou sugerindo que leveis vida solitária. Ninguém pode viver no isolamento. Mas, para a maioria de nós, as relações causam conflito, e como não sabemos resolver êste problema, recorremos à ajuda de alguém.

PERGUNTA: *Se sou estúpido, que acontece?*

KRISHNAMURTI: Que é que acontece quando sou estúpido? Descubro que o sou, ou é alguém que mo diz? E qual é a reação imediata? Quero tornar-me inteligente, e faço esforços para ser mais proficiente e inteligente do que sou. Mas, no mesmo instante em que exijo mais, estou estabelecendo um alvo, o que fará penetrar o mêdo em mim. Mas se, ao contrário, eu fôr capaz de me observar exatamente como sou, de enxergar o fato de que sou estúpido, essa própria percepção de "o que é" causará, com tôda a certeza, uma transformação de "o que é". A mente estúpida nunca se tornará inteligente mediante esfôrço; mas, se reconhece que é estúpida, isto basta para produzir uma transformação nela própria. Êste é um fato óbvio, não?

INTERPELANTE: *Significa apenas que a mente adquiriu um conhecimento que não tinha antes.*

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer, senhor?

INTERPELANTE: *Antes ela* pensava *ser estúpida; agora* sabe *que o é.*

KRISHNAMURTI: Tende a bondade de observar vossas próprios reações. Se percebo que sou estúpido, minha reação imediata é de que devo fazer alguma coisa a tal respeito; por isso, tenho de lutar, de fazer esforços. Mas, se reconheço que sou estúpido, sem tentar fazer nada, êsse próprio reconhecimento ou percebimento de que sou estúpido, opera uma transformação, não?

INTERPELANTE: *Posso opinar que não supõe mêdo, o seguirmos um Salvador, para acharmos a felicidade, a paz, a segurança?*

KRISHNAMURTI: Perfeitamente. Mas que razão há para seguirmos? Isto é muito complexo, um profundo problema psicológico. Portanto, examinemo-lo com simplicidade. Estamos seguindo alguém? Se estamos, por que motivo o fazemos?

INTERPELANTE: *Porque êsse outro é muito mais inteligente do que nós.*

INTERPELANTE: *Senhor, posso, com o devido respeito e deferência, pedir-vos especifiqueis o que entendeis por "mente"?*

KRISHNAMURTI: Esta pergunta é intempestiva, peço humildemente vênia para ponderar. Nós seguimos, pois não? Estamos seguindo um livro, um Salvador, um instrutor, um mentor espiritual, um ideal, um padrão. Ou isto não é exato?

INTERPELANTE: *Dizeis, senhor, que quando aspiramos à Verdade não devemos buscar uma autoridade externa. Qual deve ser então o primeiro passo?*

KRISHNAMURTI: Chegarei aí, daqui a pouco. Mas vejamos, primeiramente, o que fazemos de fato. Nós seguimos, não é exato? Por quê?

INTERPELANTE: *Porque temos mêdo. Parece existir uma certa satisfação no seguir.*

KRISHNAMURTI: Não estamos ainda examinando o "processo" do seguir. O fato é que seguimos. Por que? Não respondais, por favor. Eu pergunto com o fim de

induzir-vos a investigar por vós mesmos, e não para fazer-vos "verbalizar" e dar-me uma resposta. Notai, por favor, a importância do que estamos fazendo aqui. Se o pudermos fazer de maneira realmente inteligente, isso nos levará a grandes profundezas, porquanto estamos investigando como é que nossa mente opera, o que é o nosso "processo de pensar".

O fato é que nós seguimos. Por que é que seguimos? Não me respondais imediatamente. Investigai, penetrai bem a coisa. Por que uma pessoa segue? Há diferentes maneiras de seguir. Vós seguis os preceitos do médico, as ordens do patrão, ou sois dominado por vossa mulher, vosso marido, vosso vizinho. Seguis a tradição, os decretos da sociedade, a opinião alheia. Seguis as crenças e dogmas de uma religião organizada, seguis o que dizem os padres e o que dizem os livros sagrados. Isto é o que estamos realmente fazendo, e nunca indagamos por que o fazemos. Agora, estou perguntando a mim mesmo, e espero que também pergunteis a vós mesmo, por que é que seguimos?

INTERPELANTE: *Se, pela introspecção, descubro a razão por que sigo, então pode ser que eu deixe de seguir e comece a agir da maneira que me parecer correta e livre. Entretanto, a liberdade com que procedo pode ser nociva a outro.*

KRISHNAMURTI: Vamos devagar, se voz apraz. O fato é que eu sigo, e desejo saber a razão por que sigo, a natureza interior dêsse procedimento. Desejo examinar, pôr a descoberto o fator psicológico que me faz seguir. No sentido mundano, seguimos por óbvias razões. Se tenho um emprêgo, sei que devo fazer o que o patrão ordena. Isto é suficientemente claro. Mas o que estamos discutindo é: por que seguimos outra pessoa, psicològicamente?

INTERPELANTE: *Tendes certeza de haver "experimentado" essa liberdade?*

KRISHNAMURTI: Eu podia responder a esta pergunta, porém ela não é pertinente, não achais? Se digo "sim" ou "não", que valor tem isso? De que maneira julgais? Só sois capaz de julgar de acôrdo com vossos padrões, vossas inclinações ou desinclinações psicológicas. Mas vêde, por favor, que isso é irrelevante, sem importância. O que estamos tentando é descobrir diretamente, cada um de nós, por que seguimos psicològicamente. Se formos com vagar, passo a passo, começaremos a perceber o processo do nosso próprio pensar, o que está ocorrendo na nossa mente, em nosso íntimo, de que não estamos cônscios agora.

INTERPELANTE: *Estais, por acaso, a sugerir que, pela análise de suas experiências, o indivíduo encontrará oportunidade para a livre manifestação de sua personalidade?*

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Não estou sugerindo nada disso, absolutamente. Sou contra a acumulação disso que chamamos "experiência"; duvido que tenha a mínima eficácia, porquanto a experiência nada mais é do que reação condicionada. Mas não pretendo entrar nesta questão, por ora.

Estamos perguntando a nós mesmos porque seguimos. É por hábito?

INTERPELANTE: *Eu não sigo, conduzo.*

KRISHNAMURTI: Então sois um guia, um líder. Se sois, psicològicamente, um guia, então deve haver um seguidor, para guiardes, e todo aquêle que guia é também seguidor.

INTERPELANTE: *Senhor, não sabeis que seguir uma pessoa não significa necessàriamente ser sequaz dela? Não sou seu sequaz se a considero apenas um "indicador de direção".*

KRISHNAMURTI: Estamos investigando por que razão vós ou eu **seguimos**, psicològicamente.

INTERPELANTE: *Não estamos em busca da "prova pessoal"?*

KRISHNAMURTI: Estais saltando muito à frente.

INTERPELANTE: *Quando se desperta a intuição, nós não seguimos; obedecemos à voz da intuição.*

KRISHNAMURTI: Quando falamos de intuição, voz interior, que quer dizer isso? Essa voz interior pode ser completamente falsa. Notai, por favor, que não estou tentando destruir a vossa intuição. Estou procurando averiguar se a intuição é verdadeira ou falsa. Ora, sem dúvida, enquanto não compreendemos o processo do desejo, consciente e bem assim inconsciente, não podemos fiar-nos da intuição, porque o desejo pode conduzir-nos a certos "fatos", que não são fatos absolutamente. O desejo inconsciente de ser, ou de não ser algo, faz-nos aceitar ou rejeitar, e por conseguinte devemos em primeiro lugar compreender o processo do nosso desejo e **não** declarar: "A intuição me diz que isto é verdadeiro".

Tomemos um exemplo muito simples, e compreendereis. Todos temos de morrer, feliz ou infelizmente, e meu desejo de continuidade é muito forte, como acontece com a maioria das pessoas. Quando uso a palavra "reincarnação", minha intuição me diz: "Decididamente, isto é verdadeiro!" Mas isto é minha intuição ou meu desejo? Meu desejo de continuidade é tão forte, tão sòlidamente arraigado, que toma a forma da chamada intuição, o que afinal

não tem sentido algum. Mas se, ao contrário, sou capaz de compreender essa coisa extraordinária que se chama desejo, a morte terá significado todo diferente.

Mas voltemos ao nosso assunto. Por que é que vós ou eu seguimos a outro, psicològicamente? Temos consciência de que estamos seguindo, não só uma pessoa, mas uma doutrina, um ideal? Estabeleci um ideal do homem perfeito, da vida perfeita, do alvo perfeito, e estou seguindo êsse ideal. Por que? Por favor, não escuteis meramente as minhas palavras, mas observai o funcionamento da vossa própria mente. Provàvelmente não vos sentis inclinado a fazer tal pergunta a vós mesmo, porque no momento em que investigamos a razão por que seguimos, muitas das coisas da nossa vida diária — nossos Mestres, instrutores, guias, filosofias, livros, ideais — não podem mais ser aceitas incondicionalmente e têm de ser examinadas — e isso significa que necessitamos de liberdade para investigar, descobrir.

Ora, por que é que tendes um ideal, por que é que seguis? Evidentemente, seguis com o fim de alcançar alguma coisa. Vós tendes guias, não? Achando-vos confusos, tendes um certo instrutor — que pode estar lá na Índia, ou aqui neste palanque, ou nas vizinhanças de vossa casa — que vos ensina o que deveis fazer. Vêde, senhores, uma pessoa reconhece que está confusa, que é infeliz, que há conflito dentro de si mesma, e por essa razão recorre a outra.

INTERPELANTE: *Essa pessoa pode ter um complexo de inferioridade.*

KRISHNAMURTI: Não estamos considerando nenhuma questão de complexos, de superioridade ou de inferioridade. Estou considerando o fato de que me acho confuso. Eu estou confuso, e vós não estais confuso — pelo menos penso que não estais. Assim, na minha confusão, eu vos sigo. Sois o Mestre, o Salvador, o guia. Minha

escolha é feita no estado de confusão em que me encontro, e por conseguinte qualquer um que eu escolha há de estar igualmente confuso, inclusive os políticos. Assim sendo, estando confuso, que devo fazer? Por certo, o que me cabe fazer é compreender a minha confusão, e não procurar um outro para me ajudar a sair dela.

INTERPELANTE: *Mas eu posso seguir sem estar em confusão.*

KRISHNAMURTI: Eu sigo, se não estou confuso?

INTERPELANTE: *Podemos seguir, no sentido de que concordamos com a filosofia do outro.*

KRISHNAMURTI: Perdão, não estais compreendendo o meu ponto de vista.

INTERPELANTE: *Eu não estou confuso.*

KRISHNAMURTI: Neste caso, o que estou dizendo não vos atinge. Senhor, isto aqui não é um debate. Tomai-o a sério, por favor; não é matéria para rir. Se não estou confuso, não tenho necessidade de seguir ninguém. Sou então minha própria luz, algo me aconteceu, que me libertou dêste caos. Mas a maioria não se acha nesta situação. Nós estamos confusos, temos muitas aflições, problemas insolúveis, e apelamos para outro, a fim de nos ajudar a sair de nossa confusão; mas a própria escolha dêsse outro é produto da confusão e o resultado, por conseguinte, uma confusão ainda maior. Isto é suficientemente claro, não é?

Pois bem. Se eu não sigo, se não procuro outra pessoa, porém digo "Quero compreender esta confusão" — então, que acontece? Que acontece quando reconheço simplesmente que estou confuso? Não me ponho ansiosamente à procura de alguém, para me ajudar. Vejo que

há confusão, e deixo-me ficar em presença dêsse fato. Sei que eu mesmo criei esta confusão e que ninguém mais poderá resolvê-la — o que não significa que fico segregado dos outros, isolado, porém que, fundamentalmente, estou **só**, mas perfeitamente disposto a investigar junto com outros. Não sigo autoridade alguma, porque quero resolver o problema da confusão e tomo-o, assim, nas minhas próprias mãos, com o fim de descobrir o que é a confusão.

O problema, pois, é: Por que razão **sigo**? Por que temos mêdo? O Mestre, o instrutor, o sacerdote ou o livro sagrado me diz que há um estado de bem-aventurança, e desejo alcançar êsse estado. Por essa razão seguimos alguém, praticamos um sistema de ioga, etc. Nessas condições, enquanto existir em nós a ânsia de sermos alguma coisa, psicològicamente, enquanto houver o desejo de chegarmos a um estado isento de confusão, um estado de felicidade e segurança, é bem óbvio que temos de seguir alguém. Não está claro isto?

Espero que não estejais apenas a escutar o que estou dizendo, mas que estais ao mesmo tempo penetrando a vossa própria confusão, o vosso desejo de ser alguma coisa.

INTERPELANTE: *Seguimos uma pessoa que pensamos saber mais do que nós.*

KRISHNAMURTI: Exatamente! Seguis alguém porque supondes que êsse alguém é mais perfeito do que vós, e isso significa que existe uma distância, uma separação entre vós e êle. É exato isso, ou apenas uma falsa criação da mente? Quando há amor, pode-se dizer "Êle ama mais e eu menos"? O que há é só êsse "estado de ser", não é? Dizeis que seguis uma pessoa porque pensais que sabe mais do que vós. É verdade isto? Que sabe ela? Não respondais, por favor, mas pensemos juntos. Que sabe essa pessoa? Se é uma pessoa autêntica, genuína, ela só sabe

umas poucas coisas — conhece o amor, que significa não ser invejoso, não ser ávido, não ser ambicioso, renunciar ao "eu". Êsse homem pode achar-se e pode não achar-se em tal estado, e o procurais para obterdes dêle alguma coisa. Notais um certo brilho no seu olhar, no seu sorriso, e desejais semelhá-lo. Por conseguinte, a vossa cobiça é que está atuando. Como vos achais em confusão, ides a êle, dizendo "Peço-vos me digais como alcançastes êste estado" — e se êle também está confuso, vo-lo dirá, porque pensa ter realmente alcançado tal estado. O homem que morre todos os dias para tudo o que aprendeu e experimentou, só êsse homem pode possuir uma mente verdadeiramente tranqüila e um coração puro. Mas voltemos ao nosso assunto.

Não importa muito que todos nós — se de fato nos sentimos sèriamente interessados — não importa muito estejamos cônscios de nossas próprias atividades e investiguemos a sua validade? Nós seguimos por fôrça do hábito, não é exato? É a tradição secular. Todos os livros religiosos nos dizem que devemos buscar, que devemos seguir, mas todos êles podem estar errados, e provàvelmente estão. Portanto, não posso confiar em nenhum dêles. Tenho de descobrir sòzinho, e isso não significa que sou maior do que outro qualquer, que sou egocêntrico, egotista, orgulhoso. Tenho de descobrir, tenho de saber que estou confuso. E, assim, eu não começo seguindo o ideal, a tradição, o Mestre, o Livro, o sacerdote, minha mulher ou marido, mas, sim, percebendo o fato, isto é, o que sou.

Dentro em mim há um estado de incerteza, infelicidade, confusão, tristeza, e desejo encontrar uma saída dêsse caos; por conseguinte, volto-me para os símbolos, os exemplos, os ensinamentos de certas pessoas, porque espero obter, por meio delas, o que desejo. Êste é um processo psicológico muito simples, de que podemos estar cônscios com um pouco de vigilância, atenção. E se ficamos igualmente cônscios de que não há ninguém que nos possa ajudar, e

que encontro ajuda em tôda a parte e não apenas em determinada direção, posso então, ao descer uma rua, perceber, no rosto de um amigo, numa fôlha que dança, num sorriso, uma espontânea comunicação que me revelará um mundo de coisas. Mas isso é impossível quando a mente está a dizer "O meu guia, o meu instrutor me ajudará", quando está obstinadamente apegada a um determinado livro ou seguindo um caminho escolhido; e o estarmos cônscios da atuação dêsse processo, em nós mesmos, é o começo da liberdade, da sabedoria.

Não se aprende sabedoria dos livros nem dos instrutores. Sabedoria é o desvendar da mente e do coração, isto é: autoconhecimento. Eis porque é importantíssimo não aceitemos coisa alguma, mas compreendamos o extraordinário processo do nosso próprio pensar. Requer-se muita sutileza para se descobrirem os movimentos do "eu", e a mente não pode ser sutil, quando está apenas a seguir, a disciplinar, controlar, reprimir, o que não significa que devamos passar para o outro extremo — o oposto.

Nossa dificuldade resulta de nunca olharmos as coisas de maneira simples. O problema é complexo, e para se estudar um problema complexo requer-se simplicidade, porque, do contrário, não será possível resolvê-lo. Para serdes simples, deveis compreender a vós mesmo, mas ninguém pode compreender a si mesmo ouvindo as palavras de um sacerdote ou de outro qualquer. Cada um só pode compreender a si mesmo diretamente, o que não é um processo difícil, um dom divino reservado a poucos, pois isso é puro disparate. Se o indivíduo tem a intenção de descobrir o que está pensando, se está constantemente atento para cada invenção da mente, olhando-a bem, "apalpando-a", atento a cada reação espontânea, daí resultará autoconhecimento. Isso é meditação.

Mas a sabedoria não virá ao ente humano que segue, porque êste é meramente um imitador, um homem que se disciplina por avidez. A mente imitadora, medrosa, que só está a copiar, a seguir, essa mente nunca terá autoco-

nhecimento, sem o qual tudo se torna uma prisão. É a mente que cria a divisão entre "alto" e "baixo". Na realidade não existe nem alto nem baixo. Só há um "estado de ser", e para alcançarmos êsse estado precisamos de liberdade desde o primeiro passo e não no fim do caminho.

16 de novembro de 1955.

4.ª CONFERÊNCIA DE SÍDNEI

PRETENDO falar nesta parte a respeito de um problema muito complexo, cuja compreensão, penso eu, dependerá muito da qualidade de atenção que se lhe der. Desejo falar sôbre o problema da transformação fundamental e investigar se essa transformação pode ser produzida por meio de esfôrço, de disciplinas, de idéias. É bem óbvia a necessidade de uma transformação radical em cada um de nós; mas como promover tal transformação? Pode ela ser operada pela ação da vontade, da determinação, pela compulsão de qualquer natureza? E, em que nível da consciência deve verificar-se a transformação? No nível superficial ou nos níveis mais profundos da consciência? Ou a transformação se opera fora de todos os níveis da consciência?

Antes, porém, de começarmos a examinar êste problema, acho importante compreender o que significa prestar atenção verdadeiramente. Se pensamos e experimentamos de maneira discriminativa, "exclusiva", isto é, prestando atenção ao que se diz e aceitando-o como um "método de se chegar a um certo resultado", então, a tal método pode opor-se um outro método, e está criada assim a "exclusão" (discriminação), que é evidentemente nociva. Mas se, ao contrário, pudermos afastar para o lado tais maneiras de pensar — vosso método oposto ao meu método, vossa especialidade oposta à minha especialidade — para escutarmos a verdade contida numa questão, essa verdade, então, não será nem vossa nem minha, e não haverá mais discriminação. Já não tereis necessidade de ler um único livro, de seguir nenhum instrutor, para descobrirdes o que é verdadeiro. Acho muito importante

compreender isto. Bàsicamente, fundamentalmente, não há caminho para a Verdade. Ela não é alcançável por nenhum método, pelo "vosso caminho", nem pelo "meu caminho". Na experiência religiosa, certamente, não há "exclusão" ou discriminação, porque a verdade não é nem cristã, nem hinduísta, nem budista. No momento em que há qualquer idéia de discriminação, começam os malefícios. Assim sendo, permiti-me sugerir-vos escuteis com o fim de descobrir e não apenas de opordes um argumento a outro, uma idéia ou maneira de pensar à outra.

É evidente a necessidade de transformação de certa natureza, uma radical, profunda transformação dentro em nós mesmos. Como produzir esta transformação? Há necessidade de modificação interior de cada um de nós, que traga uma perspectiva tôda diferente, uma conduta de vida que seja **verdadeira**, não ditada por outra pessoa, mas verdadeira em todos os tempos e lugares. E como será possível essa transformação? Um ideal pode realizá-la? O ideal foi estabelecido pela experiência, nossa ou de outro; assim sendo, pode um ideal, de qualquer espécie que seja, operar a modificação, a transformação radical? Penso que os ideais são fictícios, irreais, puras invenções da mente, sem nenhuma realidade em si. Esperamos que, seguindo um ideal, nossa mente se modificará. Tal é a razão por que temos ideais — o ideal da bondade, o ideal da não-violência, e por aí afora. Supomos que pela prática constante e cultivo persistente do ideal, pela subordinação a êle, produziremos uma transformação radical ou pelo menos uma mudança para melhor.

Ora, os ideais podem realmente produzir tal transformação, ou são apenas uma cômoda "projeção" da mente, para o efeito de adiar a ação? Peço-vos não rejeiteis o que estou dizendo; continuai a escutar! Quase todos nós somos idealistas; temos um certo ideal, firmado pelo hábito, pelo uso, pela tradição, por nossa própria volição, e esperamos que, se nos ajustarmos constantemente a êsse ideal, nos transformaremos radicalmente. Mas, afinal,

bem considerado, o ideal é uma mera projeção do oposto de "o que é". Se sou violento, projeto o ideal da não-violência e forcejo para transformar a minha violência de acôrdo com êsse ideal, do que resulta, dentro em mim, um conflito entre o que é e o que **deveria ser.**

Pensamos necessário o conflito, o esfôrço, para se operar transformação. Tal esfôrço, muito evidentemente, supõe disciplinamento, contrôle, constante exercício, o ajustamento da pessoa ao que **deveria ser.** Estamos, na maioria, acostumados com essa maneira de pensar, e sôbre ela se fundam as nossas atividades, a nossa perspectiva, e os nossos valores. O que **deveria ser,** o ideal, assumiu uma extraordinária predominância em nossas vidas. Para mim é totalmente errônea uma tal maneira de pensar, e uma vez que vos achais aqui para conhecer o que eu tenho para dizer-vos, tende a bondade de escutá-lo, sem o rejeitardes.

No meu entender, só é possível transformação radical quando não há esfôrço, quando a mente não está tentando tornar-se alguma coisa, não está tentando ser virtuosa — o que não significa que não o deva ser. Enquanto há esfôrço para se alcançar a virtude, está havendo continuidade do "eu", pois é êle que se está esforçando para ser virtuoso, o que, afinal, é meramente outra forma de condicionamento, uma modificação de **o que é.** Nesse processo está contida esta outra questão: **Quem** é que faz o esfôrço e **qual** o objetivo a que visa êsse esfôrço. O objetivo, evidentemente, é o automelhoramento. Mas, enquanto fizermos qualquer esfôrço para melhorarmos a nós mesmos, não haverá virtude. Isto é, enquanto houver ideais de qualquer espécie, temos de fazer esforços para nos adaptarmos, nos ajustarmos a um dado ideal, ou nos tornarmos êsse ideal. Se sou violento e tenho o ideal da não-violência, existe em mim um conflito, uma luta entre **o que é** e **o que deveria ser.** Esta luta, êste conflito, é um estado de violência e não um estado de liberdade, de isenção de violência.

Ora bem, posso olhar para o que é — o estado de violência — sem fazer do seu oposto um ideal? Neste caso, de certo, só me interessa a violência e não a maneira de me tornar não-violento, porque o próprio processo de me tornar não-violento é uma forma de violência. Posso, pois, encarar a violência, sem nenhum desejo de transformá-la num outro estado? Tende a bondade de seguir-me com paciência, até o fim. Posso considerar o estado a que chamo "violência", ou avidez, ou inveja, ou seja o que fôr, sem tentar modificá-lo ou mudá-lo? Posso considerá-lo sem reação alguma, sem avaliá-lo, sem lhe dar nome algum?

Estais prestando atenção? Tende a bondade de "experimentar" o que estou dizendo, para verdes a coisa diretamente, agora, e não quando voltardes para casa.

Se uma pessoa é violenta, pode considerar êsse estado a que deu o nome de "violência", sem condená-lo? O "não condenar" é um processo extraordinàriamente complexo, porque a própria verbalização do sentimento, a própria palavra "violência" é condenatória. E pode-se olhar êsse sentimento, êsse estado que denominamos "violência", sem lhe dar nome algum? Quando não lhe damos nome, que está acotnecendo? A mente é tôda constituída de palavras, não é verdade? Todo pensar é um processo de verbalização. E quando não se dá nome a êsse sentimento, quando não lhe aplicamos o têrmo "violência", não está ocorrendo uma revolução extraordinária, na atenção que estamos dando ao sentimento?

Consideremos o assunto de outra maneira. A mente divide a si mesma em violência e não-violência, de modo que há dois supostos estados: o estado que ela deseja alcançar, e o estado que é. Está, aí, a funcionar um processo dualista, e, no meu sentir, só é possível a transformação radical quando cessa completamente êsse processo dualista, isto é, quando a totalidade da consciência, da mente, pode dar atenção completa a "o que é". E a mente não pode dar essa atenção completa se há qualquer ten-

dência de condenação, qualquer desejo de modificar o que é, qualquer forma de distração, verbalizar, dar nome. Quando é completa a atenção, vereis que essa atenção, em si, é "o bom", e "o bom" não é o esfôrço que se faz para transformar o que é noutra coisa diferente.

Isto talvez seja uma explicação muito complicada de um fato que é muito simples. Enquanto a mente tem o desejo de transformação, qualquer transformação que conseguir será apenas uma "continuidade modificada" de "o que é", porquanto a mente não pode conceber a transformação total. Só pode haver transformação total quando a mente presta atenção total a "o que é", e a atenção não pode ser completa se há qualquer forma de verbalização, condenação, justificação ou avaliação.

É sabido que, quando se faz uma pergunta, a maioria das pessoas espera uma resposta satisfatória, deseja saber como "chegar lá", o que deve fazer. Receio não ter uma resposta desta natureza; mas o que podemos fazer é considerar o problema, examiná-lo juntos e descobrir a verdade respectiva. Tenhamos isto em mente, ao considerarmos algumas destas perguntas. O buscar uma resposta satisfatória, o desejar saber como "chegar lá", ou o que fazer, é, realmente, uma maneira defeituosa de pensar. Mas se pudermos examinar o problema, penetrá-lo juntos, no próprio desdobrar do problema descobriremos o que é verdadeiro e será então a verdade que começará a operar, e não vós ou eu que estaremos operando a respeito da verdade.

PERGUNTA: *Como pai e professor, percebo a verdade relativamente à liberdade de que falais e, assim, pergunto-vos como devo tratar e ajudar os meus filhos?*

KRISHNAMURTI: Penso que a questão principal é compreendermos verdadeira e profundamente que a liberdade se acha no começo e não no fim. Se como pai e mestre

compreendo realmente esta verdade, então minhas relações com meu filho se transformam completamente, não é verdade? Não há então mais apêgo. Onde há apêgo, não há amor. Mas se reconheço que a liberdade está no comêço e não no fim, a criança deixa então de ser a garantia, o meio de meu próprio preenchimento, e isso significa que não busco a continuação de mim mesmo na criança. Minha atitude sofreu uma extraordinária revolução.

A criança é um repositório de influências, não? Ela está sendo influenciada, não só por vós e por mim, mas também pelo seu meio ambiente, pela escola, pelo clima, pelos alimentos que toma, pelos livros que lê. Se os pais são católicos ou comunistas, a criança é deliberadamente moldada, condicionada. É o que está fazendo todo pai e todo professor, de diferentes maneiras. E podemos estar cônscios destas múltiplas influências e ajudar a criança a se tornar cônscia delas, de modo que, quando crescer, não fique na sujeição de nenhuma delas? O importante, por conseguinte, é ajudarmos a criança, enquanto se desenvolve, a não se deixar condicionar como cristã, hinduísta, ou australiana, para ser um ente humano de todo inteligente; e isso só pode acontecer se, como mestre ou pai, percebeis a verdade de que a liberdade deve existir exatamente no comêço.

A liberdade não é produto de disciplina. A liberdade não pode vir depois de condicionarmos a mente ou enquanto se está processando êsse condicionamento. Só haverá liberdade se vós e eu estivermos cônscios de tôdas as influências que condicionam a mente e ajudarmos a criança a se tornar igualmente cônscia delas, de modo que ela não se torne confundida por nenhuma delas. Mas a maioria dos pais e mestres acha que a criança deve adaptar-se à sociedade. Que será dela, se não o fizer? Para a maioria dos pais, o conformismo é uma necessidade inelutável, essencial, não é verdade? Aceitamos a idéia de que a criança tem de se ajustar à civilização, à cultura, à so-

ciedade em que vive. Aceitamo-la como coisa certa e, pela educação, ajudamos a criança a adaptar-se, ajustar-se à sociedade.

Mas é necessário que a criança se ajuste à sociedade? Se o pai ou o mestre sente que a coisa imperiosa, essencial, é a liberdade e não o mero ajustamento à sociedade, então, enquanto cresce, a criança ir-se-á tornando cônscia das influências que condicionam a mente e não se deixará ajustar à presente sociedade, com sua avidez, sua corrupção, sua coerção, seus dogmas, sua mentalidade autoritária; e serão êsses os indivíduos que criarão uma sociedade completamente diferente.

Dizemos que, no futuro, teremos uma Utopia. Teòricamente, isto é muito bonito, mas nunca se torna realidade e, portanto, acho que o educador precisa ser educado, e bem assim os pais. Se só nos interessa condicionar a criança, para ajustar-se a determinada cultura ou padrão, então perpetuaremos o atual estado de coisas, esta batalha constante entre nós e outros, e continuaremos na mesma situação aflitiva. Mas, desde que haja compreensão do problema relativo à atenção correta, que não concerne em primeiro lugar à criança, mas ao pai e ao mestre, então será possível ajudarmos a promover o descondicionamento da mente, sem que sejam infrutíferos os nossos esforços. Êsse descondicionamento só se torna uma tarefa irrealizável quando de antemão o pai ou o mestre a supõem irrealizável. Mas se se percebe a sua necessidade e urgência, bem como a verdade respectiva, então essa própria percepção produz no indivíduo uma revolução interior, que o habilitará a ajudar a criança a se tornar um ente humano inteligente e, portanto, capaz de pôr fim a tôdas estas aflições, lutas e sofrimentos.

PERGUNTA: *Nossa vida é uma espécie de cerimonial, e o ritual de uma igreja uma forma divina da cerimônia da vida. De certo, não podeis condenar tal coisa,*

totalmente. Ou não condenais o ritual, mas, tão só, a corrupção que provém do enrijecimento da mente?

KRISHNAMURTI: Divinas ou não divinas, pergunto a mim mesmo por que gostamos tanto de cerimônias e rituais, por que tais coisas nos são sobremodo importantes. Para mim, a compreensão da vida como "cerimônia" — incluindo-se as cerimônias da Igreja — é completamente infantil e absurda. As cerimônias nada significam, são vãs repetições, ainda que atribuamos um sentido divino às cerimônias religiosas. Dizer-se: "As cerimônias são o caminho que estou seguindo, e não vosso caminho" — dizer tal coisa é danoso. Por conseguinte, encaremos a questão desapaixonadamente, para descobrirmos a verdade respectiva.

Há uma repetição diária de certos atos — ir deitar-se, levantar-se, ir para o escritório, executar certos trabalhos — e chamaríeis cerimônias a estas coisas? Atribuis-lhes algum significado extraordinário, um sentido divino? Consideramo-las como fontes de inspiração? Claro que não. Há várias ações diárias tendentes a tornar-se habituais, mas possìvelmente muitos de nós já as consideramos de maneira inteligente e por elas não sos deixamos influenciar. Mas, quando praticamos cerimônias, ritos religiosos, etc., não o fazemos para têrmos inspiração? No transcurso da cerimônia temos um sentimento de ser bons, um certo senso de beleza, e uma grande tranqüilidade. A repetição entorpece a mente. Os rituais nos absorvem, arrebatam-nos temporàriamente de nós mesmos, e como êsse sentimento nos é agradável atribuímos uma significação extraordinária a essas coisas. Aí estão fatos simples e óbvios. As cerimônias servem também para exploração, para controlar pessoas, levá-las a um senso de unidade, que lhes falta. A atual sociedade é uma sociedade de desunião, mas na igreja, nos ritos, na vã repetição de fórmulas, as pessoas se vêem temporàriamente ....

(Interrupção)

Quereis ter a bondade de sentar-vos, senhores? Isto aqui não é uma discussão. Eu estou falando, não estou agredindo. Portanto, por favor, não tomeis atitude defensiva. Estou-vos mostrando o que é. Podeis aceitar ou não. A mim não importa.

INTERPELANTE: *O que estais dizendo não é verdade.*

KRISHNAMURTI: Mas, por favor, senhor, se achais que as cerimônias são necessárias, continuai a praticá-las. Se, entretanto, vos sentis disposto a examinar esta questão, entremos nela a fundo, e vereis como a mente está tôda enleada nos hábitos, nas vãs repetições, nas sensações, na obediência a uma certa autoridade. A mente que está prêsa na armadilha dos hábitos não é, evidentemente, livre e nunca poderá descobrir o que é verdadeiro.

Por fôrça do hábito — não me estou referindo, por ora, aos hábitos físicos — a mente busca uma sensação, torna-se apegada, psicològicamente, a determinada forma de cerimônia de onde lhe advém uma certa satisfação, um sentimento de segurança. É claro que uma mente em tais condições não é livre e não pode descobrir o verdadeiro. Só a mente livre é capaz de o descobrir, e não aquela tolhida pelas crenças, pelos dogmas, pelo mêdo, pelo constante desejo de segurança.

Pelos séculos em fora, tôda religião sempre teve um certo cerimonial, um certo ritual, destinado a manter coesa a massa do povo, e nas cerimônias as pessoas encontram com efeito um certo confôrto, um esquecimento de sua estafante existência de cada dia. A vida diária lhes é tediosa, e os ritos religiosos, tais como os cortejos reais, lhes oferecem um meio de fuga. Mas a mente que está buscando a fuga, não pode achar aquilo que é atemporal, imortal.

Não importa que as igrejas digam que as cerimônias são divinas; elas nem por isso deixam de ser invenções da

mente, da mente humana condicionada. Não se trata aqui de discriminar o "meu caminho" do "vosso caminho", porque não existem umas pessoas que vão buscar a verdade por meio das cerimônias, e outras que lá chegarão por um caminho diferente. Só a Verdade existe, e não o "meu caminho" e "vosso caminho". Pensar em têrmos de "meu caminho" e "vosso caminho" é uma falsa maneira de pensar, tendente à discriminação, à "exclusão", e tudo o que é exclusivo é danoso.

PERGUNTA: *Ensinaram-nos a crer na imortalidade pessoal e na continuação da vida após a morte. Isto é verdadeiro também para vós?*

KRISHNAMURTI: Há imortalidade pessoal após a morte? Há a continuação do "eu", com suas acumulações de experiências, conhecimentos, qualidades e relações? Tudo isso continua depois de morrermos? E se não continua, que valor tem então êsse processo? Se o aperfeiçoamento do caráter, com as lutas, alegrias e dores que acarreta, tem de acabar-se com a morte, que sentido tem a vida então? Ora, examinemos isto. Não está aqui em questão o que eu creio e o que vôs credes, já que as crenças de nada servem, no descobrimento da Verdade. Uma mente que se deixou enlear pela crença, seja a crença na reincarnação, seja a crença em Deus, é incapaz de descobrir ou de experimentar o Verdadeiro. Acho realmente importante compreender isto, se me consentis repeti-lo, porque a mente é ensinada, condicionada para crer ou para não crer, como é muito evidente hoje em dia. O comunista não crê na imortalidade, que considera uma idéia absurda, pois foi ensinado, condicionado para não crer e, assim, se preenche no Estado, que para êle representa o único bem. Outros crêem na vida futura e têm esperança em certa forma de ressurreição, ou reincarnação. Assim, quando me perguntais "Vós também credes?", acho que não é

esta a questão que nos interessa, porque — se continuardes a prestar atenção — iremos descobrir a verdade relativa a êste problema.

O "eu", o "ego" pessoal, continua a existir? Que é o "eu"? Várias tendências, traços de caráter, crenças, acumulação de conhecimentos, experiências, lembranças de dores, alegrias e sofrimentos, a idéia de meu amor, meu ódio, tudo isso constitui o "eu", nesse momento, e, compreendendo o quanto é transitório êsse "eu", dizemos que existe, além dêle, a alma permanente, alguma coisa de divino. Mas se essa "alguma coisa" é permanente, real, divina, está fora do tempo e, por conseqüência, não pensa em têrmos de morrer ou de ter continuidade. Se existe a alma — ou seja qual fôr o têrmo com que designais a coisa — ela tem de ser algo que está fora do tempo, e nem vós nem eu podemos pensar a seu respeito, uma vez que nosso pensar é todo condicionado. Nosso pensar, sendo produto do tempo, não pode de modo nenhum pensar naquilo que está fora do tempo. Assim, todo o nosso mêdo é produto do tempo, pois não?

Repito mais uma vez que não se trata aqui nem de "meu caminho" nem de "vosso caminho". Estamos examinando, tentando descobrir o que há realmente — o que é. E podemos considerar o que é, sem darmos entrada à crença em algo transcendental, algo que todos desejamos, uma coisa superpermanente, uma suposta entidade espiritual, atemporal? Desejamos saber se sobreviveremos, e fazemos esta pergunta principalmente porque temos mêdo da morte. E, assim, que fazemos? Desejamos imortalidade, aqui, neste mundo, nos bens que possuimos, não é verdade? A nossa sociedade está tôda baseada nisso. A propriedade é vossa e minha, para a passarmos aos nossos filhos, o que vem a ser uma espécie de imortalidade através de nossos filhos. Queremos imortalidade. Buscamo-la em nosso nome, em nossas realizações, nosso sucesso, queremos a perpetuação de nós mesmos, um contínuo preenchimento de nós próprios. Sabendo que temos

de morrer, que a morte é inevitável, dizemos "Que há além?". Queremos a garantia de uma continuidade lá, por isso cremos na vida futura, na reincarnação, na ressurreição, em qualquer coisa, enfim, para não encararmos êsse extraordinário estado que se chama "a morte". Inventamos inumeráveis meios de fuga porque ninguém quer morrer, e tôdas as perguntas que fazemos, concernentes à imortalidade pessoal, são feitas na esperança de encontrarmos um meio de evitarmos aquilo que tememos. Mas, se pudermos compreender a morte, não teremos mais mêdo dela e não buscaremos mais a imortalidade pessoal, nem neste mundo nem no outro. Então, a nossa percepção, a nossa perspectiva, terão sofrido uma revolução completa. A crença, pois, de nada serve para o descobrimento do Verdadeiro, e agora vamos investigar o que há de verdadeiro com relação à morte.

Que é a morte? Pode-se "experimentar" a morte enquanto estamos vivos? Vós e eu podemos "experimentar" o que é a morte, não no momento em que, por doença ou acidente, se dá a completa cessação do pensar, mas enquanto estamos vivos, cheios de vigor, perfeitamente lúcidos e conscientes? Vós e eu podemos descobrir o que significa morrer, "entrar na mansão da morte", enquanto estamos aqui sentados a examinar êste problema.

Que significa isto — morrer? Significa, evidentemente, morrer para tôdas as coisas que acumulamos, tôdas as experiências, tôdas as lembranças, todos os laços que nos prendem. Morrer é deixar de ser "eu", "ego", não é verdade? É não ter mais idéia de continuidade do "eu", com tôdas as suas lembranças, suas mágoas, seus sentimentos vingativos, seu desejo de preenchimento, de "vir a ser". E é possível experimentar-se um tal momento de não-existência do "eu". Nesse momento, com tôda a certeza, conheceremos o que a morte. A mente é "o conhecido", resultado do conhecido, sendo "o conhecido" tôdas as experiências de incontáveis dias passados, e é só quando a mente se liberta do conhecido e, portanto, se torna parte do

Desconhecido, é só então que não há mais mêdo à morte. Não há mais a morte. A mente já não busca a imortalidade pessoal. Há então o "estado do desconhecido", que tem sua existência própria. Mas para descobri-lo, a mente precisa liberta-se do conhecido. Podeis ter crenças inumeráveis, que vos proporcionam confôrto, um sentimento de segurança, mas enquanto não ocorrer a nossa libertação do conhecido, estará sempre a corroer-nos o mêdo. O que "continua" nunca será criador. Só o Desconhecido é criador, e o Desconhecido só pode despontar quando a mente está livre da idéia de perpetuação do "conhecido".

Para a maioria de nós, a dificuldade é que queremos alguma espécie de continuidade, razão por que inventamos crenças ilusórias. Afinal de contas, as crenças são meramente explicações, e nós nos satisfazemos com explicações. Mas as explicações quase nada significam, a não ser para o homem que deseja alguma espécie de segurança, e para descobrir o que é verdadeiro a mente tem de rejeitar tôdas as explicações, sejam as das igrejas, dos sacerdotes, dos livros, sejam as dos que desejam crer.

Quando a vossa mente estiver livre de tôdas as explicações, livre do "conhecido", descobrireis que o Desconhecido é a morte, e então não haverá mais mêdo. Êsse estado é completamente diferente e não pode ser concebido pela mente que está condicionada no conhecido. Quando a mente está livre do conhecido, existe o Desconhecido.

19 de novembro de 1955.

5.ª CONFERÊNCIA DE SÍDNEI

VAMOS tratar hoje dum problema que parecerá um tanto complexo, mas que penso poderemos simplificar bastante. Como sabemos, a nossa mente está cheia de conclusões, conhecimentos, experiências, repetições de coisas sabidas. E é possível libertar a mente do "conhecido"? O conhecido é constituído dos fatos, das lutas, das aflições, da ganância da vida de cada dia, bem como da experiência humana acumulada através dos séculos. Terá a mente possibilidade de reconhecer êsses fatos, que constituem o "conhecido", e ao mesmo tempo tornar-se livre dêles, de modo que possa manifestar-se um outro estado diferente?

Quando a nossa mente está repleta de conclusões, suposições, experiências, tôda ocupada pela lembrança das alegrias, das lutas, dos sofrimentos, que a têm acompanhado através da vida, não há então liberdade para se observar qualquer coisa nova. Se, por exemplo, quando me vindes ouvir, já adotastes certas suposições a meu respeito — que vós sabeis e eu não sei, ou que eu sei e vós não sabeis — ou se vossa mente está moldada, condicionada, pelas coisas que tendes lido e, portanto, me ouvis com um preconceito, uma conclusão, com o vosso preparo intelectual, então a vossa mente não é simples; e a mim me parece que se necessita de muita simplicidade para se descobrir se há algo que não seja mero produto mental.

Se nossa mente está a funcionar, a tôdas as horas, só na esfera do "conhecido", como acontece com a maioria de nós, começamos a achar esta área muito limitada, muito estreita e trivial, e, assim, a mente se põe a inventar ideais, fantasias, mistificações, por meio das quais foge da

realidade. A maioria das religiões nos oferecem uma fuga desta natureza, e a pessoa supostamente religiosa está cheia de idéias fantásticas, crenças e dogmas.

A mente, pois, está funcionando sempre dentro da esfera do conhecido, não é verdade? Isto é um fato real, que não estamos tentando negar ou afastar para o lado. E a questão é se a mente, em tais condições, é capaz de investigar ou receber algo que não seja meramente uma experiência ou uma conclusão nascida do "conhecido". Naturalmente não podemos desejar esquecer a estrada por onde estamos viajando, o nome da rua onde moramos, etc., pois isso seria absurdo demais. Mas a mente se acostuma com "o conhecido" e cria hábitos, deixando-se enredar em certas conclusões, suposições, postulados, e, nessas condições, o nosso pensar fica, permanentemente circunscrito a essa esfera. Por conseguinte, a mente nunca está livre para ser realmente simples, e pensamos que quanto mais aprendermos, lermos, rezarmos, ou praticarmos uma certa espécie de meditação, tanto mais nos tornaremos aptos a achar o Atemporal.

A questão, pois, é: Pode a mente, que é o resíduo, o resultado do conhecido, do saber, da experiência, libertar-se do conhecido e achar algo além? Eu gostaria de examinar esta questão junto convosco, se vos aprouver, pois a considero de muita importância. Quando falamos de experiência religiosa, entendemos um estado que transcende o "eu", o "ego", "o conhecido", não é? Ou, possìvelmente, a maioria não pensa absolutamente nesses têrmos. Mas, a meu ver, quanto mais judiciosos, atentos e vigilantes formos, e quanto mais profundarmos esta questão, tanto mais evidente se tornará que qualquer revolução verdadeira só é realizável pela ação do homem religioso; e o homem religioso não é o que crê, o que segue certos dogmas ou pratica uma determinada forma de meditação. Para mim, o homem religioso é aquêle que está cônscio do "conhecido" e não permite nenhuma interferência do conhecido na sua busca do Desconhecido.

É êste ponto que eu gostaria de examinar junto convosco, nesta tarde, e espero que o problema esteja claramente formulado.

PERGUNTA: *Por que achais mais importante ou mais indispensável nos interessarmos pelo Desconhecido, ainda que real, do que pelo "conhecido", que além de real é presente?*

KRISHNAMURTI: Tenho sustentado, em tôdas as minhas palestras, que a mente precisa ser livre do conhecido para achar algo que pode ser chamado "o desconhecido". Se a vosso respeito nutro idéias preconcebidas, suposições, certamente não posso compreender-vos. Ora, pode a mente ser libertada de tôdas as suas suposições, crenças, dogmas, hábitos de pensamento? Expressando-o diferentemente: Pode a mente tornar-se simples, para ser capaz de uma experiência completamente nova — e não uma experiência baseada em coisas velhas, uma experiência "projetada"? Pode a mente estar aberta para o Desconhecido, o que quer que êle seja, e estar cônscia ao mesmo tempo do conhecido, como fato presente? Está claro o problema? Se está, passemos a examiná-lo. Considero importante compreender êste problema, porque do contrário ficaremos a mover-nos em círculos, pensando que estamos tendo a experiência de uma coisa muito real, quando se trata meramente de uma "projeção" de nosso próprio desejo, e estamos, por conseguinte, vivendo no mundo ilusório de nossa imaginação.

Homem religioso é aquêle que está livre, interiormente, do conhecido.

Isso tem alguma significação para vós? Afinal de contas, nós fomos educados como cristãos, hinduístas, maometanos, budistas, ou o que mais seja, com certos dogmas, tradições e crenças, e a mente tão condicionada está por êsse fundo educativo, que tôdas as suas experiên-

cias são, consciente ou inconscientemente, produto dêsse condicionamento. Como hinduísta, posso ter visões dos vários deuses que a cultura hinduísta me inculcou, exatamente como vós, educados que fostes como cristãos, podeis ter visões do Cristo, etc. A uma tal visão chamamos "experiência religiosa"; mas, na realidade, psicològicamente, que se passa? A mente está apenas a "projetar", sob a forma de imagem ou símbolo, a qualidade do seu fundo hereditário, não é verdade? Por conseqüência, tal experiência não é real, absolutamente, mas o condicionamento é um fato.

Ora, pode a mente em que foram gravadas a cultura, as tradições, os dogmas do Cristianismo, do Hinduísmo, do Budismo, conhecer o seu condicionamento? Pode ficar cônscia dêsse condicionamento e libertar-se dêle, tornando-se, assim, apta a descobrir se há algo mais do que a mera atividade mental restrita à esfera do conhecido? Acho que agora a questão está clara; discutamo-la, pois.

INTERPELANTE: *Qualquer que seja o nosso condicionamento, soem ocorrer experiências que são reais, e estas não estão relacionadas com o nosso condicionamento. Provam-nos elas que certas coisas são verdadeiras.*

KRISHNAMURTI: Ide devagar, por favor. Não presumais que vós tendes razão e eu não tenho, ou que não tendes razão e eu a tenho. Esta questão exige muita penetração, investigação.

Há alguma experiência separada do meu condicionamento e que me prova ser verdadeira uma coisa que outros disseram? Isto é, percebo o meu condicionamento, mas, afora êsse condicionamento, experimento algo que me prova que meu condicionamento é correto. Ora, existe experiência separada e independente do meu condicionamento? Se, por exemplo, sou budista e "experimento" uma visão do Buda ou do "estado budístico", essa expe-

riência é independente do meu condicionamento como budista? Uma experiência dessas, entretanto, convence muitas pessoas de que o seu condicionamento é correto, que o que crêem é verdadeiro. Se por acaso sou comunista e não creio em deuses e demais tolices, decerto não posso ter, em circunstância nenhuma, uma tal experiência. Poderei ter visões de um Estado Utópico, mas nunca do Buda nem do Cristo. É o "fundo" ou condicionamento que cria a imagem, a visão, e tal experiência me convence mais ainda de que é verdadeiro o que creio. Assim, ao dissociarmos a experiência do "fundo" do nosso pensar, tal separação não tem, òbviamente, validade nem significação nenhuma.

PERGUNTA: *Qual deveria ser a natureza de uma experiência não resultante de nosso fundo mental?*

KRISHNAMURTI: Com efeito, senhor, esta é que é a questão. Que espécie de experiência é esta, que está livre do "fundo"? E há possibilidade de tal experiência? Não podemos presumir coisa alguma. Se temos a intenção de descobrir a verdade contida nesta questão, não pode haver suposições nem a idéia de obediência a autoridade alguma.

Pergunto: Que espécie de experiência é esta, não limitada pelo "fundo", não resultante do "fundo"? Pode-se descrever tal experiência? Não estou tentando fugir à questão. Pode qualquer de nós — vós ou eu — comunicar a um outro a experiência que não é produto do "fundo" (**background**)? É claro que não pode. Antes de mais nada, devemos perceber o fato verdadeiro de que tôdas as nossas experiências são ditadas pelo "fundo", não nos consentindo imaginar que estamos experimentando algo não relacionado com êsse "fundo".

Posso sugerir, agora, àqueles que estão tomando notas, que não o façam? Vós e eu estamos tentando "ex-

perimentar" diretamente, agora, a coisa que estamos discutindo, e se estais a tomar notas não estais escutando realmente o que se está dizendo. Se tomais notas é com o fim de pensardes na questão amanhã. Mas o pensar nela diretamente, agora, terá muito mais significação do que o refletir a seu respeito amanhã. Portanto, permiti-me sugerir-vos que não distraiais a outros e a vós mesmos com o tomar notas.

Se uma pessoa deseja descobrir se há alguma experiência não resultante do condicionamento da mente, não achais necessário, em primeiro lugar, perceber como verdadeiro o fato de que tôda experiência, atualmente, ou é produto do nosso próprio "fundo", nosso condicionamento, ou reação dêsse "fundo" a um desafio? Percebeis êste fato? Estais consciente do fato de que a vossa mente está condicionada como cristã, socialista, comunista, ou seja o que fôr, de que tôdas as vossas experiências e reações resultam dêsse condicionamento? Isto é verdade, não?

INTERPELANTE: *O ser cristão, ou pertencer a outra religião qualquer, é, em geral, uma questão de destino.*

KRISHNAMURTI: Por favor, não venhais com palavras como "destino", e outras que tais. Isso está fora do nosso assunto. Não é, por ora, o que estamos discutindo, Não estou dizendo que não possamos examinar também isso, noutra ocasião, mas hoje temos de restringir-nos ao nosso tópico.

PERGUNTA: *Pela palavra "experiência", não entendemos realmente "compreensão" ou "conhecimento"?*

KRISHNAMURTI: Estas três palavras, "experiência", "conhecimento" e "compreensão" estão relacionadas entre si, não é verdade?

Interpelante: *Mas não significam a mesma coisa.*

KRISHNAMURTI: Não, naturalmente. Elas se relacionam entre si. Se desejo compreender não só o que estais dizendo, mas o todo de vossa personalidade, não devo ter nenhuma idéia preconcebida a vosso respeito, não devo ter prevenção alguma nem guardar na memória as ofensas que acaso me tenhais feito, nem vossas agradáveis lisonjas. Tenho de estar livre de tudo isso, para poder compreender-vos, não é verdade? A compreensão só vem quando posso encontrar-me convosco de maneira nova, e não através da cortina da experiência.

Esta questão já é sobremodo complicada, portanto não a tornemos mais complicada ainda. Se está claro o que entendemos por "compreensão" e o que entendemos por "experiência" e "conhecimento", então continuemos.

Se minha mente reage de acôrdo com a limitação resultante de meu condicionamento, não me é possível compreender nada. Isto, por certo, é bastante simples. E estais cônscio de que reagís de acôrdo com o vosso condicionamento? Estais cônscio de que, como cristão, comunista, socialista, ou o que quer que sejais, defendeis certas crenças, religiosas ou não? Estais cônscio de que vossa mente, sendo um resíduo do passado, é limitada e que tudo o que ela escolhe ou "experimenta" é também limitado?

Interpelante: *O amor, a afeição espontânea depende do "fundo"?*

KRISHNAMURTI: Senhor, sabemos o que é o amor espontâneo? Conhecemos, vós e eu, o amor que não é produto de condicionamento, de um dado "motivo", de uma certa moral social, de um sentimento de dever ou responsabilidade? Conhecemos amor isento de apêgo? Ou será que temos lido a respeito de tal estado e desejamos entrar nesse estado?

Voltando ao ponto principal: Estamos cônscios, vós e eu, de que a nossa mente é tão complexa, tão condicionada, que não há em nós nada original, se posso empregar esta palavra sem ser mal compreendido? Somos capazes de uma compreensão original, de experimentar alguma coisa não contaminada, virgem, pura, ou não passamos de meros discos de gramofone, repetindo o que temos lido ou aquilo que o nosso fundo mental nos insufla? O mêdo e o desejo não nos estarão ditando alguma fantasia, alguma imaginação ou esperança? E pode um indivíduo ficar livre de tudo isso? Pode, indubitàvelmente, mas só quando está cônscio de que as suas visões, suas esperanças e crenças são produtos de seu próprio desejo e se baseiam no seu próprio condicionamento. Está tudo claro até aqui?

AUDITÓRIO: *Sim, está.*

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer com "sim, está"? Por favor, não vos impacienteis nem riais. Aceitastes, meramente, uma explicação ou, independente da explicação, estais diretamente cônscio do fato de estardes condicionado? Percebeis a diferença entre as duas coisas?

AUDITÓRIO: *Percebemos.*

KRISHNAMURTI: Tende a bondade, vamos devagar.

INTERPELANTE: *Dar-se-á que, se nos tornamos mais cônscios das coisas presentes, êste fato determina a entrada de uma nova fôrça?*

KRISHNAMURTI: Senhor, não estou falando de entrada nem de saída de uma fôrça nova. O que estou dizendo é muito simples. Sabeis que estais condicionado? E ao dizerdes "sim", esta declaração reflete meramente a compreensão verbal de uma explicação verbal, ou estais cônscio do vosso estado condicionado? Qual é o vosso caso?

INTERPELANTE: *Estou cônscio de meu condicionamento.*

KRISHNAMURTI: Por favor, tende paciência, isto é muito importante.

INTERPELANTE: *Se estou condicionado, posso tornar-me cônscio dêste condicionamento?*

KRISHNAMURTI: Posso estar cônscio de que sou nacionalista, de que tenho certas crenças, dogmas, preconceitos? Posso saber isso? Certamente que posso, não? Assim, sei que tenho suposições, preconceitos, certas experiências oriundas de meu condicionamento e que, por conseqüência, a minha mente é muito limitada? Estou cônscio disso, não teòricamente mas de fato? Estou "experimentando" diretamente o fato de que minha mente é condicionada?

INTERPELANTE: *Uma pessoa pode dizer apenas que era condicionada.*

KRISHNAMURTI: Quereis dizer que antes de virdes para esta reunião estáveis condicionado e que agora já não estais condicionado?

INTERPELANTE: *Só podemos saber que tivemos uma experiência original, posteriormente, quando nossa mente já está de novo ocupada pelo conhecido.*

KRISHNAMURTI: Vêde, por favor, êste é um problema muito complexo, mas se nêle entrardes com vagar, vereis por vós mesmo o inteiro significado do que estamos dizendo. Como entes humanos, não somos criadores, nossa mente está repleta de lembranças, tristezas, ganância, dogmas, espírito nacionalista, etc. E é possível a mente perceber bem essas coisas e desembaraçar-se delas? Por certo, a mente só pode tornar-se livre quando sabe que

não é livre, que está condicionada. Sei que não sou livre, estou experimentando diretamente êsse condicionamento? Percebo realmente que estou cheio de preconceitos e suposições? Adotamos a suposição de que há ou de que não há Deus, de que há imortalidade ou aniquilamento, ressurreição ou reincarnação, e muitas outras coisas mais; e pode a mente tornar-se cônscia de tôdas essas suposições ou pelo menos de algumas delas?

INTERPELANTE: *Quando dizeis "nós", entendeis que vossa mente, tanto como a nossa, está condicionada por essas tradições e ambições em que fomos moldados? Que entendeis por "nós"?*

KRISHNAMURTI: Isso é uma fôrça de expressão. Estamos a examinar a mente, a vossa e a minha. Continuemos com o nosso assunto.

INTERPELANTE: *Se nos sentimos satisfeitos, que problema existe?*

KRISHNAMURTI: Quando estais satisfeito, quando dizeis que é perfeitamente correto ser cristão, hinduísta ou comunista, não há problema nenhum.

INTERPELANTE: *Devemos então ficar insatisfeitos?*

KRISHNAMURTI: Não, senhor! Isso não quer dizer que tendes de ficar insatisfeitos. Mas vós não estais satisfeito, não é verdade?

AUDITÓRIO: *É verdade.*

KRISHNAMURTI: Como vêdes, o problema da insatisfação, do descontentamento é muito diferente. Se não estou satisfeito, desejo encontrar alguma maneira de obter

satisfação e isso significa que não aceito o presente estado, a presente condição.

INTERPELANTE: *Entendeis que a verbalização é um empecilho à compreensão, à experiência direta?*

KRISHNAMURTI: Claro que sim, porque o processo da mente é todo verbalização. Posso não usar uma palavra, mas ter no seu lugar uma imagem ou um símbolo. Se tenho na mente um símbolo, a idéia hinduísta ou cristã da Realidade, de Deus, ou seja de que fôr, ainda que eu não o verbalize, não o ponha em palavras, êsse símbolo me impede a compreensão do Real.

Mas não consideremos vários pontos ao mesmo tempo, embora relacionados entre si. Continuemos a dar atenção a um só. Podemos, vós e eu, enquanto aqui sentados, saber que estamos condicionados? Podemos estar cônscios, plenamente cientes dêsse fato?

AUDITÓTIO: *Podemos.*

INTERPELANTE: *Que tem tudo isso que ver com a necessidade primária de um ente humano — a necessidade de comida, de roupas e de teto?*

KRISHNAMURTI: Senhor, todos e cada um de nós temos necessidade de alimentação suficiente, de roupa e de morada. Mas há milhões de sêres — pràticamente a Ásia tôda — que estão privados dessas coisas. A distribuição eqüitativa das coisas necessárias à satisfação das necessidades físicas é impedida pela nossa avidez psicológica, nosso nacionalismo, nossas diferenças religiosas. Psicològicamente, servimo-nos dessas coisas necessárias, para o engrandecimento de nós mesmos, e se continuarmos a examinar com vagar o ponto que estamos discutindo, vós mesmo encontrareis a resposta à vossa pergunta, em vez

de ma pedirdes. O que estamos tentando agora é nos libertarmos uns dos outros, para que vós e eu sejamos indivíduos originais, verdadeiros entes humanos, e não "a massa do povo".

Pois bem. Se está bem compreendido isso, podemos dizer: "Sei que estou condicionado"?

INTERPELANTE: *Podemos. Eu sei que estou condicionada e que preciso fazer alguma coisa a êsse respeito. Ora, como posso libertar-me?*

KRISHNAMURTI: Esta senhora declara saber que está condicionada, condicionada no "conhecido". Ela conhece os seus preconceitos, suas suposições, seus desejos e impulsos, conscientes e inconscientes, e, conhecendo-os, pergunta: "Como posso libertar-me?" É também isso o que pergunta a maioria de vós?

AUDITÓRIO: *Sim.*

KRISHNAMURTI: Muito bem. Vamos andando, passo a passo, e tende um pouco de paciência para seguirdes o que vou dizer. Percebo que estou condicionado, e minha reação imediata a essa percepção é de que devo libertar-me dêsse condicionamento. Por esta razão, digo: "Como posso libertar-me? Qual o método, o sistema, o processo pelo qual posso tornar-me livre?" Ora, se pratico um método, torno-me seu escravo, e isso, por sua vez, forma um novo condicionamento.

INTERPELANTE: *Não necessàriamente.*

KRISHNAMURTI: Senhor, deixemos, por ora, esta idéia de parte. Se percebo que estou condicionado, que sou ávido, desejo saber como libertar-me do condicionamento. A pergunta sôbre como libertar-me é inspirada por outra

forma de avidez, não é verdade? Posso praticar a não avidez, dia por dia, mas o "motivo", o desejo de ficar livre da avidez, é ainda avidez. Vamos devagar, por favor. Está visto que o "como" não pode resolver o problema, e só serve para complicá-lo. Mas a pergunta pode ser respondida totalmente, como vereis daqui a pouco.

Se percebo claramente que sou ávido, esta própria percepção não pode libertar a mente da avidez? Se sei que uma serpente é venenosa, isto basta, não? Não me aproximo da serpente. Mas nós não percebemos que a avidez é veneno. Gostamos da sensação agradável que nos proporciona, gostamos do confortável sentimento de estar condicionados. Se tentássemos libertar a mente do condicionamento, poderíamos ser considerados anti-sociais, perder o nosso emprêgo; poderíamos contrariar tôda a tradição da sociedade. E assim, inconscientemente, ficamos prevenidos, e nossa mente pergunta: "Como posso libertar-me?". Dessa maneira, o "como" significa meramente um adiamento da percepção do fato. Está claro êste ponto?

O que importa, pois, é saber por que a mente pede método. Sabeis que há inúmeros métodos que nos garantem: "Praticai estas coisas todos os dias, que chegareis lá!" Mas, seguindo um método, criastes um hábito e dêsse hábito sois escravo; não estais livre, portanto. Mas se, ao contrário, perceberdes que estais condicionado, condicionado pelo "conhecido" e, portanto, com mêdo do Desconhecido; se perceberdes com tôda a clareza êste fato, vereis então que essa própria percepção estará operando, vos estará já dando um certo grau de liberdade, que não vos esforçastes deliberadamente para alcançar. Quando percebeis o vosso condicionamento, de maneira real, não teòricamente, cessa todo o esfôrço. Todo esfôrço para se ser alguma coisa é o começo de um novo condicionamento.

Vemos, pois, que é mais importante compreender o problema do que procurar para êste uma solução. O problema é êste: A mente, resultado do tempo, de séculos de

condicionamento, se move e passa a sua existência dentro da esfera do "conhecido". Êste é o fato real, o que está sucedendo em nossa vida de cada dia. Todo o nosso pensar, nossas lembranças, nossas experiências, nossas visões, nossas vozes interiores, nossas intuições, tudo isso é produto do "conhecido".

Ora, pode a mente tornar-se cônscia de seu condicionamento, sem tentar lutar contra êle? Quando a mente percebe que está condicionada e não batalha contra êsse estado, só então é que é livre e pode dar atenção completa ao condicionamento. A dificuldade é estarmos cônscios do condicionamento e não tentarmos fazer nada com relação a êle. Mas se a mente está sempre cônscia do "conhecido", isto é, dos preconceitos, das suposições, crenças, desejos, do nosso ilusório pensar na vida de cada dia, se está cônscia de tudo isso e não se esforça para ser livre, então, essa própria percepção trará sua liberdade própria. Será então possível a mente se tornar tranqüila, realmente, não apenas tranqüila num certo nível da consciência e tremendamente agitada nos níveis mais profundos. Só pode verificar-se a total tranqüilidade da mente, quando ela compreende, de modo completo, o problema do condicionamento, e isso significa observar, a todos os momentos, cada movimento do pensamento, estar cônscia de suas suposições, crenças e temores. Haverá então, como é de esperar, uma completa tranqüilidade mental e nela será possível surgir algo que se acha além dos limites da mente.

23 de novembro de 1955.

6.ª CONFERÊNCIA DE SÍDNEI

PRETENDO examinar hoje, junto convosco, o problema do tempo, porque acho que uma compreensão exata dêste problema solucionaria muitas das nossas questões e, quiçá, faria cessar definitivamente êste nosso constante desejo de achar, esta nossa ânsia de descobrir o verdadeiro. Para mim, a busca da verdade, através do tempo, não tem significação nenhuma, e se pudessemos compreender o desejo, o impulso para descobrir, estaríamos habilitados a considerar de uma maneira completamente nova o problema do tempo.

Pensamos que existe um vão, um intervalo entre o que é e o que **deveria ser,** entre o feio e o belo, e que o tempo é necessário para se alcançar o Belo, o Verdadeiro. E, assim, todos os nossos esforços e nossa busca incessante visam sempre a achar uma maneira de transpor êsse intervalo. Seguimos os **gurus** e instrutores, controlamo-nos, aceitamos idéias as mais fantásticas, com a esperança de transpormos, por êsse meio, o intervalo, e pensamos que um sistema de meditação, a prática de disciplinas, são necessários para podermos alcançar o Absoluto, o Real, o Verdadeiro. É êste o ponto que desejo investigar e espero que, depois de me deixardes falar um pouco, estejais dispostos a discutí-lo junto comigo.

Pois bem. Nós aceitamos êsse processo, não é verdade? Todos os instrutores religiosos e livros sagrados o prescrevem, e todos os nossos esforços nele se baseiam; sou **isto** e tenho de tornar-me **aquilo.** Mas tal processo pode ser completamente falso. Pode não haver intervalo nenhum. Aquêle intervalo pode ser puramente mental, uma divisão totalmente fictícia, criada pela mente, no seu dese-

jo de chegar a alguma parte, e acho de suma importância compreender isto. Presumimos que a Verdade só pode ser alcançada através do tempo, mediante esforços de vária ordem, mas essa suposição pode ser tôda ilusória, e acho que é. Talvez, o que nos cabe fazer é só perceber esta ilusão, perceber, não como idéia fisolófica, mas como realidade concreta, que não há "chegada" através do tempo, que não há "vir a ser", mas só **ser**, e que não podemos **ser** quando estamos tentando alcançar algum fim. Para compreender e perceber que aquêle outro estado, qualquer que êle seja, não pode ser encontrado nem realizado por intermédio do tempo, devemos ser capazes de pensar com muita simplicidade e de maneira direta, e, ao que me parece, esta é que é a dificuldade da maioria de nós. Tão habituados estamos a fazer esfôrço para alcançar alguma coisa por meio de exercícios, de disciplinamento, de um "processo" de tempo, que nunca nos ocorreu que êsse esfôrço possa ser uma ilusão.

Ora, podemos pensar neste problema, nesta tarde, de uma maneira inteiramente nova, sem nos preocuparmos com o "como"? Podemos considerá-lo, esquecendo-nos completamente dos **gurus**, dos instrutores, das disciplinas, dos sistemas de ioga, e tudo o mais? Podemos apagar tôdas essas coisas e ver se é possível perceber diretamente aquilo que se pode chamar a Verdade, Deus, ou Amor?

Uma das nossas dificuldades é que já aceitamos a idéia de que é necessário esfôrço, através do tempo, para se alcançar um objetivo, "vir a ser" alguma coisa, chegar a alguma parte. Essa idéia tem realidade, ou é mera ilusão? Sei que os instrutores, os **swamis**, os iogues, os vários filósofos e pregadores sustentam ser necessário esfôrço, o esfôrço correto, a disciplina correta, porque todos êles têm, como nós, a idéia de que existe um intervalo a separar-nos da Realidade; ou, porventura, dizem que a realidade está em nós, e, aceitando isso, perguntamos "Como posso atingir essa Realidade?"

Nessas condições, podemos jogar para o lado tôda e qualquer suposição, tôda concepção de um fim que será necessário alcançar por meio de esfôrço, de tempo? Se se percebe como falso todo êsse "processo", não surge então um "estado de ser", uma percepção direta, instantânea, sem intermediação alguma? Isto não eqüivale a uma pessoa hipnotizar a si mesma, dizendo "acho-me neste estado", o que nada significa, sendo meramente um resultado de suposições e tradições. Vamos examinar juntos o problema?

Pergunta: *O esfôrço físico é também ilusório?*

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer, senhor?

Pergunta: *Que entendeis por tempo?*

KRISHNAMURTI: Um momento, por favor. Posso sugerir que fiquemos escutando uns aos outros, sem estarmos ocupados meramente com nossa questão particular. Êste senhor pergunta se o esfôrço físico é também ilusório. Havia necessidade de tal pergunta? Se nenhum esfôrço fizéssemos fìsicamente, que aconteceria? É bem óbvio o que aconteceria, não? Assim, ou êle fêz a pergunta sarcàsticamente, ou estava realmente interessado em saber onde termina o esfôrço físico e começa aquela outra coisa em que não existe esfôrço de espécie alguma.

Psicològicamente, estamos fazendo um esfôrço, não é exato? O nosso desejo é de sermos alguma coisa, psicològicamente. Queremos ser virtuosos, ter paz de espírito, uma mente silenciosa, viver frutuosamente. Em vista dêsse nosso impulso psicológico, consideramos sumamente importante fazer-se o máximo de esfôrço, interiormente, e, por conseqüência, nutrimos idéias muito sérias a respeito dêsse esfôrço. E assim é que, quando uma pessoa faz um tal esfôrço, perseverantemente, quando se molda de acôr-

do com um ideal, um objetivo, a chamada finalidade da vida, etc., chamamo-la virtuosa. Mas será mesmo virtuosa essa pessoa, ou estará apenas a seguir, a perseguir uma "projeção" glorificada do seu próprio desejo?

Ora bem, se se pudesse compreender êsse impulso psicológico para "vir a ser", então o esfôrço físico poderia ter um significado todo diferente. Atualmente há conflito entre o impulso psicológico, numa direção, e o esfôrço físico, noutra direção. Muitos de nós freqüentamos o escritório todos os dias e nos sentimos completamente entediados, porque, psicològicamente, desejamos ser coisa diferente. Se não houvesse impulso psicológico para se ser algo, poderia então verificar-se uma integração, e nascer uma compreensão tôda diferente com relação à atividade física. E que dissestes, senhor?

INTERPELANTE: *Interessava-me saber o que entendeis por "tempo"?*

KRISHNAMURTI: O tempo cronológico é uma coisa. Êle existe, é um fato. Mas eu estou empregando a palavra "tempo" no sentido psicológico, o tempo que é necessário para fechar o vão existente entre mim e aquilo que desejo ser, para cobrir a distância que a mente criou entre mim e aquilo que é Deus, a Verdade, ou como quiserdes chamá-lo. Conquanto a mente haja inventado êsse tempo psicológico e sustente ser êle necessário, para a prática das disciplinas que nos permitirão alcançar a bem-aventurança, o céu, etc., eu estou contestando — e espero estejais fazendo a mesma coisa — a sua validade, estou a indagar se êle é ou não é uma ilusão.

Tememos que, se não fizéssemos esforços para "chegar", realizar, "vir a ser", estaríamos condenados a ficar estacionários, a vegetar. Mas é exato isso? Já não estamos a deteriorar-nos, no esfôrço que estamos fazendo para nos tornarmos alguma coisa? O fato real é que por meio

do esfôrço, por meio do tempo, estamos tentando lançar uma ponte por sôbre o intervalo existente entre o que é e o que deveria ser, do que resulta uma batalha constante dentro em nós mesmos, e êsse processo se baseia, todo êle, no mêdo, na imitação, e não na percepção direta ou na compreensão direta.

Uma das nossas dificuldades, pois, consiste em que a mente, que de tôda evidência é resultado do tempo, inventou êsse intervalo que perpetua o desejo, a vontade de ser algo. E percebendo que o desejo faz parte do processo, procuramos tornar-nos "sem desejo" e, assim, mais uma vez, temos o esfôrço para ser, para vir a ser.

Pois bem. Eu estou contestando essa idéia, que aceitamos e de acôrdo com a qual estamos vivendo. Para mim, esta maneira de viver nada significa. Há um estado de percepção direta, sem esfôrço, e é justamente o esfôrço que está impedindo o aparecimento dêsse estado. Mas, se dizeis "Como posso viver sem esfôço psicológico?" — neste caso não compreendestes nada do problema. O "como", mais uma vez, abre a porta ao problema do tempo. Podeis, porventura, perceber a necessidade de viver sem esfôrço, e que esta é a verdadeira maneira de viver, mas a vossa mente logo pergunta: "Como posso alcançar êsse estado?". E is-vos de novo enredado no processo do tempo.

Não sei se tal coisa já vos ocorreu, mas o fato é que há momentos de completa cessação do esfôrço para sermos alguma coisa, e em tal estado encontramos uma extraordinária riqueza de vitalidade, uma plenitude de amor. Isto não é nenhum ideal distante e ilusório, porém uma Realidade que pode ser percebida diretamente, e não por intermédio do tempo.

Apresenta-se aqui outra questão: É necessário o conhecimento para essa percepção? Para construir uma ponte preciso da técnica respectiva, preciso da necessária capacidade para apreciar certos fatos, etc. Se sei ler, posso abrir qualquer livro que me dê os pormenores desejados. Mas o que nós fazemos é acumular conhecimentos, psicolò-

gicamente. Seguimos os vários instrutores, as pessoas sagazes, os sábios, os santos, os swamis e iogues, na esperança de que, acumulando conhecimentos, acumulando virtudes, poderemos transpor o intervalo. Mas não existe uma espécie diferente de libertação, um estado livre, não **de** alguma coisa ou **para** alguma coisa, mas uma liberdade de **ser**.

Está abstrato demais?

AUDITÓRIO: *Não.*

INTERPELANTE: *Já somos livres, quando percebemos que estamos unidos com Deus.*

KRISHNAMURTI: Com licença, senhor, isto é uma suposição, não? A mente supõe, a fim de "chegar". Uma conclusão ajuda-nos a lutar para alcançar o estado a que ela se refere. Quer eu diga "estou unido com Deus", quer diga "sou mero produto do ambiente", qualquer das duas coisas é uma suposição, de acôrdo com a qual estou procurando viver. Podeis dizer "estou unido com a Vida", mas que significação tem isso? Tôda essa camada de suposições, acumulada pelo nosso próprio esfôrço ou pelo esfôrço de outros, pode ser uma coisa totalmente falsa. Portanto, por que presumir o que quer que seja? Mas isso não significa que devemos estar com a mente vazia.

INTERPELANTE: *Não há, em tudo isso, um certo mêdo do próprio desejo?*

KRISHNAMURTI: Causa mêdo têrmos um desejo? Consideremos isso um pouco. Que é o mêdo? Sem dúvida, o mêdo só se manifesta no movimento que se afasta do que é. Eu sou **isto** e não gosto dêste estado ou não quero que o descubrais e assim, estou-me afastando dêle. Êste afastamento é mêdo. Há o desejo — desejo de ser rico e

uma centena de outros desejos. No preenchimento ou não-preenchimento do desejo, há conflito, há mêdo, frustração, agonia e, nessas condições, queremos evitar a dor causada pelo desejo. Permanecemos, entretanto, apegados às coisas agradáveis que desejamos. Todos procedemos assim, não é verdade? Queremos conservar o prazer que o desejo nos traz e evitar a dor que o desejo também traz. E estamos, assim, nesse conflito, em que aceitamos ou nos apegamos a uma coisa enquanto evitamos a outra, e quando perguntamos "Como posso libertar-me de minhas tribulações, como posso viver perpètuamente feliz e em paz?" — Estamos às voltas, essencialmente, com o mesmo problema.

Interpelante: *Senhor, podeis dizer-nos qual é o método melhor para se alcançar a unidade além do plano mental?*

KRISHNAMURTI: Com licença, senhor, não estais prestando atenção ao que estou dizendo. Êsse desejo de união com tôdas as coisas é o mesmo problema que o de desejar sucesso no mundo, não? Ao invés de dizerdes "Quero dinheiro e como obtê-lo?", dizeis "Quero ter a revelação de Deus, da Verdade, da Unidade, e que devo fazer para a alcançar?" Ora, as duas coisas estão no mesmo nível, nenhuma é superior nem mais espiritual do que a outra. Ambas obedecem ao mesmo "motivo". Prestai, por favor, atenção. A uma coisa chamais mundana, à outra não mundana, espiritual, mas se examinardes o "motivo", vereis que é essencialmente o mesmo. O homem que ambiciona dinheiro olha com deferência para o homem que diz: "Quero ser espiritual, quero alcançar Deus", porque o desejo de ser espiritual é considerado virtuoso. Mas, se considerardes sèriamente a questão, vereis que, intrìnsecamente, as duas coisas são exatamente idênticas. O homem que quer beber e o homem que quer Deus são essencialmente o mesmo homem, porque todos dois estão desejando

algo. O primeiro pode entrar numa taberna e satisfazer imediatamente o seu desejo de beber, enquanto o outro tem de atravessar, primeiramente, o intervalo de tempo, mas não há diferença fundamental entre êles.

Isto é muito sério, não é coisa para rir. Todos estamos empenhados na mesma luta. E é possível conhecermos êsse extraordinário sentimento de integração, de realidade, essa plenitude de amor, não amanhã, através do tempo, mas agora, imediatamente? Pode haver uma percepção direta, isto é, um despertar para todo êsse falso pensar, essa busca do "como", e reconhecer como tudo isso é falso?

INTERPELANTE: *Senhor, o tempo não é necessário para se alcançar essa percepção?*

KRISHNAMURTI: "Não é necessário tempo para se perceber o que é?" — Vêde, Senhores, todos presumimos tal coisa, que é a idéia geralmente aceita, a idéia que estou a contestar. Senhores, isto não é uma questão de "sim" ou "não", de se dizer "Vós seguis pelo vosso caminho, e eu pelo meu". Nada disso. Estamos procurando compreender o problema, tentando profundá-lo o mais possível. Não estamos fazendo suposição alguma, nenhuma asserção dogmática ou autoritária, mas, sim, procurando "sentir" o problema de maneira completa, o que só é possível quando o coração não é obstinado. Podeis investigar, mas se sois obstinado, vossa obstinação prejudicará a investigação.

Diz esta Senhora que acha que o tempo é necessário. Por quê? Compreendeis o que entendo por "tempo"? Não entendo o tempo cronológico, e sim o tempo criado pelo desejo, por nossas intenções e objetivos psicológicos. Dizeis necessário o tempo para a "realização", a compreensão da Verdade, e aceitastes como inevitável tal processo. Mas chega um outro e vos diz que o processo pode

ser desnecessário, totalmente falso, ilusório; vamos, pois, averiguar por que é que o considerais necessário.

INTERPELANTE: *Acho necessário o tempo para a "realização" da liberdade.*

KRISHNAMURTI: Senhor, tende a bondade de examinar a questão com vagar, profundamente, e vereis o resultado. Por que achamos necessário o tempo? Não é por que consideramos a Verdade como uma coisa que está do "outro lado" e nós do "lado de cá", e por isso dizemos que essa distância, êsse intervalo só pode ser transposto pela ponte do tempo? Esta é uma das razões, não? O ideal, a coisa que deveria ser está lá, do outro lado, e para lá chegar preciso de tempo. O tempo é o processo que me servirá de ponte sôbre o intervalo. Estais compreendendo?

INTERPELANTE: *Não, Senhor, isto é, não perfeitamente.*

KRISHNAMURTI: Vamos expressá-lo diferentemente. Onde existe o desejo de "vir a ser", tem de haver, psicològicamente, o tempo. Quando tenho uma ambição seja de coisas mundanas, seja das chamadas "coisas espirituais", para realizar esta ambição necessito de tempo, não é verdade? Quando quero ser rico, necessito de tempo. Portanto, se quero ser bom, se quero compreender a verdade, Deus, ou seja o que fôr, necessito também de tempo. Isto é ou não é um fato? Parece uma coisa tão óbvia! Por certo, é isto o que todos nós estamos fazendo, o que realmente está acontecendo.

INTERPELANTE: *Nada pode acontecer, sem o tempo.*

KRISHNAMURTI: Senhor, êste é realmente um problema muito complexo, que requer profunda investigação, e

não meras asserções, que podemos aceitar ou rejeitar. Tal coisa não tem valor algum.

INTERPELANTE: *A mente é livre do tempo, completamente livre, não?*

KRISHNAMURTI: É mesmo? Isto não é uma suposição? Senhores, a respeito de que estamos discorrendo? Que é que estamos tentando descobrir? Bem sabeis, todos nós sofremos, todos temos uma vida de relação, que significa padecimento, conflito infindável, com a sociedade ou com nosso semelhante. Há confusão, e um vasto plano de condicionamento da mente vai sendo levado a cabo pela chamada educação, pela inculcação de várias doutrinas religiosas e políticas. O comunismo, tal como o catolicismo, agrilhoa a mente pela maneira mais completa, e a mesma coisa estão fazendo as outras religiões, numa escala mais modesta. Conhecendo a extraordinária insatisfação do homem, sua solidão abismal, suas tribulações, suas lutas, conhecendo tudo isso, não apenas teórica, mas realmente, somos levados a investigar se não há uma maneira de viver de todo diferente. Já fizestes alguma vez esta pergunta a vós mesmo? Já vos perguntastes se há necessidade de algum Salvador, ou instrutor, ou guru, ou disciplina? Estas coisas poderão libertar o homem de tôdas as suas tribulações, não daqui a dez anos, mas agora mesmo?

INTERPELANTE: *O tempo constitui o ponto crítico do problema, e o tempo me parece inevitável.*

KRISHNAMURTI: Não se trata de saber como a coisa vos parece ou me parece. Um homem que tem fome não pensa em têrmos de tempo, pensa? Êle diz "tenho fome, dai-me o que comer". Mas quero crer que os mais de nós não temos fome, sendo por isso que inventamos o chamado tempo, o tempo de que precisamos para chegar "lá".

Assistimos a todo êsse processo que aflige o ente humano com sofrimentos, conflitos, degradação, tribulações — e desejamos encontrar um meio de sair dêle, ou um método de modificá-lo, o que, mais uma vez, implica tempo. Mas é possível que exista um "estado de ser" todo diferente, que dissipará tôda esta confusão e que não é uma abstração teórica, mera verbalização ou imitação.

Interpelante: *Por que é que o amor nos parece uma carga?*

KRISHNAMURTI: É sôbre isto que estamos discutindo? Por favor, senhores, se pudermos compreender pelo menos êste assunto que estamos considerando, então estas nossas palestras terão sido úteis e não tereis perdido tempo vindo aqui, apesar da chuva. Podemos perceber claramente que não há instrutor, nem guru, nem disciplina; que o guru, o método, a disciplina, só existem por causa da divisão entre o que é e o que deveria ser? Se a mente puder perceber a ilusão de todo êste processo, então haverá liberdade; não liberdade para se ser alguma coisa, mas liberdade, pura e simples.

Interpelante: *Nós não somos entes ideais. Temos de aprender a amar.*

KRISHNAMURTI: Senhor, o amor, a bondade, ou a beleza, é uma coisa que tem de ser alcançada por meio de esfôrço? Pensemos com simplicidade a êste respeito. Se sou violento, se odeio, como posso ter amor no meu coração? Ter-se-á amor, mercê de esfôrço, do tempo, pelo dizermos: "Tenho de praticar o amor, tenho de ser bondoso para com os outros"? Se não tendes amor hoje, podeis alcançá-lo, pela prática, daqui a uma semana ou um ano? Isto fará nascer o amor? Ou o amor só nasce quando "aquêle que faz esfôrço" deixa de existir, isto é, quando

já não existe a entidade que diz: "Sou mau e preciso tornar-me bom"? A própria noção de que "sou mau" e o desejo de ser bom são idênticos, uma vez que emanam da mesma fonte — o "eu". E pode êsse "eu", que diz "Eu sou mau e preciso ser bom", chegar a seu fim, imediatamente, e não através do tempo? Isto significa: não ser "alguma coisa", não tentar "ser alguma coisa" ou "coisa nenhuma". Se se pode reconhecer claramente esta coisa, êste fato simples, ter uma percepção direta dêle, então tudo o mais é falácia. Poder-se-á ver, então, que o desejo de tornar permanente êste estado é também ilusão, porque êsse desejo implica também esfôrço. Se se compreende profundamente o desejo de permanência, a ânsia de continuidade, se se percebe o seu caráter ilusório, ocorre então um estado completamente novo, que não é "o oposto".

Assim, pode-se ter a percepção direta, sem interferência do tempo? Não há dúvida de que esta é a única revolução. Não pode haver revolução pela via do tempo, dêsse martírio de desejar perpètuamente ser "alguma coisa". É isso o que está fazendo todo aquêle que anda a buscar. Está encerrado na prisão do sofrimento, a empurrar perseverantemente as paredes, a dilatar e decorar a prisão; mas, apesar de tudo, continua encarcerado, porque, psicològicamente, está obedecendo ao desejo de ser, de "vir a ser alguma coisa". E não é possível perceber-se a verdade a êste respeito e, conseqüentemente, "ser nada"? Não é questão de se dizer: "Tenho de ser nada" e em seguida perguntar como se pode ser nada, o que é uma idéia muito grotesca, infantil, imatura; trata-se isso sim de perceber o fato diretamente e não através do tempo.

PERGUNTA: *Há um dito famoso: "Ficai tranqüilo e conhecereis Deus".*

KRISHNAMURTI: Vêde, senhor, esta é uma das coisas estranhas da vida: temos lido tanto, que andamos cheios

do saber alheio. Alguém disse: "Ficai tranqüilo e conhecereis Deus", e logo surge o problema de "Como ficar tranqüilo?" — e eis-nos de novo empenhados no velho jôgo. Ficai tranqüilo — ponto final! E podeis ter uma tranqüilidade real, e não verbal, uma tranqüilidade completa, total, mas só quando compreenderdes todo o processo de "vir a ser", quando perceberdes como ilusão o que agora é para vós realidade, porque fostes criado nesta ilusão, porque a adotastes e todos os vossos esforços a têm por alvo. Quando perceberdes como ilusão êste processo de vir a ser, manifestar-se-á "a outra coisa", mas não como "oposto". Manifestar-se-á algo totalmente diferente.

É claro que não vos estou oferecendo isto para aceitação. Não deveis aceitar, de modo nenhum, o que estou dizendo. Se o fizerdes, nenhuma significação terá o que digo. Requer-se uma percepção direta, independente de qualquer outra pessoa, uma ruptura completa de tôda a linha de tradições, gurus, instrutores, sistemas de ioga, de tôdas as complicações inerentes à luta para ser, vir a ser algo. Só então achareis liberdade, não para ser ou vir a ser — que é só satisfação do "eu", e implica sofrimento — mas uma Liberdade onde está presente o Amor, a Realidade, algo que a mente não pode medir.

26 de novembro de 1955.

HOLANDA — 1955

1.ª CONFERÊNCIA DE AMESTERDÃO

JULGAR-SE-Á que o que se vai dizer aqui é de fonte "oriental", algo só apreensível mediante esfôrço. Mas, não haverá necessidade de esfôrço; entretanto, se desejamos compreender-nos uns aos outros, importa tratarmos, em primeiro lugar, de varrer da nossa mente as conclusões óbvias. Estou bem certo de que o que vou dizer não é oriental nem ocidental. Não é uma coisa que, só por acontecer ter eu pele morena, está sendo importada da Índia, para nela acreditarem os ocidentais. Acho, pelo contrário, que não há Oriente nem Ocidente, se temos interêsse nos problemas humanos. E como nós estamos interessados nos problemas humanos, não devemos considerá-los, é claro, de nenhum ponto de vista particular, mas de maneira global. Se consideramos os problemas humanos de um ponto de vista ocidental, ou com a atitude de um hindu, com certas tradições, ideais e crenças, impede-se, evidentemente, a compreensão do processo total do nosso viver. Parece-me, portanto, de suma importância nada presumirmos, não nos apoiarmos em nenhuma conclusão, nem basear o nosso viver em suposições ou postulados. Esta é uma das nossas maiores dificuldades: o libertarmos a mente de tôda suposição, tôda crença, todos os acréscimos que lhe foram feitos — o saber que acumulamos, as coisas que aprendemos. Ora, sem dúvida, se desejamos compreender alguma coisa, necessitamos de uma mente livre — livre de suas prévias conclusões e de tôdas as crenças. Quando a mente é livre, quando já não está tolhida pelos vários condicionamentos a ela impostos, não

é assim que se torna capaz de compreender o desafio direto da vida, como quer que êste seja?

Estamos preocupados, não é verdade? — não só aqui, na Europa, mas também na Ásia e na Índia, pois achamo-nos em face de um desafio que precisa ser enfrentado de maneira completamente diferente de qualquer dos métodos já experimentados. Temos de corresponder ao desafio da presente crise com nossa mente total e não apenas com um fragmento dela, não como cristãos, budistas, hinduístas, comunistas, católicos, protestantes, etc. Se aceitamos o desafio — com nosso ponto de vista particular — falharemos, porque o desafio é tão grande, tão importante, que não podemos reagir parcialmente ou com a mente condicionada como cristã, budista ou hinduísta. Nessas condições, parece-me de grande importância libertarmos a mente, pois não devemos partir de nenhuma premissa ou conclusão. Porque, se começamos com uma conclusão, uma premissa, já estamos reagindo ao desafio segundo o nosso particular condicionamento. Assim sendo, se temos propósitos sérios, se temos algum interêsse, importa perguntemos a nós mesmos se a mente pode tornar-se não-condicionada, em vez de procurarmos condicioná-la de acôrdo com um padrão melhor, mais nobre — um padrão comunista, socialista, católico ou o que quer que seja. Quase todos temos interêsse em condicionar a nossa mente segundo um padrão mais nobre; mas não achais que é preferível perguntemos a nós mesmos se a mente pode, de fato, ser descondicionada? Se somos pessoas que pensam sèriamente, devemos perceber que esta é a questão fundamental. Na atualidade estamos indo ao encontro da vida, com seu fundamental desafio, com a mentalidade do cristão, do comunista, do hinduísta, do budista, e por isso nossa reação é sempre condicionada, limitada, estreita — muito insignificante, portanto. Por esta razão existe sempre conflito, existe sempre sofrimento e confusão. Minha reação, sendo inadequada, insuficiente, incompleta, só pode criar em mim um sentimento de conflito, do qual re-

sulta sofrimento. Vendo-nos a sofrer, tentamos encontrar um padrão de ação melhor, mais nobre, — política, religiosa ou econômicamente — mas êsse padrão continua sendo essencialmente condicionado.

Assim, o nosso problema não é por certo, a busca de um padrão melhor, oferecido por êste ou aquêle dos vários grupos políticos ou religiosos. Não podemos, tampouco, em nossa confusão, retornar ao passado, como é a tendência geral dos que se vêem confusos; não podemos voltar àquilo que conhecemos, do que ouvimos falar ou a cujo respeito lemos em livros, porque, assim, permaneceremos na mesma e interminável busca de um padrão de pensamento, um condicionamento melhor e mais nobre, não é verdade? Estamos tratando aqui de algo bem diverso, ou seja da possibilidade de o espírito tornar-se livre, totalmente descondicionado. Na atualidade, a mente de todos nós é condicionada, desde o momento em que nascemos até a hora de nossa morte; nossa mente é moldada pelas circunstâncias, pela sociedade, pela religião, pela educação, pelas várias pressões e tensões da vida, no seu aspecto moral, social, ético, etc. Nós, que fomos assim moldados, procuramos reagir ao que é novo; mas a verdade é que nossa reação, em tais condições, nunca pode ser completa. Subsiste sempre um sentimento de fracasso, de culpa, de desdita. Nossa questão, por conseguinte, cifra-se em descobrir se a mente pode de fato tornar-se livre de todo e qualquer condicionamento, não achais? Esta questão me parece, realmente, de fundamental importância.

E se somos ponderados, — não por agora apenas, não temporàriamente — e desejamos manter o nosso interêsse em descobrir se a mente pode libertar-se de **todos** os condicionamentos, requer-se, então, muita atenção. A meu ver, nenhum livro, filosofia, guia ou instrutor poderá ajudar-nos, porque, decerto, cada um de nós deve descobrir por si mesmo se a mente pode ser livre. Dirão alguns: "Não pode, evidentemente" — e outros dirão que pode. Mas ambas estas asserções muito pouco significarão, por-

que no momento em que aceito qualquer delas, essa mesma aceitação é uma forma de condicionamento. Mas se eu, como indivíduo — se tal coisa existe: um indivíduo — se como ente humano procuro descobrir, por mim mesmo, investigar a sério se é possível libertar, de todo, a mente de seu condicionamento, tanto consciente como inconsciente — isto, sem dúvida, é o começo do autoconhecimento. Não sei se se pode descondicionar a mente; não aceito nem rejeito tal possibilidade, **só quero averiguá-la**. Esta é a única maneira eficaz de nos aplicarmos ao problema da vida. Porque, se a mente já se acha escravizada, seja ao nacionalismo, seja a dada religião, se está prêsa a determinada crença, antiga ou moderna, então, ela está evidentemente incapacitada para uma busca real do que é verdadeiro. A mente que se acha acorrentada a uma crença, a mente sujeita a uma experiência qualquer, essa mente pode investigar, aplicar-se a compreender? Ela só pode mover-se dentro do círculo de sua própria escravidão. Nessas condições, se estamos realmente dispostos — pois os tempos atuais são muito sérios — então cada um de nós deve perguntar a si mesmo: "É possível a mente libertar-se de todo condicionamento?".

Ora, que vem a ser, com efeito, êsse condicionamento? Qual é a natureza dêsse condicionamento? Porque se mostra a mente sempre tão disposta a adaptar-se a um certo padrão, seja o de uma nação, seja o de um grupo ou religião? Enquanto o "eu", o "ego", fôr importante, não existirá sempre alguma espécie de condicionamento? Porque o "ego" assume formas várias, só existe como "mim", como "vós" ou como "eu", quando há alguma forma de condicionamento. Enquanto eu me considerar "hinduísta", êsse pensamento resulta do sentimento de minha própria importância. Enquanto eu me identificar com um dado grupo racial, esta mesma identificação confere-me importância. E enquanto eu estiver apegado a qualquer espécie de propriedade, ao nome, à família, etc., êste mesmo apêgo estimula o "eu", que é o próprio centro de todo

condicionamento. Nessas condições, se nos achamos sèriamente empenhados em descobrir se a mente é capaz de libertar-se de todo condicionamento, então, por certo, não deve haver identificação consciente com religião alguma, com nenhum grupo racial; devemos estar livres de qualquer espécie de apêgo. Porque onde existe identificação ou apêgo não existe amor.

A simples rejeição de uma crença, de uma determinada Igreja, de uma certa religião, ou outro condicionamento qualquer, não é liberdade. Mas, para compreender-se integralmente o "processo", penetrá-lo profundamente, conscientemente, para tal requer-se certa vigilância da mente, e a não aceitação de autoridade alguma. Para ter autoconhecimento, conhecimento de mim mesmo como ente humano total, — constituído de consciente e inconsciente, e não apenas de um fragmento de mim mesmo, — tenho de investigar, aplicar-me a compreender no seu todo a minha própria natureza, descobrir-me, passo a passo, mas não segundo determinado padrão ou filosofia, determinado guia ou líder. A investigação de mim mesmo é impossível se presumo alguma coisa; se presumo que sou mero produto do ambiente, cessa a investigação. Ou ainda, se presumo que existe, no meu íntimo, uma entidade espiritual a evolver para Deus ou o que quiserdes, essa suposição já obstruiu o caminho, já pôs fim à investigação.

O autoconhecimento, pois, é o começo da liberdade mental. Não pode haver compreensão de si mesmo, fundamental, profunda, enquanto existir qualquer espécie de suposição, qualquer autoridade, do passado ou do presente. Mas a mente teme desapegar-se da autoridade, para investigar, porque receia não alcançar determinado resultado. A mente, pois, está interessada em alcançar um resultado, e não em investigar para descobrir, para compreender. Tal é a razão por que estamos apegados à autoridade, religiosa, psicológica ou filosófica. Tendo mêdo, necessitamos de guias, autoridades, escrituras, salvadores, inspiração sob várias formas — com o que tornamos a

mente incapaz de descobrir alguma coisa sòzinha. E nós precisamos estar sós, completa e totalmente sós, para descobrirmos o que é verdadeiro. Eis a razão por que importa não pertencermos a nenhum grupo. Porque a Verdade só pode ser descoberta pela mente que está só — não no sentido de solidão, isolamento; não é isso absolutamente o que quero dizer, porquanto o isolamento é apenas uma forma de resistência, uma forma de defesa.

Só a mente que investiga a fundo a questão do autoconhecimento, afastando de si tôda autoridade, tôdas as igrejas, todos os salvadores, todos os guias — só essa mente é capaz de descobrir a Realidade. Mas é muito difícil chegar até êste ponto, porque os mais de nós temos mêdo. Porque o rejeitarmos tôdas as coisas que nos foram impostas, o abandonarmos as várias religiões, igrejas, crenças, equivale a rejeitarmos a sociedade, opor-nos à sociedade, não é exato? Aquêle que está fora da sociedade, que já não está na sujeição da sociedade — só êsse é capaz de descobrir o que é Deus, o que é a Verdade. O mero repetir que cremos ou que não cremos em Deus ou na Verdade tem pouquíssima significação. Podeis ser educados, desde crianças, para não crerdes em Deus, como, com efeito, se está fazendo em certos países; ou podeis ser educados desde pequenos para crerdes em Deus. As duas coisas são iguais; porque em ambos os casos a mente é condicionada. Mas, para descobrir o que é verdadeiro, descobrir se há Deus, necessita-se de liberdade da mente, liberdade completa, e isso significa que se deve descondicionar a mente de todo o passado.

Êsse descondicionamento é essencial, porque os tempos que correm exigem uma nova compreensão criadora, e não a mera reação de um condicionamento do passado. Qualquer sociedade que não saiba reagir ao desafio novo de um indivíduo ou grupo, tal sociedade tem de deteriorar-se. E a mim me parece — se desejamos criar um mundo novo, uma sociedade nova — a mim me parece que devemos ter livre a nossa mente. E essa mente nova não

pode nascer sem um verdadeiro autoconhecimento. Não digais: "Tudo isso já foi dito antes por fulano de tal. Não se pode investigar a totalidade do nosso ser". Pelo contrário, acho que se pode. Para investigar, deve a mente achar-se num estado de não-condenação. Porque aquilo que **sou** é um fato. O que quer que eu seja — ciumento, invejoso, arrogante, ambicioso, etc. — não podemos simplesmente observá-lo, sem condenar? Porque o próprio "processo" da condenação é uma outra maneira de condicionar **o que é**. Se se deseja compreender o "processo" integral do "eu", não pode haver identificação, condenação ou julgamento, mas uma percepção isenta de escolha, a qual seja pura observação. Se o tentardes, vereis como isso é extraordinàriamente difícil. Porque a nossa moralidade, a nossa educação social e intelectual, só nos ensina a comparar e a condenar — a julgar. E no momento em que julgamos, pomos fim ao "processo" de busca, de investigação. Assim, no "processo" das relações, começam a descobrir-se as atividades peculiares do "eu".

Importa não nos limitarmos a escutar o que se diz, e aceitá-lo ou rejeitá-lo, mas que também observemos o "processo" do nosso pensar, em tôdas as nossas relações. Porque nas relações, que são o espelho, vemo-nos a nós mesmos como somos realmente. E se não condenamos nem comparamos, será então possível penetrarmos mais fundo no "processo" da consciência. Só então pode ocorrer uma revolução fundamental — não a revolução do comunista ou outra qualquer, mas uma regeneração real, no sentido mais profundo da palavra. O homem que se está libertando de todo condicionamento, que está plenamente vigilante — êsse é um homem religioso, e **não** aquêle que meramente crê. E só êsse homem verdadeiramente religioso é capaz de realizar uma revolução no mundo. Sem dúvida, esta é que é a questão fundamental, que interessa a todos nós — e **não** a substituição de uma crença por outra, aderir a êste ou àquele grupo, passar de uma religião para outra, sair de uma gaiola para entrar nou-

tra. Como indivíduos, vemo-nos em presença de enormes problemas, os quais só podem ser resolvidos no "processo" da autocompreensão. Só êsses entes humanos religiosos — que estão livres, não-condicionados — podem criar um mundo novo.

Enviaram-me várias perguntas e, ao considerá-las, é importante ter-se em mente que a vida não tem resposta. Se estais apenas em busca de uma solução para os vários problemas, jamais a encontrareis; achareis, isto sim, uma solução adaptável a vós, de acôrdo ou desacôrdo convosco, que rejeitareis ou aceitareis; porém esta não é a resposta, é apenas a vossa própria reação de agrado ou desagrado. Mas, se não buscamos solução e, sim, propomo-nos a considerar o problema, a investigá-lo realmente, encontraremos então no próprio problema a solução. Porém, como sabeis, estamos sempre muito ansiosos por uma solução. Nós sofremos, nossa vida é tôda confusão e conflito, e queremos pôr fim a essa confusão, buscando sem descanso uma solução. No entanto, talvez não haja realmente solução na forma por nós desejada.

Se, entretanto, não buscamos a solução — o que é extremamente difícil, pois que isto significa investigar a totalidade do problema pacientemente, sem condenação, sem aceitar nem rejeitar — investigar apenas e proceder com paciência — ver-se-á então que o problema, desdobrando-se, nos revelará coisas extraordinárias. Para tanto, é necessário que a mente esteja livre, sem tomar partidos, sem escolher.

PERGUNTA: *É bastante óbvio que nós somos o produto do ambiente, e por isso reagimos conforme a maneira como fomos educados. Há alguma possibilidade de quebrarmos êsse* fundo *e vivermos sem contradição em nós mesmos?*

KRISHNAMURTI: Quando dizemos ser bastante óbvio que somos o produto do nosso ambiente, estamos real-

mente cônscios dêste fato? Ou tal afirmativa é sòmente mero palavreado sem muita significação? A afirmação de sermos o produto do meio é exata? Sentis **de fato** que, consciente e inconscientemente, sois o produto de todo o pêso da tradição cristã, da cultura, da civilização, das guerras, dos ódios, da imposição de crenças várias? Estais realmente cônscios disso? Ou rejeitais, simplesmente, certas porções dêsse condicionamento, conservando outras, as que são agradáveis, lucrativas, as que vos dão sustento e fôrça? Estas últimas vós conservais, não é verdade? Rejeitais as restantes, por serem um tanto desagradáveis, fastidiosas! Mas se percebeis que sois o produto do ambiente, deveis então estar cônscios do condicionamento total — não apenas daquelas partes que rejeitastes, mas também das que são aprazíveis e que desejais conservar.

Ora bem, estais verdadeiramente cônscios de que sois o produto do ambiente? Se **estais**, qual é então a fonte de vossa própria contradição? Compreendeis esta pergunta? Dentro em nós mesmos, achamo-nos em contradição, estamos confusos, somos solicitados em diferentes direções pelos nossos desejos, ideais, crenças, porque o nosso meio deu-nos certos valores, certos padrões. Sem dúvida, a contradição faz parte do ambiente, não está separada dêle. Nós fazemos parte do meio, que é: a religião, a educação, a moral social, os valores mercantis, tradição, crenças, várias imposições por parte das igrejas, dos govêrnos, enfim todo o "processo" do passado; tudo isso são condicionamentos superficiais. Há também reações interiores, inconscientes, a êsses condicionamentos superficiais. Quando estamos cônscios de tudo isso, há contradição? Ou a contradição surge porque, estando só parcialmente cônscio dos condicionamentos do ambiente, presumo que há partes de mim mesmo que não estão condicionadas e crio assim um conflito dentro de mim mesmo?

Enquanto eu me sinto culpado por não me conformar com um determinado padrão de pensamento, de moralidade, existirá evidentemente a contradição. Tenho certos

valores, que me foram impostos ou que eu próprio cultivei, e, enquanto aceitar tais valores, tem de haver contradição. Mas não pode a mente compreender que tôda ela é produto de condicionamento? A mente é resultado do tempo, de condicionamento, da experiência, e por isso mesmo tem de haver, invariàvelmente, contradição dentro dela própria. Por certo, enquanto a mente estiver procurando ajustar-se a um dado padrão de pensamento, de moralidade, de crença, êsse próprio padrão criará contradição. E quando dizemos: "De que modo posso tornar-me livre da contradição existente em mim mesmo" — só há uma resposta: Ficai livre de todo pensamento que cria o padrão Só então será possível a mente libertar-se da contradição própria.

Tende a bondade — se posso sugeri-lo — de não rejeitar o que estou dizendo; convém pensar sèriamente sôbre o assunto, examiná-lo mais profundamente. É algo que nunca ouvistes dizer, e vossa reação óbvia é de exclamar: "Ora, isto são palavras sem sentido" — e não lhe dardes mais atenção. Mas, se procurardes compreendê-lo, investigá-lo profundamente, vereis que enquanto a mente, que é o centro de todo pensamento, estiver tentando pensar dentro de um certo padrão, haverá contradição. Se está pensando exclusivamente dentro de tal padrão, então, temporàriamente, não haverá contradição; mas, tão logo ela se desvie, se afaste do padrão, por pouco que seja, surgirá a contradição.

Nessas condições, a pergunta — "Como pode alguém libertar-se de sua própria contradição?" — é evidentemente incorreta. A pergunta correta é: "Como pode a mente libertar-se de tôdas as influências ambientes?". A própria mente é produto do meio. Por conseguinte, enquanto estiver batalhando contra êle, tentando abalá-lo, tentando romper as cadeias que a prendem a êle, a mente estará em contradição e, por conseguinte, haverá luta. Mas se a mente perceber, pela observação, que ela própria é pro-

duto do ambiente, então se tornará tranqüila e não mais lutará contra si mesma. E, estando quieta, tranqüila, estará livre do ambiente.

Espero tenhais a bondade de meditar a êsse respeito, não aceiteis nem rejeiteis o que estou dizendo; procurai compreender a verdade, pois, se a combaterdes ou defenderdes, não vos será possível entendê-la. Mas não é bem evidente que a mente, por sua própria natureza, é contraditória, escrava do ambiente, produto que é do tempo, de séculos de tradição, de mêdo, esperanças, inspiração e tensões? Essa mente, pois, está totalmente condicionada. E quando rejeito ou aceito, esta aceitação ou rejeição é um modo de continuar a condicioná-la. Mas se, ao contrário, a mente estiver cônscia de que se acha condicionada totalmente, tanto consciente quanto inconscientemente, — tranqüilizar-se, e nesta tranqüilidade estará livre de condicionamento. E então não há mais contradição.

A linha divisória entre a contradição e a integração completa não pode ser traçada intelectualmente nem verbalmente. Só se realiza a integração pela compreensão total de si mesmo. E esta compreensão de si mesmo não surge como resultado de análise, porque, neste caso, se apresenta o problema: "Quem é o analista?" O próprio analista está condicionado, é bem óbvio; por conseguinte, aquilo que êle analisa é também resultado de condicionamento.

O importante, por conseguinte, não é o como desarraigar a contradição do indivíduo, consigo mesmo, mas, sim, compreender o processo total do condicionamento da mente. Êste processo só pode ser compreendido nas relações da nossa vida diária, na percepção de como a mente reage, na observação, na vigilância, no percebimento sem condenação. Pode-se ver então como é difícil libertar a mente, já que a mente presume tantas coisas e se torna um depósito de tantas asserções, valores, crenças. Quando a mente está em constante vigilância,

sem julgar, sem condenar, sem comparar, poderá então começar a compreender o processo total de si mesma e, por conseguinte, tornar-se tranqüila. Só nesta tranqüilidade da mente pode manifestar-se o que é Real.

17 de maio de 1955

2.ª CONFERÊNCIA DE AMESTERDÃO

UMA das coisas mais difíceis, a meu ver, é escutarmos alguém com a mente tranqüila. Acho que a maioria de nós escuta sem aplicar tôda a atenção. Por "atenção" entendo um estado em que a mente não está concentrada em nenhum objeto particular. Quase todos nós já temos muitas opiniões, conclusões e experiências, e escutamos uns aos outros através de nossas idiossincrasias e peculiares hábitos de pensamento. É-nos, pois, dificílimo, em geral, compreender com exatidão os dizeres de outrem. Nossas opiniões, nossas crenças, nossas experiências, tudo isso intervém e nos distrai, torcendo e desfigurando o que o outro está dizendo. Se pudéssemos afastar as nossas opiniões pessoais, nossas conclusões e idiossincrasias, para escutarmos com **atenção**, talvez então se estabelecesse a compreensão entre nós.

Afinal de contas, devo lembrar-vos, se mo permitis, que estais aqui para compreenderdes o que se está dizendo. E para o compreenderdes, tendes de escutar simplesmente o que se diz, pondo de parte as opiniões que porventura tenhais a respeito do que ouvis. Podeis, se achardes necessário, formar vossas opiniões, mas deixai-o para depois. Entretanto acho que não é uma questão de opinião o que se está tratando aqui. Se é uma questão de opinião, haverá contradição; a vossa opinião contra a opinião de outro. Acho que a opinião nada significa, quando estamos em presença de fatos. Não se pode ter opinião diante de um fato; **ou é** um fato **ou não é**.

Assim sendo, parece-me importante escutar, não com a mente nublada de opiniões, mas com uma mente que seja capaz de escutar com paciência tudo o que se diz, sem

formar conclusões. Por certo, qualquer espécie de conclusão é também uma opinião e, portanto, restringe a mente. O assunto de que vamos tratar não exige opiniões. Pelo contrário, temos de abeirar-nos da matéria que estamos investigando de maneira experimental, cautelosamente, sem nos estribarmos em nenhuma hipótese ou conclusão. Isto, para a maioria de nós, é dificílimo; porque sempre queremos chegar a um fim, a alguma parte, ou, também, desejamos estear, fortalecer as nossas crenças pessoais ou reforçar com novos argumentos o nosso próprio modo de pensar.

Assim sendo, seja-me permitido lembrar que estas palestras serão de todo em todo fúteis e sem significação se entrarmos em controvérsia, levantando opinião contra opinião. Não podemos esforçar-nos, todos juntos, por descobrir o que é verdadeiro? Para descobri-lo, a mente necessita de certa energia, certa constância de intenção, e não pode estar entravada por opiniões.

Nesta tarde vamos discorrer sôbre como a mente pode ser criadora. Isto é, tentaremos verificar se é possível a mente purificar-se de tôdas as suas inibições e condicionamentos, de suas várias formas de temor, das imposições sociais, de modo que não fique a funcionar dentro de um molde, de maneira puramente mecânica. Podemos descobrir, por nós mesmo, o que é: "ser criador"? Parece-me ser esta uma das questões fundamentais da atualidade, se não de todos os tempos. Pois é bem evidente que nós não somos criadores; estamos apenas a repetir padrões de pensamento, ainda que, mecânicamente, logremos algum progresso.

Não entendo por "criação" a mera capacidade de expressão — saber escrever um poema ou pintar um quadro. Com esta palavra, quero significar uma coisa completamente diferente. Fôrça criadora, Realidade, Deus, ou como o chamardes, deve ser um estado mental em que não haja repetição, em que não haja continuidade através da memória, tal como a conhecemos. Deus ou a Verdade tem

de ser algo totalmente novo, nunca dantes experimentado, algo que não seja produto da memória, do conhecimento, da experiência. Porque, se essa coisa é produto do conhecimento, é então mera projeção, desejo, aspiração; e está claro que isto não pode ser a coisa verdadeira, a coisa real. A Realidade, por certo, só pode ser algo não imaginado, não expresso, algo totalmente novo; e a mente que deseja descobrir essa Realidade deve estar descondicionada, para ser verdadeiramente individual.

É bem óbvio que não somos verdadeiros indivíduos. Cada um pode ter um nome diferente, diferentes tendências, sua casa própria, sua conta-corrente no banco, pertencer a uma determinada família, ter certos maneirismos, ser devoto de uma certa religião; entretanto nada disso constitui a individualidade. Nossa mente, na sua totalidade, é o resultado das influências do meio social, de uma determinada cultura ou civilização, de determinada religião; e, enquanto pertencer a qualquer dessas "particularidades", a mente, é claro, não pode ser simples, pura, direta. Para o descobrimento do Real é indispensável uma mente clara e simples.

Nessas condições, há possibilidade de verificarmos juntos, vós e eu, se se pode libertar a mente de todo êsse pêso da influência, da tradição, da crença? Porque a mim me parece que esta é a única finalidade do viver; descobrir o que é a Realidade. Se desejamos fazer êste descobrimento, devemos investigar o que é que nos faz conformar-nos, ajustar-nos. Estamos a ajustar-nos a tôdas as horas, não é verdade? Nossa vida e nossas tendências, nossa educação, nossa moral, tôdas as sanções da religião, estão orientadas para o conformismo. Nossa religião se baseia essencialmente no conformismo. E, por certo, a mente que se conforma, se ajusta, não é livre, não é capaz de investigação. Em vista disso, podemos nós, vós e eu, examinar no seu todo êsse processo de conformismo, descobrir o que é que faz a mente sujeitar-se a um determinado padrão de sociedade, de cultura? Nós nos ajustamos, porque, essencial-

mente, temos mêdo. Não é verdade? Impelidos pelo mêdo, criamos a autoridade, a autoridade da religião, a autoridade de um guia, porque o nosso desejo é estar em segurança, protegidos; talvez não tanto assim do ponto de vista físico, mas, essencialmente, desejamos segurança interior, segurança psicológica e criamos assim, uma sociedade que nos garanta a segurança exterior.

Isso é um fato psicológico, e, como tal, não pode ser objeto de debate ou disputa. Isto é, desejo estar em segurança; psicològicamente, interiormente, desejo uma certeza — certeza de bom êxito, certeza de realizar algo, certeza de "chegar lá", onde quer que esteja êsse "lá". E assim sendo, para que possa realizar, "chegar", ser alguma coisa, necessito da autoridade.

Vêde, por favor — se desejais colhêr algum fruto destas palestras — que seria aconselhável, enquanto ouvis, examinásseis com atenção a vossa mente. A fala, as palavras não são mais do que uma simples descrição de vosso próprio estado mental; e só escutar palavras nenhuma significação tem. Mas se, no processo de escutar, somos capazes de olhar para dentro de nós mesmos e observar as operações de nossa própria mente, terá então significado êsse escutar "descritivo". E espero — se me permitis sugerí-lo — estejais procedendo assim, e não meramente a escutar as minhas palavras.

Cada um de nós tem o desejo de segurança — nas relações, no amor, nas crenças, nas nossas experiências; queremos estar seguros, certos, livres de tôda dúvida. E, uma vez que êste é o nosso mais íntimo desejo, psicològicamente falando, é bem óbvio que temos de estribar-nos na autoridade. Eis a verdadeira anatomia da autoridade, a sua verdadeira estrutura; aqui temos a razão por que a mente cria a autoridade. Podeis rejeitar a autoridade de uma certa sociedade, de um certo líder, ou de uma certa religião; mas, nesse caso, vós mesmos criareis outra autoridade. E então será vossa própria experiência, vosso próprio saber que se tornará vosso guia. Porque a mente quer

sempre estar certa; não pode viver num estado de incerteza. Por estar sempre interessada na certeza, ela tem de criar autoridades.

E esta é a base em que está assentada a nossa sociedade, com sua cultura, seu saber, suas religiões. Ela se baseia essencialmente na autoridade, a autoridade da tradição, do sacerdote, da Igreja, ou a autoridade do especialista. Como a nossa intenção é viver em segurança, tornamo-nos escravos dos especialistas. Mas, sem dúvida, se queremos achar algo que seja real, e não apenas ficar a repetir as palavras "Deus", "Verdade", que nenhuma significação têm, quando repetidas; se queremos fazer algum descobrimento, a mente tem de achar-se numa insegurança absoluta, num estado de não dependência de qualquer autoridade. Isto é dificílimo para a maioria de nós, que fomos educados, desde pequenos, para crer, para viver sempre em alguma espécie de dependência; e, na falta do líder, do guia, do instrutor, do sacerdote, criamos nossa imagem própria do que pensamos ser verdadeiro e que nada mais é do que a reação de nosso próprio condicionamento.

Assim sendo, parece-me que, enquanto a mente estiver sendo moldada e controlada pela sociedade — não só o ambiente social, educativo e cultural, mas o conceito geral de autoridade, crença e conformismo — é bem óbvio que ela, a mente, não pode encontrar o que é verdadeiro, e, portanto, não poderá ser criadora; só saberá imitar, repetir. O problema, por conseguinte, não é — "Como ser criador?" — e sim, — "se podemos compreender de modo completo o "processo" do mêdo" — o mêdo da opinião dos outros, o mêdo à solidão, o mêdo de perdermos dinheiro, o mêdo de não alcançarmos a meta, de não sermos bem-sucedidos neste mundo ou noutro mundo qualquer. Enquanto houver alguma forma de temor, êste temor criará a autoridade, da qual a mente ficará dependendo; e, em tais condições, é bem de ver que a mente não será capaz de

avançar, de investigar, de afastar todos os obstáculos, a fim de descobrir o que é "ser verdadeiramente criador".

Não achais, pois, que é importante perguntemos a nós mesmos, cada um de nós, se realmente somos **indivíduos**, e não fiquemos meramente a dizer que o somos? Na realidade, não somos indivíduos. Podeis ter um corpo separado, um rosto diferente, nome e família diferentes; mas a vossa estrutura mental interna está essencialmente condicionada pela sociedade; por conseguinte, não sois indivíduos. Por certo, só a mente não acorrentada pelas imposições da sociedade, e tôdas as respectivas complicações, só essa mente pode ser livre para investigar o que é a Verdade e o que é Deus. Do contrário, nada mais fazemos senão provocar repetidas catástrofes e nunca haverá possibilidade de realizar-se aquela revolução que fará nascer um mundo totalmente diferente. Esta me parece a única coisa verdadeiramente importante — não a que sociedade, a que grupo, a que religião devemos ou não devemos pertencer (pois tudo isso já se tornou muito infantil), porém sim que cada um investigue, por si mesmo, se a mente pode libertar-se de tôdas as imposições do uso, da tradição, da crença, para investigar livremente o que é verdadeiro. Só então poderão existir entes humanos criadores.

Há várias perguntas para responder. Mas, antes de dar as respostas, acho bom verificar o que entendemos por "um problema". Só pode existir um problema quando a mente deseja "chegar a algum lugar", realizar algo, tornar-se algo. Ela **é isto** e deseja mudar para **aquilo**. Ou, então, "eu estou **aqui** e tenho de chegar **lá**", "sou feio e desejo ser belo", tanto física como psicològicamente. Quando a mente começa a preocupar-se a respeito do movimento que terá de executar para chegar **lá**, para tornar-se alguma coisa, é então que surge o problema, com a pergunta "Como?". E estamos, assim, a criar problemas e mais problemas, porque o nosso processo pensante está todo baseado no movimento **dirigido para** alguma coisa — nossa finalidade última, a felicidade, o ideal.

Mas, a meu ver, há uma maneira diferente de proceder, a qual não consiste em partir **do que é para** alguma coisa, mas em partir **do que é, sem direção preconcebida**. Não é possível percebermos realmente o que é — que somos gananciosos, invejosos, etc. — e partir dêste ponto sem nenhum desejo de nos transformarmos noutra coisa? Assim que se manifesta o desejo de transformar **o que é** em coisa diferente, surge o problema. Mas se partirmos de "o que é", não se criará problema algum.

Espero estar sendo claro. Quando estamos um pouco vigilantes, vemos o que somos; depois, pomo-nos em atividade para modificá-lo; queremos transformar **o que é** noutra coisa; e criamos, dêsse modo, conflito, problemas, etc. Mas se procedermos tendo em vista só **o que é** — se o observarmos, se "ficarmos com êle", se o compreendermos, não haverá mais problema.

Assim, ao responder a estas perguntas, estamos interessados, não em como proceder a fim de operarmos alguma transformação, porém, antes, em compreender aquilo que realmente **é**. Se compreendo **o que é realmente,** não há mais problema. Um fato não cria problemas. Só uma opinião àcerca de um fato pode criar problemas.

PERGUNTA: *Pode haver religião sem igreja?*

KRISHNAMURTI: Que é religião? — refiro-me ao fato, não ao ideal. Quando dizemos que somos religiosos, que pertencemos a uma certa religião, que queremos dizer com isso? Queremos dizer que estamos apegados a certos dogmas, crenças, conclusões, certos condicionamentos da mente. Para nós, a religião nada mais é senão isso. Vou à igreja ou não vou à igreja; sou cristão ou abandono o cristianismo para abraçar outra religião, adotar outro conjunto de crenças, executar outros ritos, seguir outros dogmas, doutrinas, etc. Tal é o fato real. E isso é religião? Pode a mente cujas crenças são o resultado das imposições do condicionamento por uma dada sociedade — pode

essa mente achar Deus? Ou, pode a mente que foi educada para não crer, achar Deus?

Ora, sem dúvida, a mente pertencente a qualquer religião — isto é, que pertence a uma dada crença, que é estimulada por uma determinada forma de ritual, que tem dogmas e crê em vários salvadores — essa mente, por certo, é incapaz de ser religiosa. Poderá recitar certas palavras, freqüentar a igreja, ser muito moralista, muito respeitável; mas, não resta dúvida que não é uma mente religiosa. A mente que pertence a qualquer espécie de igreja — hinduísta, budista, cristã — está apenas a submeterse, a ser condicionada pelo seu próprio ambiente, pela tradição, pela autoridade, pelo mêdo, pelo desejo de salvação. Essa mente não é religiosa. Mas, a mente que compreende o processo que a faz aceitar uma crença, submeter-se a certos padrões de pensamento, certos dogmas — o que evidentemente é efeito do mêdo — a mente que está cônscia de todo êsse "processo", interiormente, psicològicamente, e dêle se liberta — essa é a mente religiosa.

A virtude, sem dúvida, é necessária só como meio de manter a mente "em boa ordem"; mas a virtude não conduz necessàriamente à Realidade. A ordem é necessária, e a virtude estabelece a ordem. Mas a mente tem de transcender a virtude e a moralidade. A mente que se fêz mera escrava da moralidade, do conformismo, que aceita a autoridade da Igreja ou de qualquer outra espécie, essa mente, de certo, é incapaz de achar o que é verdadeiro, o que é Deus.

Por favor, não aceiteis o que estou dizendo. Seria absurdo fazê-lo, porque isso significaria criar mais uma autoridade. Mas, se quiserdes investigar, observar a vossa própria mente e ver como se está "conformando", ajustando, como sente mêdo, quantas crenças tem, nas quais deposita sua própria segurança, engendrando portanto o mêdo — se ficardes bem cônscios disso, então, sem luta, sem esfôrço, serão postas de lado essas coisas tôdas. Então, em verdade, essa mente estará em revolta contra a

sociedade, será capaz de promover uma revolução religiosa — não, uma revolução política ou econômica, porque isto não é revolução. Uma verdadeira revolução só pode realizar-se na mente — naquela mente que se libertou da sociedade. Essa liberdade não consiste, apenas, em vestir uma capa diferente. A verdadeira revolução só ocorre quando a mente, com sua compreensão, rejeita tôdas as imposições. Só então a mente se torna capaz de criar um mundo diferente, pois então está apta a receber aquilo que é verdadeiro.

PERGUNTA: *Como posso resistir à distração?*

KRISHNAMURTI: Pergunta o interrogante: "O que posso fazer para não ceder a qualquer espécie de distração?". Isto é, êle deseja concentrar-se nalguma coisa, e sua mente está a distrair-se, a afastar-se dessa coisa; e por isso quer saber como resistir à essa distração.

Ora, existe de fato "distração"? Por certo, isso que se chama distração é, de tôda evidência, uma coisa em que a mente está interessada, pois do contrário não sairia no seu encalço. Portanto, porque condenar a coisa, chamando-a "distração"? — Mas se a mente não der o nome de "distração" e fôr capaz de seguir cada um dos seus pensamentos, de estar vigilante e cônscia de cada pensamento — não como exercício, mas cônscia de cada pensamento que vai surgindo — não haverá então distração, nem tampouco resistência.

É muito mais importante compreender a resistência do que repelir a distração. Despendemos tanta energia na resistência; tôda a nossa vida se consome em resistências, em defesas, em desejos; "**aquilo** é distração, **isto** não é", "**isto** é correto e **aquilo** é incorreto". Por esta razão resistimos, defendemos, levantamos dentro em nós uma muralha contra alguma coisa. Passamos tôda a vida dessa maneira; somos uma massa de resistências, contradições, distrações, concentrações. Mas, se, ao contrário, formos

capazes de observar, de estar cônscios de tudo o que pensamos, se não o chamarmos "distração", não lhe dermos nome, não dissermos "isto é bom, isto é mau" — e, sim, apenas dermos atenção, imediatamente, a cada pensamento que surge, veremos que a mente não será então um campo de batalha, de contradições, de desejos antagônicos, de pensamentos opostos, e sim apenas um "estado de pensar".

Afinal de contas, o pensamento, por mais nobre que seja, por mais amplo e profundo, está sempre condicionado. Pensar é uma reação à memória. Assim sendo, porque dividir o pensamento em **distração** e **atenção**? Visto que todo o processo do pensar é um processo de limitação, não há livre pensar. Se observardes bem, vereis que todo o pensar está baseado essencialmente no condicionamento. Pensar é resultado da memória, é reação; é algo muito automático, mecânico. Pergunto-vos uma coisa e vossa memória responde. Lêstes um livro, e repetis o que lêstes.

Assim sendo, se penetrardes bem esta questão do pensar, vereis que nunca pode haver liberdade no pensar, no pensamento. Só há liberdade quando não há pensar: o que não significa ficar com a mente "em branco". Pelo contrário, requer-se inteligência no grau mais elevado, para se chegar à percepção de que todo pensar é reação, é "resposta" à memória, e por conseguinte mecânico. E é só quando a mente se acha muito tranqüila — numa tranqüilidade completa, sem movimento algum de pensamento — só então existe a possibilidade de descobrir-se algo totalmente novo. O pensamento não pode jamais descobrir uma coisa nova; porque o pensamento é "projeção" do passado, resultado do tempo, de muitos e muitos dias, de séculos de dias volvidos.

Ao tornar-se conhecedora, cônscia de tudo isso, a mente torna-se tranqüila. E há então possibilidade de acontecer algo totalmente novo, algo nunca experimentado,

nunca imaginado, algo que não é mera "projeção" da própria mente.

PERGUNTA: *Que especie de educação deve receber o meu filho, para enfrentar êste mundo caótico?*

KRISHNAMURTI: Esta pergunta, com efeito, suscita uma questão muito vasta, não é verdade? — não pode ser respondida em poucos minutos. Mas, talvez possamos fazer breves considerações a seu respeito, para mais tarde a investigarmos com mais profundeza.

O problema não é a espécie de educação que uma criança deve receber, e sim, o próprio educador necessita de educação, os próprios pais necessitam de educação. (Murmúrio de risos). Não, por favor, isto não é um dito espirituoso, para vos fazer rir, para vos divertir. Não é verdade que necessitamos de uma educação de espécie totalmente diferente? — não uma educação que seja mero cultivo da memória, para dar ao jovem uma técnica, habilitá-lo a obter emprêgo, um meio de vida, porém, uma educação que faça dêle um ente humano verdadeiramente inteligente. Inteligência é compreensão do processo inteiro, do processo total da vida, e não o conhecimento de um fragmento da vida.

O problema, pois, é realmente êste: Podemos nós, os adultos, dar à criança a possibilidade de crescer em liberdade, em plena liberdade? Isto não significa permitir-lhe que faça o que entender; mas, podemos ajudar o jovem a compreender o que significa "ser livre", só porque nós também compreendemos o que é "ser livre"?

Atualmente, a nossa educação nada mais é do que um processo de conformismo, em que se leva o jovem a submeter-se a um determinado padrão de sociedade, em que terá o seu emprêgo, se tornará pessoa respeitável, exteriormente, freqüentando a igreja, ajustando-se sempre, lutando sempre, até morrer. Não o ajudamos a ser interiormente livre, de modo que, ao amadurecer, esteja apto

a enfrentar tôdas as complexidades da vida; isto é, devemos dar-lhe capacidade **para pensar**, e **não** ensinar-lhe **o que** pensar. Para tanto, deve também o educador ser capaz de libertar a sua própria mente de tôda autoridade, de todo temor, de todo nacionalismo, das várias formas de crença e de tradição, para que, com a ajuda de sua inteligência, dêle, educador, o jovem compreenda o que é ser livre, o que é duvidar, investigar e descobrir.

Mas, vêde bem, nós não queremos uma sociedade dessa espécie; não desejamos um mundo diferente. Queremos a repetição do mundo velho, só um pouco modificado, um pouquinho melhor, um pouco mais polido. Queremos que o jovem se ajuste totalmente; não queremos que pense, que esteja vigilante; não o queremos interiormente esclarecido. Porque, se o jovem se tornar interiormente esclarecido, correrão perigo todos os nossos valores estabelecidos. Assim sendo, o que esta pergunta implica verdadeiramente, é: Como educar o educador? Como podemos — vós e eu — já que nós, os pais, a sociedade, somos os educadores — como podemos fazer nascer a clareza em nós mesmos, para que o jovem se torne também capaz de pensar livremente, isto é, tenha uma mente tranqüila, uma mente serena, onde possam nascer, e ser percebidas, coisas novas.

Esta é, com efeito, uma questão fundamental. Afinal, para que somos educados? Só para têrmos emprêgo? Só para aceitarmos o catolicismo, o protestantismo, o comunismo ou o hinduísmo ou o budismo? Só para nos sujeitarmos a certa tradição, adaptar-nos a uma dada ocupação? Ou a educação é coisa completamente diferente — não o cultivo da memória, mas um processo de compreensão? A compreensão não nos vem pela análise; ela só vem quando a mente está muito quieta e desimpedida, quando não mais está em busca de sucesso e sujeita, portanto, a contrariedades e ao mêdo do insucesso. Só quando a mente está tranqüila, só então há possibilidade de compreen-

são, inteligência. Esta é que é a educação correta, e com ela as outras coisas virão naturalmente por si.

Mas, bem poucos de nós estamos interessados nestas coisas. Se tendes um filho, desejais que tenha seu emprêgo; só isto vos interessa: assegurar o seu futuro. Deve o jovem herdar tudo o que vós tendes — bens, valores, crenças, tradições — ou deve crescer em liberdade, de modo que seja capaz de descobrir por si mesmo o que é verdadeiro? Isso só poderá acontecer quando vós mesmos não estiverdes herdando, quando vós mesmos fordes livres para investigar, para descobrir o que é verdadeiro.

19 de maio de 1955

3.ª CONFERÊNCIA DE AMESTERDÃO

SERIA acertado — parece-me — procurarmos escutar as considerações que vamos fazer, em relativa liberdade de nossos preconceitos, e não com o sentimento de que o que se vai dizer é meramente a opinião de um hindu que veio da Ásia com sua bagagem de idéias. Afinal de contas, não há fronteiras de pensamento; o pensamento não tem nacionalidade. E nossos problemas — de todos nós, asiáticos, hindus, europeus — são iguais. Infelizmente, podemos dividir, para nossa conveniência, os nossos problemas em asiáticos e europeus; mas, na realidade, o que há é só — **problemas**. E se não desejamos resolvê-los de um determinado ponto de vista, porém compreendê-los totalmente, investigá-los a fundo, paciente e diligentemente, faz-se necessário, em primeiro lugar, compreendermos as numerosas questões que estão desafiando a cada um de nós. Assim sendo — se posso sugeri-lo — agiremos com bom-senso se pudermos dissociar-nos, por agora, de tôda nacionalidade, de qualquer espécie de crença religiosa, e mesmo de nossas próprias experiências pessoais, para podermos considerar desapaixonadamente, o mais possível, o que se está dizendo.

Penso que há necessidade de uma revolução total; **não** de mera reforma, porque as reformas geram sempre novas reformas, e êste é um processo interminável. Mas eu sinto quanto é importante, quando, como agora, nos vemos em presença de uma crise formidável, que haja uma revolução total na nossa mente, no nosso coração, na nossa atitude geral perante a vida. Tal revolução não se realiza mediante pressão exterior, ou com a ajuda de quaisquer circunstâncias, com a mera revolução econômica, com

o deixarmos uma determinada religião para abraçar, outra. Tal ajustamento não é revolução e, sim, apenas, a continuação, com variações, do que já existia. Parece-me muito necessário, na época atual, e talvez em todos os tempos, se desejamos compreender o ingente desafio que temos à nossa frente, que o consideremos de maneira total, com todo o nosso ser, e não como holandês, de cultura européia, não como hindu, com certas crenças e tradições, mas como um ente humano emancipado de seus preconceitos, sua nacionalidade, sua particular convicção religiosa. Acho importante não nos satisfazermos com meras reformas, porque tôda reforma nada mais é do que ajustamento externo a uma dada circunstância, uma determinada pressão; e tal ajustamento, é óbvio, não produz um mundo diferente, um novo "estado de ser", em que os entes humanos possam viver em paz entre si. Parece-me, por conseguinte, que muito importa deixarmos de lado tôda idéia de reforma — política, econômica, social ou qualquer que seja — a fim de realizarmos uma total revolução interior.

Uma revolução dessa ordem só pode ser realizada religiosamente. Isto é, só quando uma pessoa é verdadeiramente religiosa, é possível haver tal revolução. Revolução econômica é uma revolução fragmentária. Qualquer reforma social é também fragmentária, separativa; não é reforma total. Assim sendo, é possível considerarmos esta questão, não como um grupo, ou como holandeses, mas como indivíduos? — pois é bem de ver que esta revolução tem de começar no indivíduo. A verdadeira religião não pode ser coletiva. Ela tem de ser produto do esfôrço individual, da investigação individual, da libertação individual. Não se pode achar Deus coletivamente. Qualquer forma de coletivismo, na investigação, só pode ser uma reação condicionada. A busca da realidade só pode provir da parte do indivíduo. Acho importante compreender isso, porque estamos sempre preocupados com a reação das "massas". Não estamos sempre a dizer: "Isto é difí-

cil demais para as massas, para o público em geral"? — e não nos valemos de tôda sorte de desculpas que podemos achar, a fim de não alterarmos nada, de não realizarmos a revolução fundamental dentro em nós mesmos? Achamos, não é verdade? — inumeráveis justificativas para o adiamento indefinido da revolução individual direta. Se vós e eu nos pudermos separar do pensar coletivo, do pensar como holandêses, cristãos, budistas ou hindus, ficaremos habilitados a resolver o problema da revolução total em nós mesmos. Porque é só esta total revolução interior do indivíduo que pode revelar a Realidade Suprema. É extraordinàriamente difícil separar-nos do coletivo, uma vez que temos mêdo de estar sós. Temos mêdo de que nos julguem diferentes dos outros, temos mêdo do público, mêdo do que os outros possam dizer. Há inúmeras formas de autodefesa.

Para se promover uma revolução, uma transformação radical, não é importante que consideremos o processo da mente? Porque, afinal, a mente é o único instrumento que possuímos — a mente que está sendo educada há séculos, a mente derivada do tempo, a mente depósito de inumeráveis experiências, lembranças. Com esta mente, essencialmente condicionada, tentamos achar uma solução para os inumeráveis problemas da existência. Isto é, com uma mente que foi afeiçoada, moldada pelas circunstâncias, uma mente que não está livre; com um processo de pensar que é produto de inúmeras reações, conscientes ou inconscientes, esperamos resolver os nossos problemas. Parece-me, pois, importantíssimo compreendermos a nós mesmos, porquanto o autoconhecimento é o comêço da revolução radical a que me estou referindo.

Afinal de contas, se ignoro o que penso, se ignoro a fonte do meu pensamento, as "maneiras" de meu próprio funcionamento — se não estou totalmente cônscio de tudo isso, então, o que quer que eu pense, o que quer que eu faça será muito pouco significativo. Mas, para estar cônscio desta totalidade do meu ser, necessário se torna a

atenção, a paciência, a vigilância constante. Eis porque acho essencial, se estamos de fato sèriamente interessados nessas coisas e buscando a solução dos nossos inumeráveis problemas, que compreendamos as nossas próprias maneiras de pensar e nos libertemos totalmente de qualquer forma de coerção interior, qualquer imposição e dogma, para nos tornarmos aptos a pensar livremente e a investigar o que é verdadeiro.

Requer isso — não achais? — estejamos livres de tôda autoridade; que não estejamos a seguir, a imitar, a ajustar-nos, interiormente. Hoje em dia, todo o nosso pensar, todo o nosso ser resultam essencialmente do conformismo, da educação, de um constante moldar. Nós cedemos, ajustamo-nos, aceitamos, porque, profundamente, temos mêdo de ser diferentes, de estar sòzinhos, de investigar. Interiormente, queremos sentir-nos em segurança, queremos ser bem-sucedidos, queremos estar ao lado certo. Por conseguinte, criamos várias formas de autoridade, vários padrões de pensamento, tornando-nos assim sêres humanos imitativos, ajustando-nos exteriormente, porque interiormente, em essência, tememos estar sós.

Êsse "estar só", êsse "desprendimento", não é de modo nenhum contrário às nossas relações com a coletividade. Se somos capazes de "estar sós", é bem provável então que possamos ajudar a coletividade. Mas se somos apenas uma parte do corpo coletivo, é bem óbvio que só seremos capazes de fazer reformas, de produzir certas alterações no padrão da coletividade. Ser verdadeiramente individual é estar completamente fora da coletividade, é ter compreendido tôda a significação do coletivo. Um indivíduo assim é capaz de realizar uma transformação no coletivo. Acho importante ter isso presente no espírito, já que tanto nos interessa isso que chamamos de "as massas", a coletividade, o grupo. Evidentemente, o grupo não pode transformar-se a si mesmo; isto nunca aconteceu històricamente, nem está acontecendo hoje. Só o indivíduo capaz de desprender-se completamente do grupo, da coleti-

vidade, pode produzir transformação radical. Mas, o indivíduo só pode desprender-se totalmente, quando está em busca daquilo que é Real. O que significa que êle tem de ser uma pessoa verdadeiramente religiosa — mas não com a religião da crença, das igrejas, dos dogmas, dos credos. Só o indivíduo livre do coletivo pode descobrir o que é verdadeiro. E isto é sobremodo difícil, porque a mente está sempre a "projetar" o que ela pensa ser religião, Deus e a verdade.

Muito importa, por conseguinte, compreenda cada um o inteiro processo de si mesmo, tome conhecimento do "eu", do "ego", do pensador; porque, quando um homem é capaz de observar todo o processo do seu viver, poderá libertar a sua mente do coletivo, do grupo, e tornar-se assim um verdadeiro indivíduo. Um tal indivíduo não está em oposição ao coletivo; porque oposição é só reação. E quando a mente compreender o processo consciente e inconsciente de si própria, ver-se-á que existe um estado de todo diferente — um estado que não diz respeito nem à coletividade, nem à entidade separada, o indivíduo. O indivíduo, tendo-se tornado capaz de compreender o verdadeiro, terá transcendido ambas essas coisas. O indivíduo que não está em oposição ao coletivo, na sua investigação da vida, é um verdadeiro revolucionário.

E eu acho que ser um verdadeiro revolucionário é a coisa essencial. Tais indivíduos são criadores, capazes de fazer surgir um mundo diferente. Porque, afinal, os nossos problemas, quer na Índia, quer na América, quer na Rússia, quer aqui mesmo, são idênticos; somos entes humanos e queremos ser felizes. Desejamos possuir uma mente capaz de profunda penetração e que não se satisfaça com as superficialidades da vida. Queremos penetrar a vida, o mais profundamente possível, individualmente, para descobrirmos o que é eterno, imorredouro — o desconhecido. Mas, se estamos meramente a seguir o padrão do conformismo, nunca acharemos essa coisa. Eis porque me parece tão importante que haja entre nós alguns ho-

mens que sejam verdadeiramente ardorosos, que não estejam aqui por mera curiosidade ou por obra de algum capricho passageiro, porém se achem realmente interessados em promover a transformação do mundo, para haver paz e felicidade para cada um de nós. Para consegui-lo, acho muito importante deixemos de pensar coletivamente e, como entes humanos — não como máquinas repetitivas, movidas por certos dogmas e crenças — investiguemos e descubramos por nós mesmos o que é verdadeiro, o que é Deus.

Nesse descobrimento está a solução de todos os nossos problemas. Sem êle, os nossos problemas continuarão a multiplicar-se, continuará a haver guerras e mais guerras, mais desgraças, mais sofrimentos. Podemos ter uma paz temporária, pelo terror. Mas se somos indivíduos, na verdadeira acepção da palavra, e estamos buscando o que é Real (que só pode ser encontrado quando compreendemos o inteiro processo — consciente e inconsciente — de nós mesmos do nosso próprio pensar) teremos então a possibilidade dessa revolução, a única revolução que pode criar um estado em que o homem seja mais feliz.

PERGUNTA: *Há na Holanda muita gente de boa vontade. Que podemos fazer, efetivamente, para contribuirmos para a paz do mundo?*

KRISHNAMURTI: Porque restringimos as pessoas de boa-vontade à Holanda? (risos) Achais que não há gente de boa-vontade por êste mundo afora? Mas — vêde bem — a paz não se consegue pela boa-vontade; a paz é uma coisa completamente diferente. Ela não é a cessação da guerra. A paz é um **estado mental**; a paz é a cessação do esfôrço para "ser algo"; a paz é a negação da ambição, o fim do desejo de resultados, do desejo de "vir a ser", de alcançar bom êxito. Pensamos que a paz é apenas o intervalo entre duas guerras. E provàvelmente, pelo terror que inspira a bomba de hidrogênio, teremos paz, de algu-

ma espécie. Mas isto não será a Paz. Só há Paz, quando não temos nacionalidades e soberanias separadas, quando não consideramos um outro como nosso inferior pela raça, ou como nosso superior, quando não há divisões na religião — vós cristão, outro hinduísta, budista, muçulmano.

Só nascerá a Paz, quando vós, como indivíduo, trabalhardes pela Paz. Isto não significa reunir-vos em grupos para trabalhardes pela Paz; porque, em tal caso, o que se cria nada mais é do que ajustamento a um padrão chamado "paz". Mas o estabelecer a paz perene é, sem dúvida, uma coisa de todo diferente. Afinal de contas, como é que um homem ambicioso, que luta, que compete brutalmente, poderá estabelecer a paz no mundo? Direis, porventura: "Que será de mim, se eu não fôr ambicioso? Não degenerarei? Não é necessário que eu lute?" — É porque somos ambiciosos, porque vivemos lutando e nos empurrando uns aos outros, no nosso desejo de realizar algo, de ser bem sucedidos, é por isso que criamos um mundo onde há guerras.

Se realmente pudéssemos compreender o que é viver sem ambição, livre dêsse constante desejo de bom êxito — nos negócios, nas escolas, na família — se pudéssemos compreender realmente o significado psicológico da ambição, com tôdas as suas conseqüências, penso que então abandonaríamos nossa fútil atividade. O homem ambicioso não é um homem feliz; porque está sempre com mêdo da frustração, submetido às torturas do esfôrço, da luta. Êsse homem não pode criar um mundo pacífico. E os crentes de determinada igreja — comunista, católica, protestante, hinduísta — também êsses não são pessoas pacíficas e nunca estabelecerão a paz no mundo — porque são entes divididos, fragmentados, desintegrados. Só o ente humano integrado, o homem que compreende essa divisão e corrupção — só êsse é capaz de promover a paz.

Não queremos renunciar às nossas tão caras esperanças, fantasias, crenças; queremos levá-las tôdas conosco, para o nosso mundo de paz. Queremos criar um mundo

de paz, com todos os elementos causadores de destruição. E por isso nunca há Paz. Só a mente que compreendeu a si própria, que está tranqüila, que nada exige, que não busca o bom êxito, que não está lutando para "vir a ser alguém" — só essa mente poderá criar um mundo onde reinará a Paz.

PERGUNTA: *Há vida após a morte?*

KRISHNAMURTI: Vejo que estais muito mais interessado nisto do que na questão que acabamos de apreciar! É extraordinário o nosso interêsse pela morte. Não temos interêsse na vida, entretanto, queremos saber como morremos e se virá algo depois.

Investiguemos êste problema, se estais sèriamente dispostos a isso, porque de fato é um problema formidável. Para se compreenderem tôdas as coisas que esta questão implica, temos de estudá-la com muita atenção e sensatez. E não podemos estudá-la com sensatez, se temos alguma crença a seu respeito, se — por havermos lido certas coisas sôbre a matéria, ou por têrmos uma experiência, uma intuição, uma ânsia de vida futura — dizemos que há vida após a morte. Ora, por certo, se desejais compreender o problema, tendes de estudá-lo de maneira nova, num estado de espírito aplicado a investigar e não a crer, num estado em que a mente diga: "Não sei, mas desejo investigar" — e não que há ou não há continuidade após a morte. Isto é bastante óbvio. Afigura-se-me ser êste o primeiro passo para o descobrimento da verdade a respeito da morte e do além; a única maneira correta de se estudar um problema, principalmente um problema humano, é dizer: "Não sei, mas desejo investigar". É muito difícil dizer isto, porque em geral já lemos tanta coisa e temos tantos desejos, tantas esperanças e ânsias, tanto mêdo, que já adquirimos muitas conclusões, crenças, que nos dizem que há alguma espécie de continuidade, alguma espécie

de vida, após a morte. Dêsse modo, já concebemos de antemão o que há depois da morte; nossos próprios temores nos ditam o que deverá haver.

Por conseguinte, para se achar a verdade relativa a esta questão, não é importante que primeiramente nos livremos de todos os nossos "conhecimentos" a respeito da morte? A morte, afinal de contas, é o "desconhecido", e para sondar êsse desconhecido, temos de "entrar no reino da morte" enquanto vivos. Tende a bondade de prestar atenção! Precisamos ser capazes de entrar neste estado que chamamos "morte", enquanto temos a capacidade de respirar, pensar, agir. Do contrário, ao morrermos — de doença ou acidente — já que perdemos a consciência, não há mais possibilidade de compreendermos o que se acha além. Mas, para sermos capazes, ativamente, enquanto estamos vivos e plenamente lúcidos, de compreender, no seu todo, o problema da morte, requer-se uma espantosa soma de energia, capacidade, investigação.

Em primeiro lugar, de que é que temos mêdo, na morte? De certo, temos mêdo — não é verdade? — de deixar de existir, de não têrmos **continuidade**. Isto é, ou deixo de existir ou minha existência continuará — segundo espero... Tenho mêdo de que ao morrer, por doença, acidente ou outra causa, essa coisa que se chama o corpo, o organismo, o mecanismo, — **eu** não continue a existir. O "**Eu**" são as várias qualidades, virtudes, idiossincrasias, esperanças, paixões, valores, que tenho cultivado, as lembranças que conservei com carinho e aquelas que rejeitei; tudo isso constitui o "eu", sem dúvida. O "eu", que se acha identificado com a propriedade, a casa, a família, um amigo, uma espôsa, um marido, com experiência; o "eu" que cultivou certas virtudes, que deseja realizar algo, que deseja preencher-se, que tem lembranças inúmeras, agradáveis e desagradáveis — êste "eu" diz "Tenho mêdo; quero a garantia de que existe uma forma de continuidade".

Ora, aquilo que existe sem solução de continuidade, nunca pode ser criador, pode? A ação criadora só pode nascer depois de cessar a continuidade. Se nada mais sou do que o resultado de dias passados e continuo a existir pelo mesmo padrão, no futuro, minha existência é então a forma, sempre repetida, de um determinado padrão de pensamento, uma continuidade de memória. E numa tal continuação no tempo não se pode, evidentemente, descobrir o que se encontra além do tempo. A mente pensa em têrmos de tempo — sendo que o tempo é ontem, hoje, amanhã — e não pode de modo nenhum conceber um estado em que não haja "amanhã". Por isso, diz: "Preciso ter continuidade". Como só é capaz de pensar em têrmos de tempo, a mente está sempre aterrada com a morte, porque, com ela, pode acabar-se tudo o que existiu até agora.

Esta pergunta — "Há vida após a morte?" — é, em verdade, pueril, não achais? Porque, se compreendêssemos o processo total de nós mesmos — o "eu" — não acharíamos mais importante saber se vivemos ou se não vivemos após a morte. Afinal, que é o "eu", senão um feixe de lembranças, de valores, de experiências? Por favor, prestai atenção. E êsse "eu" deseja continuar. Podeis dizer que o "eu" não é a única coisa existente; que nêle se oculta uma entidade espiritual. Se nesse "eu" habita uma entidade espiritual, êsse espírito não está sujeito à morte, não tem duração, está fora do tempo; não pode ser concebido, pensado; não conhece o mêdo. Pode ser que exista e pode ser que não exista. Mas nós temos muito mêdo, e o que nos faz tanto mêdo é a cessação do "eu", produto do tempo. Enquanto eu estiver pensando em têrmos de tempo, de morte, de temor, nunca haverá o descobrimento daquilo que se acha além do tempo.

Infelizmente, queremos uma resposta categórica — "sim" ou "não" — à pergunta sôbre se há vida após a morte. Se me é permitido dizê-lo, esta exigência de resposta categórica é infantil. Porque a vida não tem res-

posta categórica, "sim" ou "não". Requer-se extraordinária capacidade de penetração e investigação, para se descobrir aquêle estado mental que se acha além da morte. Isto é muito mais importante do que apenas indagar se há vida após a morte. Mesmo que o saibais, que adianta isso? Continuareis a ser os mesmos entes miserandos, infelizes, com vossos conflitos e sofrimentos, vossa luta para vos realizardes e tudo o mais. Mas se compreenderdes o "processo" total do "eu", se deixardes a vossa mente libertar-se de suas próprias considerações, suas próprias prisões, para que se torne tranqüila, vereis que a questão relativa à morte tem muito pouca importância. A morte é então parte do viver. Quando temos interêsse no viver, a morte não existe . A vida não é um acabar e um começar. Não pode ser compreendida, a vida, se há o mêdo da morte, a ânsia de saber o que existe além da vida.

Esta questão exige madureza de espírito, nossa total capacidade de pensar. Mas, como somos demasiado impacientes, queremos uma resposta imediata, e não podemos aquietar-nos para investigar — não através de livros, através de alguma autoridade, mas dentro de nós mesmos. O penetrar das muitas camadas de nossas consciências, o descobrir o que é a Verdade — isso requer paciência, esforços sérios, constância de intenção.

PERGUNTA: *Nós estamos acostumados com a oração. Ouvi dizer que a meditação, como se pratica no Oriente, é uma forma de oração. É verdade isto?*

KRISHNAMURTI: Não nos preocupemos tanto com o que se pratica ou não pratica no Oriente. Consideremos a meditação e a oração, e vejamos se há alguma diferença.

Que se entende por oração? Entende-se, essencialmente: súplica, petição, rôgo, a uma entidade que consideramos Superior — não é isso? Tenho um problema e me considero infeliz, sôfro e rezo, para obter uma solução, um esclarecimento, uma significação. Vejo-me em difi-

culdades, consumido de ânsias, e rezo. Isto é, peço, rogo, suplico. Naturalmente, obtenho uma resposta; e esta resposta, atribuímo-la a algo que se acha muito, muito alto — dizemos que tal resposta vem de Deus. Mas, é exato isso? Ou a resposta nos vem das profundezas do inconsciente?

Por favor, não desprezeis isto, pensando que estou meramente a repetir coisas psicanalíticas. Nós estamos tentando investigar. Deus, por certo, deve ser algo totalmente inacessível às exigências de minhas particulares tribulações, minhas mágoas e frustrações e esperanças. Deus ou a Verdade deve ser algo que se acha totalmente fora do tempo, algo inimaginável, incognoscível, para a mente que está condicionada, a sofrer. Mas, se posso compreender o que é o sofrimento e como vem à existência, não há mais petição; a compreensão do sofrimento é o comêço da meditação.

A oração é coisa completamente diferente da meditação. Oração é a repetição de certas palavras que trazem quietação à mente. Se repetis certas palavras, certas frases, isso, de tôda evidência, tranqüiliza a mente. E nessa tranqüilidade podem surgir certas respostas, uma certa mitigação do sofrimento. Mas, porque não foi completamente sondado e compreendido, o sofrimento volta. O sofrimento, pois, é que é o problema, e não, se devemos rezar ou não devemos rezar. O homem que sofre está ansioso por uma resposta, um alívio, uma cessação do seu sofrer, e recorre então a alguém — que pode ser um médico, um sacerdote, ou "algo que se acha no Além". Mas, como êsse homem não resolveu o problema fundamental do sofrer, qualquer resposta que receba não pode provir do Altíssimo; deve proceder das profundezas do inconsciente coletivo ou dêle próprio. A compreensão do sofrimento é o comêço da meditação, porque, se não compreendemos o processo total do sofrimento, do desejo, da luta, dos esforços inúmeros que fazemos para realizar algo, sermos bem sucedidos — se não compreendemos o

processo total do "eu" — o sofrimento é inevitável. Podeis rezar quanto quiserdes, ir à igreja, recitar de joelhos as vossas preces, mas enquanto o "eu", a semente do sofrimento, não fôr compreendido, a mera repetição de palavras nada mais é senão auto-hipnotismo.

Mas, se ao contrário, começarmos a compreender o processo do sofrimento, pela observação — sem condenar, sem julgar — no espelho das relações, tôdas as nossas palavras e gestos, nossas atividades, nossos valores, então a nossa mente poderá penetrar mais e mais o problema. Êste processo é meditação.

Mas não há sistema de meditação. Se meditais conforme um sistema, estais meramente a seguir um novo padrão de pensamento, o qual vos conduzirá ao resultado que êsse próprio padrão oferece. Mas, se puderdes estar cônscios de cada pensamento, cada sentimento, e dêsse modo descobrir as várias camadas da consciência, tanto as superficiais como as profundas — vereis que esta meditação traz uma quietude, um estado em que não há movimento de espécie alguma, e só tranqüilidade absoluta — que não é a tranqüilidade da morte. Só então nos tornamos capazes de receber o que é Eterno.

22 de maio de 1955

4.ª CONFERÊNCIA DE AMESTERDÃO

SE cada um de nós pudesse investigar sèriamente o que anda a buscar, acho que então o nosso esfôrço para encontrarmos algo duradouro teria uma certa significação. Porque, sem dúvida, quase todos nós estamos em busca de alguma coisa. A nossa busca ou é resultado de alguma frustração profunda, ou produto de uma fuga à realidade da vida diária, ou, ainda, um meio de evitarmos os vários problemas da vida. A meu ver, a seriedade com que procedemos depende daquilo que estamos buscando. Infelizmente, os mais de nós somos muito superficiais; e talvez não saibamos como é que devemos "cavar" para chegarmos a uma profundidade onde possamos encontrar algo mais do que meras reações da mente.

Considero, pois, de grande importância averiguarmos **o que é que estamos buscando,** todos e cada um de nós, e **porque** estamos buscando; qual o motivo, a intenção, a finalidade que inspira esta busca. Acho que no descobrirmos o que é que estamos buscando e o porquê da busca, ficaremos, talvez, aptos a penetrar mais profundamente em nós mesmos. Somos em geral muito superficiais; permanecemos a lutar na superfície, sem sermos capazes de ultrapassar as meras reações superficiais de prazer e de dor. Se pudermos passar além da superfície, talvez encontremos a possibilidade de averiguar por nós mesmos que justamente a nossa busca bem pode ser um obstáculo.

Que é que estamos buscando? Quase todos nós somos infelizes, ou nos vemos frustrados, ou somos impulsionados por algum desejo.

No tocante à maioria de nós, acho eu, a busca está baseada em alguma frustração, alguma coisa que nos faz

sofrer. Desejamos preencher-nos, de uma ou de outra maneira, em diferentes níveis de nossa existência. E quando reconhecemos a impossibilidade de nos preenchermos, há frustração — nas relações, na ação, e em todos os aspectos de nossa existência emocional. Ao nos vermos frustrados, procuramos meios e modos de fugir desta frustração, e ficamos a mover-nos de um obstáculo para outro, de uma barreira para outra, sempre à procura de um caminho para o preenchimento, a felicidade. Assim sendo, a nossa busca — embora digamos que estamos a buscar a Verdade ou Deus — é na realidade uma forma de realização de nós mesmos. Por essa razão permanece, invariàvelmente, superficial. Muito importa compreender profundamente êste fato. Porque a meu ver não se poderá achar coisa alguma de grande significação, a menos que sejamos capazes de entrar muito profundamente em nós mesmos. E não poderemos penetrar-nos profundamente, se nossa busca é mero produto de frustração, se é desejo de uma resposta que provoque uma superficial reação de felicidade. Suponho, pois, que vale a pena descobrir o que é que cada um de nós deseja e está procurando às cegas. Porque daí depende o que iremos achar. E se não há frustração, sofrimento, mas só a intenção de achar um refúgio onde a mente encontre repouso, onde encontre um abrigo contra tôdas as perturbações, então, também nesse caso, a busca levará inevitàvelmente a algo que será superficial, passageiro, trivial. Ora, já estamos, cada um de nós, capacitados para descobrir o que é que estamos buscando e porque buscamos? No "processo" da nossa busca, adquirimos conhecimentos, acumulamos experiência, não é verdade? Conforme essas aquisições e acumulações, forma-se a nossa experiência. Estas, por sua vez, se tornam nosso guia. Mas, tôda experiência dessa natureza está baseada, essencialmente, no nosso desejo de segurança sob uma ou outra forma, neste mundo ou num mundo imaginário ou no mundo celestial; porque a nossa mente exige e busca um sítio onde não possa ser pertur-

bada. No "processo" dessa busca há frustração; e com a frustração, sofrimento.

Ora, pode existir segurança para essa mente? Podemos procurá-la, buscá-la às apalpadelas; podemos edificar uma civilização, uma sociedade que nos garanta pelo menos a segurança física, e achar assim, uma certa segurança nas coisas, na propriedade, nas idéias, nas relações; mas existe segurança para a mente, um estado mental sem perturbação de espécie alguma? E não é isso o que estamos buscando, os mais de nós, por caminhos tortuosos, aplicando-lhes nomes diferentes, palavras diferentes? Não há dúvida de que uma mente que busca a segurança, atrairá, inevitàvelmente, a frustração. Em geral, nós nunca indagamos se pode haver segurança para a mente, um estado livre de perturbações. No entanto, se nos examinamos profundamente, é justamente êsse estado de segurança o que deseja a maioria de nós. E tentamos criar essa segurança para nós mesmos, de diferentes maneiras; com as crenças e ideais, com nossos apegos e nossas relações com pessoas, com a propriedade, a família, etc.

Pois bem, pode-se achar segurança, permanência, nas coisas criadas pela mente? A mente, afinal, resulta do tempo, de séculos de constante educar, moldar, modificar. A mente é resultado do tempo e, portanto, um joguete do tempo; e pode essa mente encontrar um estado de permanência? Ou deve a mente a achar-se sempre num estado de impermanência?

Acho importante examinar bem esta questão e compreender que, em geral, estamos buscando, sem sabermos o que desejamos. O **motivo** da busca importa muito mais que aquilo que estamos buscando; porque, se êsse motivo é o desejo de segurança, de permanência, então a mente cria os seus próprios obstáculos, dos quais resulta frustração e, portanto, tristezas e sofrimentos. Buscamos então outras vias de fuga, outros meios de evitar a dor; e, com isso, provocamos mais sofrimentos. Eis o estado em que nos achamos; eis o nosso complexo existir

de cada dia. Mas se, por outro lado, pudermos "permanecer com nós mesmos", investigar e descobrir qual o motivo da nossa busca, da nossa luta, talvez então encontremos a resposta correta. O fugir é como o acumular conhecimentos: o saber pode proporcionar-nos certa segurança, mas um homem que está cheio de saber não pode descobrir o que se acha além da mente.

Nessas condições, não achais importante investigar **o que é que estamos buscando** e **porque** buscamos, e investigar também se se podem acabar tôdas as atividades de busca? Porque a busca implica grande esfôrço, constante indagar, luta perene, não é verdade? Pode-se achar alguma coisa por meio de esfôrço? Com "alguma coisa" quero dizer: algo mais do que as meras reações da mente, as suas "respostas", algo diferente das coisas que a mente criou e está projetando. Não deve interessar a cada um de nós investigar se se pode acabar com a busca? Porque, quanto mais buscamos, tanto maior a tensão, o esfôrço, o dilema em que nos vemos, quando não achamos o que buscamos, por fim conseqüentemente, o sentimento de frustração.

Vamos considerar isso com tôda atenção; não digamos: "Que nos acontecerá se não houver busca?" — Ora, se buscamos impelidos por um **motivo**, então o resultado da busca será ditado por êsse motivo e, portanto, será limitado; e por causa dessa limitação há sempre frustração e sofrimento, em cujas malhas todos nós estamos presos. Mas, há existência sem busca? Pode haver um "estado de ser", sem êsse constante "vir a ser"? "Vir a ser", é luta, é conflito — e tal é a nossa vida. Não é de grande importância que cada um de nós investigue se há um estado em que êste processo de luta constante, de incessante conflito, dentro em nós mesmos, contradições, desejos antagônicos, frustrações, sofrimentos, possa acabar, sem ser por uma forma inventada ou imaginada pela mente?

Eis porque é tão relevante o autoconhecimento: não o conhecimento que se aprende nos livros ou por "ouvir dizer" ou assistindo a umas poucas conferências, porém aquêle que consiste em observarmos, sem escolha, o que realmente está ocorrendo em nosso espírito; observarmos tôdas as reações, estarmos vigilantes nas nossas relações, de modo que nos sejam reveladas tôdas as particularidades da nossa busca, dos nossos **motivos**, dos nossos temores, das nossas frutrações. Porque, se desconhecemos a origem do nosso pensar, o **motivo** da nossa ação, o impulso inconsciente que nos tange, então é inevitável que todo o nosso pensar seja superficial e sem grande significação. Podeis ter certos valores superficiais; podeis "encher a bôca" com a vossa crença em Deus, a vossa busca da Verdade e tudo o mais; mas, se desconhecemos a natureza íntima da nossa mente, o **motivo**, a exigência, o impulso inconsciente — que se revelam quando observamos a nós mesmos no espelho das relações — só teremos aflições e dores.

Considero êsse processo de observação uma atividade séria. Nêle não nos abandonamos a uma determinada idéia, crença ou dogma, não nos deixamos senhorear por uma idiossincrasia; pois isto não é atividade séria. Estar sèriamente ativo implica uma vigilância em que se percebe o conteúdo da nossa mente; em que observamos simplesmente, sem procurar desfigurá-lo, assim como miramos o nosso rosto num espelho — êle é o que é. Assim, anàlogamente, se pudermos observar os nossos pensamentos, os nossos sentimentos, o nosso ser todo no espelho das relações, das atividades diárias, veremos que não haverá frustração de espécie alguma. Enquanto buscamos preenchimento, sob qualquer forma, tem de haver frustração. Porque preenchimento implica cultivo e exageração do "eu", do "para-mim", e o "para-mim", o "eu", é a própria causa do sofrimento. Compreender todo o conteúdo dêsse "eu", dêsse "ego", tôdas as camadas da sua consciência, com suas acumulações de saber, de gostos ou

aversões — estar cônscio de tudo isso, sem julgar, sem condenar, é estar sèriamente interessado.

Esta seriedade é o instrumento com que a mente será capaz de ultrapassar as suas próprias limitações. Afinal de contas, nós desejamos achar o sentimento de uma Realidade maior do que as meras invenções da mente, uma Realidade que se encontra fora dos limites mentais e que não é uma simples "projeção". Se pudermos compreender a mente, com tôdas as suas sutilezas, suas falácias, seus vários impulsos — nesta mesma compreensão terão fim as suas atividades limitantes.

Só quando a mente já não tem nenhum **motivo**, pode estar tranqüila. Nesta quietude surge uma Realidade que não é criação da mente.

> Pergunta: *Um homem cheio de responsabilidades, mantém-se ocupado, dia e noite, no seu subconsciente, com problemas práticos que exigem solução. Vossa* visão *só será realizável na quietude da autovigilância. Dificilmente se pode achar algum momento de tranqüilidade: os problemas imediatos são muito urgentes. Podeis dar alguma sugestão prática?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que entendeis por "sugestão prática"? Uma coisa que se deve fazer imediatamente? Uma coisa que se deve pôr em prática a fim de "produzir tranqüilidade mental?" — É bem de ver que, se praticamos um sistema, êste sistema produzirá um certo resultado; mas será apenas o resultado do sistema e não descobrimento feito por vós mesmo, não uma coisa que achais, com o percebimento de vós mesmo, nos vossos contactos da vida cotidiana. Um sistema produz evidentemente o seu resultado **próprio**. Por muito e por mais longamente que pratiquemos o sistema, o resultado será ditado sempre pelo sistema, pelo método. Não será um descobrimento; será uma coisa imposta à mente pelo seu desejo de achar uma saída dêste mundo caótico e aflitivo.

Que nos cumpre, então, fazer, se andamos tão ocupados, noite e dia, como anda a maioria das pessoas, com o ganhar a vida? — Em primeiro lugar, estamos realmente ocupados durante tôdas as horas, com o negócio, com o ganho do sustento? Ou há durante o dia períodos em que não se está tão ocupado? Acho que êsses períodos de folga são muito mais importantes do que aquêles em que estamos ocupados. Muito importa, descobrir com **o que** a mente está ocupada, não achais? Se ela está ocupada, conscientemente ocupada, com assuntos de negócios, o dia todo — o que é verdadeiramente impossível — é bem óbvio que não há, nela, espaço, tranqüilidade, onde se possa achar algo de novo. Mas, felizmente, os mais de nós não andamos **inteiramente** ocupados com os nossos negócios, e há sempre oportunidade para sondarmos as profundezas de nós mesmos, estarmos vigilantes. Acho tais períodos muito mais importantes do que os períodos de ocupação; e, se permitimos, êsses momentos começarão a influir em nossas atividades comerciais, em nossa vida de cada dia.

Afinal de contas, é óbvio que a mente consciente, a mente que está sempre tão ocupada, não tem tempo para pensamentos profundos. Mas a mente consciente não é a totalidade da nossa mente; há também a parte inconsciente. E pode o consciente penetrar as profundezas do inconsciente? Isto é, pode a mente consciente, a mente que deseja investigar, analisar, sondar o inconsciente? Ou deve a mente consciente estar tranqüila, para que o inconsciente possa enviar-lhe suas sugestões, suas mensagens? O inconsciente é tão diferente do consciente? Ou a totalidade da mente é consciente mais inconsciente? A totalidade da mente, como a conhecemos — consciente mais inconsciente — é educada, condicionada pelas várias imposições da civilização, pela tradição e a memória. E, talvez não se possa encontrar a solução de nossos problemas dentro da esfera da mente; pode estar fora dessa esfera. Para se achar a solução

correta de todos os problemas de nossa existência, de nossa luta de todos os dias, a mente — consciente e inconsciente — deve estar totalmente tranqüila, não é verdade?

O autor da pergunta deseja saber, já que anda tão ocupado, o que deve fazer? Ora, sem dúvida, êle não é um homem tão ocupado assim; sempre lhe sobra algum tempo para diversões, não? Se começar a aplicar algum tempo do dia — 5 minutos, 10 minutos, meia hora — para refletir sôbre estas questões, então esta própria reflexão trará períodos mais longos, para meditar, "cavar" no inconsciente, com mais vagar. Eu não acho que a mera ocupação superficial da mente tenha muita significação. Há algo muito mais importante, e êsse algo é: investigar o funcionamento da mente, as particularidades de nosso próprio pensar, os motivos, os impulsos, as lembranças, as tradições que estão senhoreando a mente; e isso se pode fazer, mesmo quando temos de ganhar o nosso sustento. Porque precisamos tornar-nos plenamente cônscios de nós mesmos e de nossas peculiaridades. Dessa maneira — suponho — haverá possibilidade de a mente se tornar deveras tranqüila, e descobrir, assim, o que se acha além de suas próprias "projeções".

PERGUNTA: *Sempre vivi, para minha felicidade, na dependência de outras pessoas. Como posso desenvolver a capacidade de só depender de mim mesmo?*

KRISHNAMURTI: Porque dependemos de outro para nossa felicidade? Será porque estamos interiormente vazios que recorremos a outro para preencher êsse vazio? E êsse vazio, essa solidão, êsse sentimento opressivo de limitação, pode ser superado pelo exercício de alguma capacidade? Se êsse vazio tem de ser superado por qualquer sistema ou capacidade ou idéia, nesse caso ficareis na dependência dessa idéia ou dêsse sistema. Agora, porventura, estou dependendo de uma pessoa.

Sinto-me vazio, só, num isolamento completo, dependo de alguém. E, se crio ou tenho um método que me ajudará a superar essa dependência, ficarei então dependendo de tal método. Apenas terei substituído a pessoa por um método. O que é importante, pois, neste caso, é descobrirmos o que significa "estar vazio". Em última análise, dependemos de alguém, para nossa felicidade, porque em nós mesmos não somos felizes. Não sei o que é amar, e por isso dependo de outra pessoa, de seu amor. Ora, posso sondar êsse vazio em mim existente, êsse sentimento de completo isolamento, completa solidão? Já nos pusemos alguma vez frente a frente com êle? Ou êle nos infunde terror e faz-nos fugir? Mas êsse "processo" de fuga ao vazio, é precisamente, o fator da dependência. Assim sendo, pode a minha mente perceber a verdade de que qualquer espécie de fuga ao **que é** cria dependência, da qual resultam desventuras e aflições? Posso compreender, exatamente, isto: que dependo de outrem para minha felicidade, porque em mim mesmo estou vazio? Êste é que é o fato: estou vazio, e por isso dependo. Esta dependência causa-me sofrimento. A fuga, sob qualquer forma, ao vazio, não é solução — não importa se como meio de fuga nos servimos de uma pessoa, de uma idéia, de uma crença, de Deus, da meditação, etc. Nada adianta fugirmos ao fato de **o que é**. Em nós mesmos há insuficiência, pobreza do ser. No perceber, simplesmente, êste fato e no "permanecer com êle" — sabendo-se que todo movimento da mente para alterar o fato é outra forma de dependência — nêsse percebimento há liberdade.

Afinal de contas, por mais experiência que tenhamos, por mais conhecimentos, crenças, idéias, se observamos bem, vemos que a mente, em si, é vazia. Podemos manter-nos numa atividade incessante, encher-nos de idéias, de distrações, de hábitos; mas no momento em que cessa tal atividade, tornamo-nos cônscios de que nossa mente está totalmente vazia. Ora, podemos permanecer "em

companhia dêsse vazio?" Pode a mente encarar de frente êsse fato e "permanecer com êle"? Isto é muito difícil, porquanto a mente está muito habituada à distração, foi muito bem treinada para fugir ao **que é** — ligar o rádio, abrir um livro, conversar, ir à igreja, comparecer a uma reunião, enfim qualquer coisa que a habilite a fugir do fato central: a mente, em si, está vazia. Por mais que lute para dissimular êsse fato, a mente, em si, continua vazia. Uma vez perceba êsse fato, êsse estado, pode a mente permanecer nêle, sem fazer movimento algum?

Creio que a maioria de nós está cônscia — talvez raramente, apenas, visto que quase todos andamos terrìvelmente ocupados e ativos — creio que a maioria de nós está cônscia, às vêzes, de que a mente está vazia. E quando estamos cônscios, tememos o vazio. Nunca investigamos êsse estado de vazio, nunca o examinamos a fundo; temos-lhe mêdo e fugimos dêle. Damos um nome a êsse estado, dizemos que é "vazio", que é "terrível", que é "doloroso"; e êsse próprio fato de lhe dar nome já criou uma reação na mente, um temor, um impulso para evitar, fugir. Pode a mente desistir de fugir dêsse estado e não lhe dar nome, não lhe atribuir a significação de uma palavra, tal como "vazio", que nos desperta lembranças de prazer e de dor? Podemos encarar o vazio, pode a mente estar cônscia dêle, sem lhe dar nome, sem fugi-lo, sem julgá-lo, e "ficar **com êle**"? Porque, então, o vazio é a mente. Não há então um observador a observá-lo; não há censor a condená-lo; há só o estado de vazio, com que todos estamos muito bem familiarizados, mas que todos evitamos, tentando preencher com atividades, devoções e rezas, com o saber e tôda espécie de ilusão e excitamento. Mas, ao cessar a ilusão, a excitação, o mêdo, a fuga, e quando não mais estamos dando nome à coisa (e portanto condenando-a) é o observador então diferente da coisa observada? Sem dúvida, pelo dar nome, pelo condenar, a mente cria um censor, um observador, fora dela própria. Mas quando a mente

não dá nome, não condena, não julga, então não há mais observador e, sim, só um estado a que chamamos "vazio".

Isso talvez pareça abstrato. Mas, se penetrardes o que acabo de dizer, estou bem certo de que encontrareis um estado que se pode chamar "vazio", mas que não provoca temores, fugas ou a tentativa de encobri-lo. Tudo isso cessa, se nos dispomos verdadeiramente a investigar. Então, se a mente já não lhe dá nome, já não o condena, existe "vazio"? Tornamos-nos então cônscios de que somos pobres e portanto dependentes, de que somos infelizes e por isso estamos exigindo alguma coisa ou apegados a alguém? Se já não estamos pondo um rótulo, um nome, e portanto condenando o estado percebido, é êle então, ainda, "vazio", ou coisa totalmente diferente?

Se vos aprofundardes nisso muito sèriamente, encontrareis um estado em que não há mais dependência — nem de pessoa, nem de crença, nem de experiência ou tradição. E então o que se encontra além do vazio é a ação criadora da Realidade; não atividade criadora de um talento ou capacidade, mas a ação criadora daquilo que está além de todos os temores, tôdas as exigências, todos os artifícios da mente.

PERGUNTA: *A evolução nos ajudará a achar Deus?*

KRISHNAMURTI: Não sei o que entendeis por "evolução" nem o que entendeis por "Deus". Esta questão me parece bastante importante, e merece ser examinada, porque os mais de nós pensamos em têrmos de tempo — sendo o tempo a distância, o intervalo entre o que sou e o que eu deveria ser — o ideal. "O que sou" é desagradável, e precisa ser alterado, moldado numa coisa que eu não sou. E para moldá-lo, dar-lhe respeitabilidade, dar-lhe beleza, necessito de tempo. Isto é, eu sou cruel, ganancioso, etc., e preciso de tempo para transformar isto na qualidade ideal; êsse ideal pode ter o nome que

quizerdes, o que não importa muito. Estamos sempre pensando em têrmos de tempo.

E o interrogante deseja saber se, através do tempo, se pode chegar ao conhecimento real daquilo que se acha além do tempo. Não sabemos o que existe além do tempo. Somos escravos do tempo; nossa mente, tôda ela, só pensa em têrmos de ontem, de hoje ou de amanhã. E, vendo-se cativo do tempo, o interrogante deseja saber se o ideal pode ser alcançado pelo "processo" do tempo. É inegável que há uma certa forma de evolução, de desenvolvimento — da simples carroça para o avião a jato, da lâmpada de óleo para a luz elétrica; cresce a nossa ciência, a nossa técnica, desenvolve-se o cultivo e a exploração da terra, etc. Não há dúvida de que, tècnicamente, há progresso, evolução, desenvolvimento. Mas existe desenvolvimento ou evolução além disso? Existe alguma coisa na mente que está fora do tempo — o espírito, a alma, ou como preferirdes chamá-lo? O que é susceptível de desenvolvimento, evolução, "vir a ser", não é parte do eterno, evidentemente, não é parte de algo que se acha além do tempo; está ainda no tempo. Se a alma, a entidade espiritual, é capaz de desenvolvimento, então ela é, ainda, uma invenção da mente. Se não é invenção da mente, então não é do tempo, e portanto não precisamos preocupar-nos a seu respeito. O que deve interessar-nos é se, através do tempo, nossa natureza interior, nosso ser interior, pode ser modificado.

A mente, sem dúvida, resulta do tempo; vossa mente e a minha são resultado de uma série de praxes educativas, experiências, culturas e uma variedade de pensamentos, impressões, tensões — coisas essas que fizeram de nós o que somos atualmente. E com essa mente estamos tentando descobrir algo que está além do tempo. Mas, positivamente, Deus, a Verdade, tem de ser uma coisa totalmente nova, algo inconcebível, incognoscível à mente. Pode, pois, essa mente, que é resultado do tempo, da tradição, da memória, da cultura, pode esta mente chegar

a um fim? — voluntàriamente, e não por meio de exercitamento, não por ser posta numa camisa de fôrça. Pode a mente, resultado do tempo, provocar o seu próprio fim?

Afinal de contas, que é a mente? Pensamento, capacidade de pensar. E o pensamento é reação da memória, de associação, de valores diversos, crenças, tradições, experiências, conscientes ou inconscientes; tal é o **fundo** de onde brotam todos os nossos pensamentos. Podemos estar realmente cônscios de tudo isso, e dessa maneira possibilitar a cessação do pensamento? Porque o pensamento é resultado do tempo; e o pensar não pode, de tôda evidência, produzir ou revelar aquilo que está além dêle próprio. Por certo, só quando a mente, como pensamento, como memória, chega a um fim, só quando se tornou completamente quieta, completamente imóvel, só então poderá despontar aquela Realidade que se acha além das reações mentais.

23 de maio de 1955

5.ª CONFERÊNCIA DE AMESTERDÃO

TALVEZ, queirais investigar comigo um problema um tanto difícil, o qual estou bem certo interessa à maioria das pessoas, ou seja o problema relativo à mudança, à transformação; e acho que temos de examiná-lo um tanto longamente, para podermos compreendê-lo no seu todo. Todos percebemos a necessidade de mudança e achamos que tôda mudança implica exercício da vontade, esfôrço. Esta necessidade de mudança suscita também outra questão: **de que coisa** queremos mudar e **para que coisa?** Acho que precisamos examinar êste asunto com certa profundeza, sem nos contentarmos com uma resposta superficial. Porque esta questão implica algo muito importante, requerendo, assim, uma certa atenção, que espero estejais dispostos a dar-lhe.

Quase todos nós achamos muito importante nos transformarmos; consideramo-lo necessário. Não estamos satisfeitos com o que somos — pelo menos não está satisfeita a grande maioria das pessoas que refletem sèriamente — e desejamos transformar-nos, pois vemos a necessidade dessa transformação. Mas, parece-me que não percebemos bem a significação disso e, por isso, interessa-me examinar esta matéria convosco. Se posso sugerí-lo, tende a bondade de escutar, sem estardes armados de nenhuma conclusão positiva, sem a expectativa de uma resposta categórica, mas numa disposição tal que, examinando o assunto, compreendamos totalmente o problema.

Qualquer espécie de esfôrço que fazemos no sentido de efetuarmos uma transformação implica — não é verdade? — que sigamos um certo padrão, um certo ideal;

implica esfôrço de vontade e desejo de nos completarmos. Transformamo-nos, por influência das circunstâncias, forçados pelo ambiente, pela necessidade, ou disciplinamo-nos com o fim de nos transformarmos de acôrdo com um ideal. São estas as formas de transformação que conhecemos: ou por influência das circunstâncias, que nos obrigam a modificar-nos, ajustar-nos, submeter-nos a certo padrão social, religioso, familial — ou pelo disciplinar de nós mesmos de acôrdo com um ideal. Nesse disciplinar há conformismo, um esfôrço para nos adaptarmos a um certo padrão de pensamento, alcançarmos um certo ideal.

A transformação que se efetua pelo esfôrço da vontade é um processo familiar a quase todos nós. Todos conhecemos a mudança que se opera sob compulsão, a mudança que se faz por mêdo, a transformação tornada necessária pelo sofrimento. É um esfôrço, uma luta constante, visando à adaptação a um certo padrão que estabelecemos para nós mesmos ou que a sociedade nos impôz. É isso que chamamos "transformação", e nisso que estamos empenhados. Mas é isso realmente uma transformação? Considero importante, porém, compreender essa atividade, analisá-la, examinar a "anatomia" da transformação, compreender o que é que nos faz desejar modificar-nos. Porque essa atividade subentende — não é exato? — um conformismo consciente ou inconsciente com um certo padrão, por necessidade ou conveniência. E contentamo-nos com essa "continuidade modificada", essa transformação que nada mais é do que simples ajustamento exterior; que consiste, por assim dizer, em vestirmos uma capa nova, de côr diferente, permanecendo, entretanto, interiormente, estacionários. Desejo pois considerar por extenso esta questão, com o fim de averiguar se o nosso esfôrço produz-nos de fato uma transformação real.

O problema é: Como realizar uma revolução interior que não torne necessária a mera adaptação a um padrão, o ajustamento por mêdo, ou um grande esfôrço de

vontade, no sentido de sermos "alguma coisa". Êste é o nosso problema, não é verdade? Todos queremos mudar, vemos a necessidade disto, a não ser que estejamos totalmente cegos ou sejamos muito conservadores, recusando-nos a quebrar o padrão de nossa existência. Certo, esta questão importa sobremodo a quantos estamos sèriamente interessados: como operarmos em nós mesmos e, portanto, no mundo, uma mudança, uma transformação radical. Afinal, em nada diferimos do resto do mundo. Nosso problema é o problema do mundo. Conforme somos, assim fazemos o mundo. Assim, se, como indivíduos, compreendermos a questão do esfôrço e da transformação, talvez cheguemos a compreender se é possível produzir uma transformação radical sem o exercício da vontade.

Acho que o problema está claro. Isto é, sabemos que a transformação é necessária. Mas, **em que** devemos transformar-nos? E como operar esta transformação? Pensamos que esta transformação, que julgamos necessária, só pode ser efetuada pelo esfôrço da vontade. Eu sou **isto**, e tenho de transformar-me noutra coisa. A "outra coisa" já está pensada, e "projetada" — é um fim desejável, um ideal para ser realizado. Não é assim que pensamos a respeito da transformação? — ou seja como um ajustamento, constante, que fazemos voluntàriamente ou tangidos pelo sofrimento ou pela vontade. Subentende isso esfôrço constante, reação de um certo desejo, um certo condicionamento, não é verdade? E, assim, a tal transformação nada mais é do que a "continuidade modificada" do que já existia.

Investiguemos. Eu sou uma certa coisa, e desejo mudar. Escolho, pois, um ideal e em conformidade com êsse ideal, procuro transformar-me, faço um esfôrço de vontade, disciplino e forço a mim mesmo; e durante esta atividade se está travando dentro em mim, uma batalha entre o que sou e o que "deveria ser". Isso nos é bastante familiar. E o ideal — aquilo que eu acho que "deve-

ria ser" — não é apenas o oposto daquilo que sou? Não é, apenas, **a reação** daquilo que sou? Tenho ódio, e "projeto" o ideal da paz, do amor, e procuro ajustar-me ao ideal do amor, ao ideal da paz; por conseguinte, há luta, uma luta constante. Mas o ideal não é **o real**; é a "projeção", que faço, daquilo que eu gostaria de ser; é o produto de minha dor, meu sofrimento, meu próprio **fundo (background)**; nada mais é do que o resultado de meu desejo de ser uma coisa que não sou. Estou meramente a lutar para alcançar algo que eu gostaria de ser; por conseguinte, esta luta está ainda dentro do padrão da ação egocêntrica. O fato real — não achais? — é que sou **isto** e gostaria de ser **aquilo**; mas a luta para ser uma coisa diferente está ainda dentro do padrão do meu desejo.

Nessas condições, tôdas as nossas falas sôbre a necessidade de transformação serão muito superficiais, a menos que em primeiro lugar descubramos o processo profundo do nosso pensar — não achais? Enquanto tenho um **motivo** para a transformação, pode haver transformação? Meu **motivo** é: transformar-me do estado de ódio para um estado de paz. Porque acho que um estado de paz é muito mais cômodo, muito mais conveniente, mais feliz, e luto para alcançar tal estado. Mas a luta está ainda dentro do padrão de meu próprio desejo, e por essa razão não há transformação nenhuma; adquiri apenas uma palavra diferente: "paz", em vez de "ódio"; mas, essencialmente, continuo o mesmo. Nessas condições, o problema é: Como operar uma transformação central, para que não continuemos neste constante ajustamento a um padrão, uma idéia, por mêdo, sob compulsão, por influência do ambiente? Não é possível efetuar uma transformação radical, no próprio centro? Se houver transformação **lá**, então naturalmente tornar-se-á desnecessária qualquer espécie de ajustamento. A compulsão, o esfôrço, o processo de ajustamento a um ideal, serão então considerados totalmente desnecessários e fal-

sos, já que implicam uma luta constante, uma batalha sem fim entre mim mesmo e aquilo que eu "deveria ser".

Mas, é possível operar a transformação no centro? — sendo o centro o "ego", o "eu", que está sempre adquirindo, sempre tentando adaptar-se, ajustar-se, mas permanecendo essencialmente o mesmo? Espero que esteja fazendo claro o problema. Todo esfôrço deliberado, consciente, visando à transformação, é apenas a continuidade, sob forma modificada, do que já existia, não é verdade? Sou ganancioso; e, se deliberadamente, conscientemente, me ponho a transformar essa qualidade em "não-ganância" — êsse próprio esfôrço para ser "não ganancioso" não é igualmente um produto do "eu", do "ego", razão por que não pode haver transformação radical? Quando, conscientemente, faço um esfôrço para ser não-ganancioso, êsse esfôrço consciente resulta de uma outra forma de ganância, sem dúvida nenhuma. No entanto, é neste princípio que estão baseadas tôdas as nossas disciplinas, tôdas as nossas tentativas de transformação. Ou estamos a transformar-nos conscientemente ou nos estamos submetendo ao padrão da sociedade, ou sendo impelidos pela sociedade a ajustar-nos ao seu padrão o que, tudo, são formas diferentes de esfôrço deliberado, da nossa parte, para sermos **isto** ou **aquilo**. Assim, pois, onde há esfôrço consciente para nos transformarmos, essa transformação é òbviamente mero ajustamento a outro padrão; continua dentro do processo egocêntrico e, portanto, não é transformação nenhuma.

Assim sendo, posso perceber a verdade a êste respeito, compreender o inteiro significado do fato de que todo esfôrço consciente de minha parte, para ser diferente do que sou, só pode produzir mais sofrimentos, aflições e dores? E segue-se, então, a pergunta: É possível operar-se uma transformação no centro, sem esfôrço consciente para efetuar essa transformação? É-me possível, sem esfôrço, sem exercício da vontade, deixar de ser ávido, invejoso, irascível, etc? Se eu me transformo cons-

cientemente, se minha mente está ocupada com a ganância, que procura transformar em "não ganância", isso, òbviamente, é ainda uma forma de ganância, visto que minha mente está interessada, ocupada em "ser alguma coisa". Assim sendo, é-me possível transformar, no centro, êsse processo de aquisição, sem nenhuma ação consciente por parte de minha mente, visando a ser não-gananciosa?

Nosso problema, pois, é: Sendo como sou — ganancioso — de que modo pode ser transformada esta qualidade? Acho que compreendo muito bem que tôda luta de minha parte para transformar-me é esfôrço do "eu-consciente" para ser não-ganancioso, não aquisitivo — o que, afinal, é um desejo de aquisição. Que fazer, então? Como operar a transformação, no centro? Se compreendo a verdade de que tôda forma de esfôrço consciente é uma outra forma de aquisição, se a compreendo realmente, se lhe percebo distintamente o significado, deixarei então de fazer qualquer esfôrço consciente, não é verdade? Conscientemente, deixarei de exercer a minha vontade de modificar a minha ganância. Esta é a primeira coisa. Porque vejo que todo esfôrço consciente, tôda ação da vontade é outra forma de ganância, porque compreendo isso perfeitamente, cessam tôdas as práticas deliberadas, visando ao estado de "não-ganância".

Compreendido isso, que acontece? Se minha mente não mais está lutando para transformar a ganância, sob compulsão, ou porque tem mêdo, ou por fôrça de sanções morais, ameaças religiosas, leis sociais, etc. etc. — que acontece então à minha mente? De que maneira encara então a ganância? Espero que estejais seguindo isto, porque é muito interessante ver como a mente funciona. Quando pensamos que nos estamos transformando com o ajustar-nos, o "conformar-nos", o disciplinar a nós mesmos, em vista de um ideal — não há, na verdade, transformação nenhuma. Êste é um descobrimento extraordinário, uma importante revelação: a mente ocupada

em se tornar não-gananciosa — é uma mente gananciosa. Antes, ela se ocupava com ser gananciosa; agora, ocupa-se com ser não-gananciosa. Continua ocupada, e sua ocupação é ganância.

Agora, é possível a mente estar não-ocupada? Espero que estejais seguindo isto, porque, como sabeis, a mente de todos nós está ocupada — ocupada com alguma coisa, ocupada a respeito de Deus, da virtude, das coisas que os outros dizem ou não dizem, sôbre se alguém nos ama ou não ama. Antes estava a mente ocupada pela ganância, e agora está ocupada pela não-ganância — e, assim, de qualquer maneira está ocupada. O problema, pois, é êste: Pode a mente estar desocupada? — Porque, se ela não está ocupada, está apta a aplicar-se ao problema da ganância, em vez de tentar, meramente, transformar ganância em não-ganância. Pode a mente, que sempre estêve ocupada com adquirir, pode ela, sem se virar para o "não adquirir" — que é outra ocupação da mente — pôr fim a tôda e qualquer ocupação? Pode, certamente; mas só quando percebe a verdade de que ganância e não-ganância são o mesmo estado de ocupação. Enquanto a mente está ocupada com alguma coisa, é bem óbvio que não pode haver transformação. Não importa com o que esteja ocupada — se a respeito de Deus, da virtude, de vestimentas, do amor, da crueldade para com os animais, ocupada com ouvir rádio — tudo é a mesma ocupação. Não há ocupação superior ou ocupação inferior; tôdas as ocupações são essencialmente a mesma coisa. A mente ocupada está fugindo de si mesma; fugindo por meio da ganância ou por meio da não-ganância. Pode, pois, a mente, ao perceber todo êsse complexo processo, pôr fim à sua ocupação?

Acho que aí está o problema total. Porque, quando a mente não está ocupada, está então nova, está lúcida, é capaz de enfrentar qualquer problema de maneira nova. Quando não está ocupada, então, estando nova, pode atacar a ganância com uma ação de todo diferente. Assim,

a questão que nos cumpre investigar, explorar, é esta: Pode a mente estar desocupada? Por favor, não salteis a conclusões. Não digais que a mente deverá então estar num estado vago, estar "em branco", desorientada. Nós estamos investigando, e portanto não pode haver conclusões, asserções positivas, suposições, teorias, especulações. A mente pode estar desocupada? Se disserdes: "Como alcançar um estado mental em que não haja ocupação alguma?", então êsse "como alcançar?" se torna uma outra forma de ocupação. Vêde como isto é simples, e alcançareis assim a verdade a respeito desta matéria.

Muito importa verificar de que maneira estais ouvindo esta fala, de que maneira estais escutando as minhas palavras. São meras palavras, que não deveis aceitar nem rejeitar. São simplesmente fatos. De que maneira estais escutando o fato? Condenando-o? Dizendo-o impossível? Dizendo "Não compreendo o que dizeis, é difícil e abstrado demais"? Ou estais escutando com a disposição de achar a verdade contida na questão? Ver a verdade, sem desfiguração, sem traduzir o fato em vossa terminologia especial ou de acôrdo com vossa fantasia; perceber claramente, com plena consciência, o que estou dizendo — isto é suficiente. Vereis então que vossa mente já não está ocupada, e por conseguinte está nova, e capacitada, portanto, para enfrentar o problema da transformação de uma maneira totalmente diferente.

Se a transformação é consciente ou inconsciente, não importa. Uma transformação consciente implica esfôrço; e uma tentativa inconsciente de transformação implica igualmente esfôrço, luta. Enquanto há luta, conflito, a transformação é meramente forçada e não há compreensão; não há, por conseguinte, transformação verdadeira. Visto isso, será a mente capaz de aplicar-se ao problema da transformação — transformação da ganância, por exemplo — sem fazer esfôrço algum, percebendo simplesmente o verdadeiro significado da ganân-

cia? Pois não é possível perceber-se totalmente o significado da ganância, quando estamos fazendo algum esfôrço para modificá-la. Uma verdadeira transformação só é possível quando a mente se aplica ao problema de maneira nova, sem as lembranças bolorentas de milhares de dias passados. É bem óbvio que não podemos ter uma mente nova, uma mente ardorosa, se ela está ocupada. E a mente só deixa de estar ocupada quando percebe a verdade sôbre a coisa com que está ocupada. Não podeis perceber a verdade se não estais dando tôda a atenção ao que se está dizendo, se o estais traduzindo segundo vossa conveniência ou nos vossos próprios têrmos. Deveis chegar-vos a uma coisa nova com uma mente nova, e uma mente não está nova quando está ocupada, consciente ou inconscientemente.

Esta transformação, com efeito, se realiza quando a mente compreende por inteiro o processo de si mesma. Portanto, é essencial o autoconhecimento — não o autocinhecimento segundo um certo psicólogo ou um certo livro, mas o autoconhecimento que vós mesmo descobris, momento por momento. Êste autoconhecimento não se acumula, e não se guarda na mente como memória, porque se o acumulardes, se o armazenardes, tôda experiência nova será traduzida de acôrdo com essa memória velha. O autoconhecimento, pois, é um estado em que tôdas as coisas são observadas, "experimentadas", compreendidas e postas de parte — **não** guardadas na memória, mas postas para o lado, para que a mente seja sempre nova e sempre ardorosa.

PERGUNTA: *O mundo em que vivemos está em confusão, e eu também estou confuso. Como posso livrar-me desta confusão?*

KRISHNAMURTI: Uma das coisas mais difíceis é uma pessoa saber por si mesma, não superficialmente, apenas, mas sabê-lo verdadeiramente, que está confusa. Nin-

guém quer admitir tal coisa. Estamos sempre na esperança de que apareça alguma claridade, alguma abertura por onde nos venha a compreensão; e, assim, nunca admitimos para nós mesmos que estamos realmente confusos. Nunca reconhecemos que somos gananciosos, que somos irascíveis, que somos isto ou aquilo; há sempre desculpas, sempre explicações. Mas o saber realmente que "estou confuso" — isto é uma das coisas mais importantes que devemos reconhecer para nós mesmos. Não estamos todos nós confusos? Se estivésseis na claridade, se soubésseis o que é verdadeiro, não estaríeis aqui; não estaríeis à cata de instrutores, a ler livros, a freqüentar cursos de psicologia, a freqüentar igrejas, a buscar o sacerdote, a confissão, e tudo o mais. O sabermos por nós mesmos que estamos confusos é, com efeito, uma coisa dificílima.

Esta é a primeira coisa: Sabermos que estamos confusos. Ora, que acontece quando estamos confusos? Todo esfôrço — prestai atenção! — todo esfôrço para nos tornarmos "não confusos" é ainda confusão (**manifestações de hilaridade**). Por favor, escutai quietos e vereis que isto é verdade. Quando a mente confusa faz esforços para ser "não confusa", êste próprio esfôrço é produto da confusão, não é? Por conseguinte, o que quer que ela faça, qualquer que seja a sua ocupação, sua atividade, sua religião, o livro que leia — ela estará sempre num estado de confusão e impossibilitada de compreender. Seus guias, seus sacerdotes, suas religiões, suas relações — tudo estará necessàriamente confuso. É isto que está acontecendo no mundo, não é verdade? Vós escolhestes vossos líderes políticos, vossos guias religiosos, de dentro da vossa confusão.

Se compreendermos que tôda ação resultante da confusão é também confusa, teremos então, em primeiro lugar, de desistir de qualquer ação — coisa que a maioria de nós não tem vontade de fazer. A mente confusa que se põe em ação só cria mais confusão. Podeis rir-vos, podeis sorrir-vos, mas em verdade não percebeis que

estais confusos e que, portanto, deveis desistir de agir. Por certo, esta é a primeira coisa que se deve fazer. Se me perco numa floresta, não me ponho a correr a êsmo, em tôdas as direções, e, sim, logo me detenho, quedo-me imóvel. Se estou confuso, não saio atrás de um guia, nem a perguntar a outros como sair da confusão. Porque qualquer resposta que outro me dê e que eu aceite será traduzida de acôrdo com minha confusão e, por conseguinte, não trará solução alguma. Dificílimo é reconhecer que, quando nos vemos confusos, temos de deter tôda atividade, psicològicamente. Não me estou referindo à atividade exterior — atender aos negócios, etc. — mas, interiormente, psicològicamente, precisamos perceber a necesidade de pôr fim a tôda busca, tôda ocupação, todo desejo de mudança. É só quando a mente confusa se abstém de todo e qualquer movimento, que, em virtude desta imobilização, vem a claridade.

Mas é muito difícil, para a mente confusa, abster-se de procurar, indagar, rezar, fugir — é-lhe muito difícil permanecer na sua confusão, investigando a sua natureza, procurando descobrir porque está confusa. Só então se pode descobrir como surge a confusão. Nasce a confusão quando não compreendo a mim mesmo, quando meus pensamentos são guiados pelos sacerdotes, pelos políticos, pelos jornais, pelos livros psicológicos que leio. A contradição existente em mim mesmo e nas pessoas que estou procurando seguir, surge, quando há imitação, quando há mêdo. Importa, pois, se desejamos dissipar a confusão, compreendamos o processo da confusão existente em nós mesmos. Para isso torna-se necessário que parem tôdas as nossas ocupações, psicològicamente. É só então que a mente, pela compreensão de si própria, faz nascer a clareza, que lhe permite observar todo o processo de seus pensamentos e motivos. E esta mente se torna muito lúcida, simples, direta.

PERGUNTA: *Quereis ter a bondade de explicar o que entendeis por "percebimento"?*

KRISHNAMURTI: Simplesmente: **percebimento** — e nada mais! Percebimento dos vossos julgamentos, vossos preconceitos, vossos gostos e aversões. Quando vêdes uma coisa, a maneira como a vêdes é resultado de vossa comparação, condenação, julgamento, avaliação, etc., não é? Quando ledes alguma coisa, estais julgando, estais criticando, estais condenando ou aprovando. Estar vigilante é perceber instantâneamente tôdo êsse processo de julgar e avaliar, perceber as conclusões, o conformismo, as aceitações, as rejeições. Ora, pode-se estar cônscio, vigilante, sem êsse processo? Atualmente, tudo o que conhecemos é um processo de avaliação, e essa avaliação procede de nosso condicionamento, nosso **fundo**, das influências religiosas, morais e educativas. Êste suposto percebimento resulta de nossa memória — memória como "eu" — holandês, hinduísta, budista, católico, etc. É o "eu" — minhas lembranças, minha família, minha propriedade, minhas qualidades — é o "eu" que está observando, julgando, avaliando. Isso nós sabemos muito bem se estamos despertos, por pouco que seja. Ora, pode haver percebimento sem isso, sem o "eu"? Podemos observar sem condenação — observar com simplicidade o movimento da mente, da nossa própria mente, sem julgarmos, sem avaliarmos, sem dizermos "isto é bom" ou "isto é mau"?

O percebimento que brota do "eu", ou seja o percebimento de avaliação, julgamento, cria sempre dualidade, o conflito dos opostos — **aquilo que é** e **aquilo que deveria ser.** Nesse percebimento há julgamento, há mêdo, há avaliação, condenação, identificação. Nada mais é do que percebimento pelo "eu", com suas tradições, lembranças e tudo o mais. Êsse percebimento gera sempre conflito entre o observador e o objeto observado, entre

o que **sou** e o que **deveria ser**. Ora, é possível estarmos cônscios sem êsse processo de condenação, julgamento, avaliação? É possível olhar-me a mim mesmo, quaisquer que sejam os meus pensamentos, sem condenar, sem julgar, sem avaliar? Não sei se já perguntastes isto alguma vez. É uma coisa muito difícil — porque nossa educação, desde a meninice, induz-nos a condenar ou aprovar. E no processo de condenação e aprovação há frustração, há mêdo, há dor, uma ansiedade, que nos corroem e constituem o próprio processo do "eu", do "ego".

Assim, sabendo disso, pode a mente, sem esfôrço, sem tentar não condenar — porque no momento em que diz "não devo condenar" já está cativa do processo da condenação — pode a mente perceber sem julgamento? Pode ela estar vigilante, sem paixão, e dêsse modo observar os próprios pensamentos e sentimentos, no espelho das relações — relações com coisas, com pessoas e com idéias? Esta observação silenciosa não gera um estado de indiferença, um gélido intelectualismo; pelo contrário. Se desejo compreender uma coisa, é claro que não pode haver condenação, não pode haver comparação; isto é simples, sem dúvida. Mas nós pensamos que a compreensão resulta da comparação; e assim multiplicamos as comparações. Nossa educação é comparativa; e tôda nossa estrutura moral e religiosa é de comparar e de condenar.

Nessas condições, o percebimento a que me refiro, é o percebimento do processo da condenação, na sua totalidade, e o seu findar. Nêsse percebimento há observação sem julgamento — coisa extremamente difícil, visto que implica a cessação, o terminar do "dar nomes". Quando percebo que sou ávido, ganancioso, irascível, apaixonado, ou o que quer que seja, não é possível que eu me limite a observar, a estar cônscio disso, sem o condenar? — o que significa abster-me de dar nome ao próprio sentimento. Porque se dou um nome (por exemplo "ganância") êsse próprio "dar nome" é processo de con-

denação. Para nós, neurològicamente, a própria palavra "ganância" já é uma condenação. Libertar a mente do condenar significa pôr fim ao "dar nomes". Afinal, o "dar nomes" é o processo do "pensador". Representa o pensador separando-se do pensamento — o que é um processo todo artificial, uma irrealidade. Só existe pensar: não há pensador; só há um "estado de experimentar" e não há "entidade que experimenta".

Assim sendo, o processo do percebimento, da observação, é o processo da meditação. É — se posso expressá-lo de modo diferente — a disposição para "chamar" o pensamento. No tocante à maioria de nós, os pensamentos vêm sem ser chamados — um pensamento atrás do outro: não há fim ao pensar; a mente é escrava de tôda sorte de pensamentos inconstantes. Se perceberdes isso, vereis que se pode "chamar" o pensamento — provocar o pensamento e seguir cada pensamento que aparecer. Em geral, o pensamento nos vem, à maioria de nós, sem ser chamado; aparece em qualquer das maneiras costumadas. Compreender êsse processo, e chamar o pensamento, e seguir cada pensamento até o fim, tal é o processo que descrevi como "percebimento"; e nesse processo não há denominações condenatórias. Percebe-se, então, que a mente se tornou sobremodo tranqüila — não pelo cansaço, nem pela disciplina, ou qualquer forma de autotorturação e contrôle. Pelo percebimento de suas atividades, a mente se torna quieta num grau extraordinário, plácida, criadora — sem a ação de qualquer disciplina ou coerção. Então, nessa tranqüilidade mental surge aquilo que é verdadeiro, **sem ser chamado**. Não se pode chamar a Verdade, pois ela é "o desconhecido". E naquele silêncio não há experimentador. Por conseguinte, o que se experimenta não é guardado, não é lembrado como "minha experiência da Verdade". Manifesta-se, então, algo que está fora do tempo — que não pode ser medido por aquêle que não o "experimentou" ou que apenas se lem-

bra de uma experiência passada. A verdade é uma coisa que se apresenta momento por momento. Ela não pode ser cultivada, não pode ser acumulada, guardada e conservada na memória. Só se apresenta quando há percebimento, com ausência do "experimentador".

26 de maio de 1955.

FIM

ÍNDICE E RESUMO DAS PERGUNTAS